

GEANE OLIVEIRA LANES

Pelo Espírito Agnel

# Metamorfose



Letra Espírita

Copyright © 2021 Geane Oliveira Lanes

1ª edição eletrônica: Agosto de 2021

**Capa:** Fernanda Oenning

**Projeto eletrônico:** Gabriela Dias

**Revisão:** Roberto de Carvalho

**Ilustração:** Freepik.com

ISBN 978-65-88535-13-4

### **Metamorfose | Geane Oliveira Lanes**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem autorização do Letra Espírita.

**Contato e pedidos:**

**[vendas@letraespirita.com.br](mailto:vendas@letraespirita.com.br)**

**(22) 2738-0184**



**GEANE OLIVEIRA LANES**

Pelo Espírito Agnel



# *Metamorfose*

CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ - 2021



# METAMORFOSE

A metamorfose é um processo de mudança. Muitos animais, como as borboletas, fazem a metamorfose para mudar de sua fase jovem (lagarta) para a fase adulta. Na metamorfose é alterada não só a aparência, mas também os hábitos de vida. Quando a borboleta faz a metamorfose, ela não se torna mais bonita, apenas diferente, e a sua vida como lagarta é necessária para que ela possa viver plenamente como borboleta adulta.

Nós somos assim, seres em constante metamorfose. A aparência não importa, mas as atitudes estão sempre em transformação. Mudamos de comportamento, de pensamento e de atitudes, mas nunca deixamos de ser quem somos. A borboleta adulta é o mesmo indivíduo que foi lagarta, mas agora tem a possibilidade de alçar voo e superar muitas de suas dificuldades.

Uma vez borboleta adulta, não há como voltar atrás, pois nós não desaprendemos, apenas seguimos em frente, rumo à nossa evolução moral. Podemos prolongar e atrasar nossa metamorfose, mas nunca a impedir ou revertê-la.

Que cada um de nós possa crescer e se desenvolver, tornando-se uma linda borboleta. Mas que não esqueçamos o quanto devemos respeitar o tempo de cada um, percebendo a importância de cada uma de nossas experiências durante este processo de evolução.

*Agnel*



*“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.*

*Há tempo de nascer, e tempo de morrer;*

*tempo de plantar, e tempo de colher;*

*Tempo de matar, e tempo de curar;*

*tempo de derrubar, e tempo de edificar;*

*Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo  
de prantear, e tempo de dançar;*

*Tempo de espalhar pedras, e tempo de  
ajuntar pedras; tempo de abraçar,  
e tempo de se afastar;*

*Tempo de buscar, e tempo de perder;*

*tempo de guardar, e tempo de lançar fora;*

*Tempo de rasgar, e tempo de coser;*

*tempo de estar calado, e tempo de falar;*

*Tempo de amar, e tempo de odiar;*

*tempo de guerra, e tempo de paz.”*

*(Eclesiastes 3:1-8)*



## TEMPO DE NASCER

Ao final do século XIX, em uma fria noite de inverno de pequena região rural do interior de Minas Gerais, nasceu Jorge, o filho mais novo de José Henrique e Matilde. Nessa ocasião, o casal já possuía cinco filhos: um menino e quatro meninas, os quais foram criados dentro dos moldes rígidos da época, principalmente em se tratando de uma família tão reconhecida e respeitada naquela localidade.

José Henrique, patriarca da família, casou-se tarde para os costumes da época, com cerca de trinta anos de idade. Quando Jorge nasceu, ele já possuía cinquenta anos, mas apesar da idade e da pele castigada pelo sol e pelos excessos de uma vida desregrada, era um homem bonito que ainda encantava muitas mulheres.

José Henrique não possuía muito estudo, mal havia sido alfabetizado, mas com a ajuda de seus falecidos pais e do irmão mais velho conseguiu se tornar um grande fazendeiro, mantendo uma respeitada criação de gado leiteiro. Devido à sua personalidade e influenciado pelos moldes de sua criação e da vida dura que teve, José Henrique se tornou uma pessoa ríspida, intolerante e extremamente controladora. Embora já houvesse ocorrido a abolição da escravatura, seus empregados ganhavam tão pouco e eram tão maltratados que muitas vezes se sentiam como escravos. Além disso, José Henrique tratava seus filhos e a esposa com a mesma firmeza e rispidez com que tratava os empregados.

Matilde era uma bela mulher, sendo quatorze anos mais jovem que o marido. O casamento não fora arranjado como costumava acontecer na época, porque Matilde realmente se apaixonou por seu pretendente. Mas o que ela não sabia é que ele se tornaria um homem extremamente controlador e agressivo. Matilde vivia em constantes conflitos pessoais, pois, apesar de ser inteligente e emocionalmente independente, sabia dos limites sociais exigidos às mulheres de seu tempo. Muitas vezes ela não concordava com a forma com que José Henrique tratava seus filhos e empregados, mas se sentia compelida a aceitar o temperamento do marido, pois deveria ser respeitosa e submissa a ele.

As irmãs de Jorge (Lúcia, Maura, Maria e Vilma), como muitas mulheres na época, estudaram apenas o básico para aprenderem a ler, fazer contas e se portar bem, pois eram criadas com o único objetivo de conseguir um bom casamento, o que todas conquistaram muito cedo.

Agnaldo, filho mais velho do casal, já tinha quinze anos quando Jorge nasceu e era um menino sereno, religioso e inteligente. Ainda jovem, foi enviado para estudar em um internato de São Paulo, visitando sua família apenas durante os períodos de férias. Inicialmente, a ida de Agnaldo para São Paulo foi um tormento para Matilde, pois ele era visivelmente seu filho mais querido. Porém, com o tempo, ela percebeu que crescer longe do comportamento agressivo de José Henrique seria o melhor para o seu primogênito.

Com a ausência do filho mais velho, José Henrique criou Jorge para ser seu sucessor na fazenda. Desde pequeno, o menino passava mais tempo com o pai do que com sua mãe, e não demorou para que as semelhanças no comportamento dos dois comesçassem a saltar aos olhos de todos. Ainda com treze anos, Jorge já se mostrava um espelho de seu pai, não só na força e no poder de liderança, mas também na grosseria e estupidez, principalmente com os empregados. Matilde tentou fazer Jorge seguir os passos de Agnaldo, mas foi inútil, pois, ao contrário do irmão mais velho, ele

nunca se interessou pelos estudos ou por doutrinas religiosas. Dessa forma, Jorge estudou apenas o básico para lidar com o trabalho na fazenda e, desde cedo, se recusava a frequentar as missas na igreja.

Mesmo temerosa, Matilde tinha esperança de que, com o tempo, Jorge amadurecesse e se tornasse um homem melhor que o seu marido. Entretanto, com apenas dezessete anos, o rapaz já colecionava inimizades, não só entre os donos das fazendas que cercavam as terras de sua família, mas também na cidade mais próxima, a qual Jorge costumava frequentar, fosse acompanhando seus empregados na entrega do leite produzido na fazenda ou em suas noitadas no bordel localizado na periferia do município.



## TEMPO DE COLHER

A cidade próxima à fazenda da família de Jorge era pequena, tendo apenas uma igreja e alguns pequenos comércios. Ao contrário dos casebres localizados na periferia, as moradias no centro da cidade eram relativamente suntuosas e apenas aqueles com maior poder aquisitivo viviam ali, como era o caso do prefeito Ferdinando.

A família do prefeito era pequena, sendo composta apenas por ele, sua esposa Clara e sua filha Amélia. O casal planejava ter mais filhos, porém complicações durante a primeira gravidez de Clara impediram a concretização de seus planos. A esterilidade de Clara foi um grande pesar para Ferdinando, pois ele sonhava em ter um filho varão que pudesse seguir seus passos, mas, apesar do seu grande desejo de ter tido um menino, amava muito a filha e a criou rodeada de cuidados e superproteção.

Amélia era uma jovem dócil e gentil que, aos dezesseis anos de idade, encantava a todos com sua beleza. Ela tinha lindos olhos azuis e uma pele tão branca quanto o leite que buscava em sua porta todos os dias pela manhã. Amélia não precisava se dar ao trabalho de buscar o leite, pois havia empregados para isso, mas ela não desperdiçava a oportunidade de ver o jovem que o trazia diariamente à sua casa.

Jorge, da mesma forma, não precisava ir à residência de

Ferdinando, pois sua obrigação era apenas acompanhar a entrega do leite na mercearia, a partir da qual era distribuído por toda a cidade e para fora dela. O rapaz, no entanto, fazia questão de levá-lo pessoalmente até a casa do prefeito, pois contava as horas para ver a linda Amélia.

Jorge era apenas um ano mais velho que a filha do prefeito e, no auge de seus dezessete anos, apresentava uma beleza rústica. Apesar de jovem, já possuía uma barba bem definida, o que combinava perfeitamente com seus olhos verdes e sua pele branca queimada de sol. Ele era bonito e sabia disso, usando a sua beleza e o poder de pertencer a uma família rica para atrair as meninas da cidade e das fazendas próximas.

A fama de galanteador e até mesmo de cafajeste já o precedia, o que não era nada favorável ao seu interesse por Amélia, menina religiosa, educada e bem-comportada. Além disso, a intenção do prefeito Ferdinando era casar sua filha com um “doutor”<sup>1</sup> e, por intermédio do futuro genro ou neto, finalmente ter um herdeiro para seguir seus passos.

Com o passar do tempo, Jorge se tornava cada vez mais semelhante ao pai, José Henrique, inclusive em suas tendências à violência. Não demorou muito até que este lhe permitisse andar armado e já havia boatos sobre Jorge ter abreviado a vida de alguns de seus desafetos, o que infelizmente era verdade. Nessa época, ele já havia matado pelo menos uns quatro homens da redondeza. Jorge não era de levar desaforo para casa e sempre se metia em brigas, principalmente quando bebia, o que acontecia frequentemente.

O comportamento agressivo e mulherengo de Jorge não preocupava o pai, que acobertava todas as suas ações, mas era motivo de discussões constantes com sua mãe e, principalmente, com o irmão Agnaldo, um advogado renomado na capital paulista.

Passados dois anos, Jorge, agora com dezenove anos, já não era mais um adolescente inconsequente, e sim um fazendeiro temido. Com a recente morte de seu pai, ele se tornou o homem da casa,

visto que Agnaldo visitava cada vez menos a família no interior de Minas, pois agora tinha sua própria família em São Paulo.

Devido ao seu comportamento, a forma como ocorreu o desencarne de José Henrique não surpreendeu a ninguém. Seu corpo foi encontrado em uma das estradas que levavam à fazenda e apresentava ferimentos condizentes com espancamento. Muitos desconfiavam de que ele fora vítima de uma tocaia e que, provavelmente, não havia sido obra de um único agressor. À época, Jorge ficou muito revoltado e quis fazer justiça com as próprias mãos, mas não conseguiu descobrir quem havia orquestrado o assassinato de seu pai. Todos tinham medo de Jorge e, se alguém sabia de algo, não ousou abrir a boca. O delegado da cidade também não conseguiu chegar a nenhuma conclusão acerca do assassinato; não por falta de suspeitos, mas por excesso deles.

---

<sup>1</sup> Termo que na época era utilizado para indicar pessoas com um alto grau de estudo, principalmente advogados e médicos.



## TEMPO DE AMAR

Mesmo com o passar do tempo, o interesse de Jorge por Amélia, a filha do agora ex-prefeito, não reduzia. Ferdinando, no entanto, não se mostrava interessado em conceder a mão de sua filha a Jorge, o que não impedia que o fazendeiro a procurasse constantemente. Jorge cercava Amélia na saída da igreja, na ida ao mercado, em todo lugar, até que um dia finalmente conseguiu estar a sós com ela.

Amélia fazia trabalhos voluntários na igreja e, muitas vezes, saía tarde de lá. Para evitar que corresse perigo, padre Onofre geralmente a acompanhava até sua casa, a qual não ficava muito longe da igreja. Porém, nesse dia específico, o padre não se sentia muito bem e disse à moça que pediria a um de seus auxiliares que a acompanhasse, mas ela decidiu ir sozinha, afinal de contas, que tipo de perigo poderia haver naquela cidade tão pacata?!

O sol havia se posto há pouco tempo e a lua cheia iluminava as calmas ruas da cidade. Amélia caminhava distraidamente em direção à sua casa quando percebeu que estava sendo seguida. Com muito medo, tentou andar mais rápido, mas, próximo à praça, tropeçou em uma pedra e caiu. Alcançada por seu perseguidor, Amélia teve uma grande surpresa ao perceber que se tratava de Jorge e o sentimento de medo rapidamente se transformou em alegria e entusiasmo. Mesmo com os boatos sobre o mau

comportamento do rapaz, ela era apaixonada por ele desde pequena.

Ele prontamente a ajudou a se levantar e sentar-se em um dos bancos da praça. Amélia, ainda tremendo e com lágrimas nos olhos, sorria não se importando com o rasgo na barra de seu vestido nem com os joelhos ralados.

Na tentativa de acalmá-la, Jorge começou a perguntar sobre o trabalho voluntário de Amélia na igreja. Ela contou como amava auxiliar o padre Onofre nos trabalhos de caridade e, sorrindo, descreveu a satisfação que sentia em poder fazer algo por aqueles que necessitavam de auxílio.

“Como posso gostar tanto desta menina?” – pensou Jorge, estranhando seus próprios sentimentos.

Após um curto tempo de conversa, Jorge começou a demonstrar que não estava interessado apenas em saber como havia sido o dia de sua amada. Ele verificou que não havia ninguém por perto e passou o braço em volta da cintura de Amélia, puxando-a para junto de seu peito e beijando-a. Para sua surpresa, não foi repreendido e, mesmo sendo a primeira vez que ficava tão perto de um homem, Amélia retribuiu ao beijo. Logo, o que começou com um gesto inocente se transformou em um beijo ardente e totalmente inadequado para uma moça solteira e respeitada.

Nesse momento, o casal foi surpreendido pelo pai de Amélia e alguns de seus empregados que estavam à sua procura há quase uma hora. O padre Onofre havia ficado preocupado com a moça caminhando sozinha pela cidade e pedira que um de seus auxiliares fosse até a casa dela para se certificar de que ela havia chegado bem.

O pai de Amélia, que já estava nervoso e irritado, quase perdeu o controle quando percebeu que o vestido da filha estava rasgado e seus joelhos feridos. A vontade de Ferdinando era dar fim à vida de Jorge ali mesmo, mas ele não quis criar tumulto, afinal, era o ex-prefeito e a imagem de sua filha também estava em jogo. Ferdinando arrancou Amélia dos braços de Jorge, o qual se levantou rapidamente e levou a mão à cintura. A intenção dele era sacar sua

arma, mas, vendo-se cercado pelos empregados de Ferdinando, e compadecido pelas lágrimas de Amélia, deixou-se levar até a casa do ex-prefeito.

Após desarmarem Jorge, os empregados de Ferdinando o obrigaram a sentar no sofá da sala, enquanto o ex-prefeito esbravejava insultos a seu respeito. Jorge, fugindo ao seu comportamento usual, mantinha-se sentado e tentava se controlar para não partir para a violência física.

Amélia, aos prantos, foi levada até a cozinha onde ouviu um sermão de sua mãe, que a acusava de envergonhar a família e agir como uma mulher qualquer.

– Mãe, eu o amo e eu sei que ele me ama – disse a moça entre soluços.

– Ele é um cafajeste e não tem o direito de tocar em você. Olhe o que ele lhe fez! – Clara exclamou apontando para os joelhos da filha.

– Ele não me machucou. Eu caí e ele me ajudou a levantar. Além disso, eu quis o beijo tanto quanto ele.

Em um impulso de raiva e vergonha, Clara esbofeteou Amélia, que levou a mão ao rosto e saiu correndo da cozinha.

Na sala, Ferdinando gritava com Jorge, quando foi surpreendido pela entrada repentina de Amélia.

– Pai, por favor, ele não fez nada de errado. Fez apenas o que eu permiti que fizesse.

– Minha filha, como ousa me dizer isso? Então, permitiu que ele abusasse de você? – perguntou Ferdinando com extrema irritação.

– Ele não abusou de mim. Sei que o meu comportamento foi inadequado, mas eu o amo. Eu sei o que o senhor pensa sobre o Jorge, mas ele não me fez mal nenhum.

Jorge ficou parado olhando para Amélia que tentava defendê-lo e se deu conta do quanto realmente amava aquela linda mulher.

– O senhor tem todo o direito de ficar irritado conosco, mas Amélia não teve culpa de nada. Fui eu que a beijei – falou Jorge tentando amenizar a situação.

– Minha filha não é como as mulheres com quem você está acostumado a sair. Ela é uma menina direita e, de forma alguma, vou admitir que se envolva com um sujeitinho como você – esbravejou Ferdinando com ira no olhar.

– Eu sei que Amélia não é uma mulher qualquer e não tenho a intenção de tratá-la assim. O que sinto por sua filha é real. Eu a amo e pretendo me casar com ela.

– Casar?! Você ficou louco? Nunca admitirei que minha filha se case com você. Saia da minha casa antes que eu perca a cabeça – ordenou Ferdinando tentando manter a compostura.

O jovem fazendeiro não queria criar mais problemas para Amélia e se retirou. A moça, por outro lado, ficou inconsolável e, entre soluços, trancou-se no quarto sem dizer mais nenhuma palavra.



Passadas algumas semanas, a situação na casa do ex-prefeito se tornava insustentável. Amélia mal saía do quarto e, quando o fazia, permanecia em silêncio e se recusava a comer. Para os pais dela e os empregados, era como se a alegria tivesse se esvaído daquela casa. Clara não sabia o que fazer e temia pela vida da filha, que estava cada vez mais magra e pálida.

Ferdinando não aceitava a ideia de ter sua filha casada com um homem como Jorge e pediu que o padre Onofre fosse vê-la, pensando que talvez o religioso conseguisse demovê-la daquele propósito.

Na manhã seguinte, atendendo ao pedido de Ferdinando, padre Onofre foi até a casa do ex-prefeito para tentar amenizar a situação. Ele foi encaminhado ao quarto de Amélia, onde permaneceu por não mais de quinze minutos.

Saindo do aposento, o padre foi até o escritório de Ferdinando que, sentado atrás de uma grande mesa de madeira, o esperava. Padre Onofre se sentou na poltrona em frente à mesa e lastimou:

– Perdoe-me senhor Ferdinando, mas Amélia se recusou a me ouvir.

– Padre, eu não sei mais o que faço. A Amélia não quer falar comigo depois de tudo que aconteceu, eu até compreendo, mas ela não quer falar com ninguém, mal come e vive trancada naquele quarto.

– E o que o senhor pensa em fazer?

– Inicialmente, achei que fosse fogo de palha e que ela esqueceria o infeliz, mas Amélia está irredutível. Eu quase perdi a linha e lhe dei umas boas palmadas, mas não tive coragem.

– Não acredito que uma surra irá fazê-la mudar de ideia, talvez seja até pior. Senhor Ferdinando, eu sei que o Jorge não é o melhor partido para sua filha, mas nunca parou para pensar que talvez ele seja o único?

– O que quer dizer com isso? Somos uma família respeitada e abastada, e Amélia é uma menina linda e educada. Qualquer homem teria sorte em tê-la como esposa.

– Sim, eu concordo. Mas o senhor nunca parou para pensar o porquê de, mesmo com tantos atributos, Amélia ter chegado aos dezoito anos sem pretendentes, além do Jorge?

– O que o senhor quer dizer com isso?

– Nenhum rapaz tem coragem de se aproximar de sua filha, pois todos sabem como Jorge é fascinado por ela desde que eram crianças. Todos têm medo dele.

– O que o senhor está me propondo? Que eu o aceite como genro?

– Realmente, o Jorge não é o rapaz mais adequado para se casar com Amélia, mas eu acredito que ele a ame de verdade, pois a tem respeitado durante todo esse tempo.

Ferdinando se surpreendeu com o comentário do padre e, olhando diretamente em seus olhos, bateu a mão sobre a mesa e o questionou:

– Respeitado? E a forma como eu os flagrei?

– Um beijo? Eu sei que pode parecer absurdo ouvir isso de mim,

mas dentro dos padrões de comportamento do Jorge, isso é respeito. Além disso, até onde eu sei, ele não a forçou.

Ferdinando se levantou rapidamente e, aumentando o tom de voz, retrucou:

– Padre Onofre, o senhor está querendo culpar a minha filha?

– Não, eu só temo pelo que possa acontecer. Se as coisas continuarem assim, ou Amélia morre de tristeza ou...

– Ou o quê?

Tentando não irritar ainda mais o ex-prefeito, padre Onofre respirou fundo e respondeu com serenidade:

– Eu conheço a fama daquele rapaz. Se é a Amélia que ele quer, não medirá esforços para tê-la. E como ela também o quer, eu temo que eles fujam.

– Isso nunca! – Ferdinando falou de forma enérgica, enquanto andava de um lado para o outro da sala.

– Já basta eu não ter um herdeiro varão, não posso perder a única filha que tenho. Eu deveria ter matado aquele infeliz quando tive chance.

– Não, não deveria. Eu sei que o senhor é uma pessoa correta e temente a Deus.

– O que eu faço então? Mando Amélia para São Paulo ou para um convento?

– Jorge é rico e influente. O senhor acha que adiantaria fazer isso?

Ferdinando sentou à mesa e, cobrindo o rosto com as mãos, respondeu com tristeza:

– Não, eu sei que ele iria atrás dela.

– Ferdinando, eu não posso tomar decisões pelo senhor, mas pense com cuidado e não deixe que o ódio o cegue.

O padre Onofre se despediu e voltou para a igreja, deixando aquele pai pensativo e aflito.

Ferdinando sabia que não conseguiria impedir Amélia de se encontrar com Jorge novamente e, temendo pela reputação da família, finalmente concordou em conceder a mão de sua filha.

Assim, mandou que um de seus empregados fosse até a fazenda de Jorge e o convidasse para um jantar ainda naquela noite. Clara não ficou contente com a decisão do marido, mas sabia que aquilo faria sua filha feliz e talvez fosse a única solução para o problema.

Ao saber da decisão de seu pai, as lágrimas de tristeza nos olhos de Amélia foram imediatamente substituídas por lágrimas de felicidade e ela, prontamente, se levantou e pediu à mãe que a ajudasse a escolher um vestido para o jantar.

Fumando um cigarro de palha na varanda de sua casa, Jorge descansava após o almoço quando seu capataz foi avisá-lo de que dois empregados de Ferdinando o esperavam na porteira principal da fazenda. O rapaz pegou a arma que estava sobre a mesa, ao seu lado e, acompanhado pelo capataz, cavalgou ao encontro dos empregados do ex-prefeito. Jorge desconfiava que Ferdinando pudesse tê-los enviado para matá-lo e, pegando um caminho diferente, ele e o capataz surpreenderam os dois empregados chegando pela lateral da estrada. Já com arma em punho, o jovem fazendeiro desceu do cavalo e os questionou:

– O que fazem aqui?

– Acalme-se, senhor Jorge. Nós viemos em paz. Não há necessidade dessa arma.

Jorge se aproximou um pouco mais e, irritado, repetiu:

– O que fazem aqui?

– O senhor Ferdinando nos enviou para convidar o senhor para jantar na casa dele hoje à noite. Ele disse que quer conversar com o senhor sobre a senhorita Amélia. Nós não sabemos de detalhes, pois ele apenas nos pediu para dizer que, pelo bem de Amélia, vocês precisam chegar a um acordo.

“Não seria uma armadilha? Será que o senhor Ferdinando estaria armando uma tocaia para mim?” – pensou Jorge com extrema desconfiança.

– Tudo bem, diga ao patrão de vocês que estarei lá, mas avise-o que, de forma alguma eu irei sozinho.

Os empregados do ex-prefeito acenaram positivamente com a cabeça, montaram em seus cavalos e seguiram pela estrada.

Apesar do receio, Jorge queria muito ver Amélia mais uma vez e tinha esperanças de que Ferdinando finalmente o aceitasse como genro. Como não havia comentado com sua mãe sobre o acontecido de semanas atrás, preferiu também não mencionar sobre o convite para aquele jantar. Ele tinha receio de como sua mãe reagiria e preferiu ter certeza sobre as intenções de Ferdinando antes de falar com a família.

Como havia prometido, Jorge foi à casa de Ferdinando acompanhado de seu capataz e mais dois empregados de confiança, os quais permaneceram do lado de fora.

Para sua surpresa, teve uma recepção bem diferente da que havia recebido da última vez. Uma das empregadas abriu a porta e, com muita gentileza, o encaminhou até o escritório principal, onde Ferdinando o esperava. O pai de Amélia estava à frente de sua mesa de escritório, segurando um copo de uísque na mão esquerda e sua arma na direita. Jorge não sacou sua arma, mas, levando a mão à cintura, questionou Ferdinando:

– O que o senhor quer comigo? Ao contrário daquela noite, hoje eu não estou sozinho nem desarmado.

– Acalme-se, pois eu não pretendo matá-lo. Se quisesse dar fim à sua vida, não faria isso dentro de minha casa.

– Então o que o senhor quer?

– Não pense que eu estou feliz em recebê-lo em minha casa. Assim como seu pai, você é um bêbado, mulherengo e violento...

Jorge sacou a arma e o interrompeu com ódio no olhar:

– Como é que é? Quem o senhor acha que é para insultar a memória de meu pai?

Indignado, Ferdinando bateu com o copo de uísque na mesa, derrubando o resto da bebida sobre os papéis que estavam ao lado.

– Vai me deixar terminar ou não? Você não está à altura de minha filha, mas ela parece enfeitiçada por você. Eu não o queria como

genro, mas lhe concederei a mão dela.

Jorge ficou surpreso com a declaração de Ferdinando e, guardando sua arma, disse:

– Independentemente do que o senhor pensa de mim, quero que saiba que eu realmente amo sua filha.

– Só quero deixar claro que eu estou fazendo isso para manter a boa reputação de minha filha e de minha família, mas ficarei por perto o tempo todo e não deixarei que faça qualquer mal a ela.

Antes de poder dizer qualquer outra coisa, Jorge sentiu a presença de alguém junto à entrada do escritório, virou-se e viu a doce Amélia. Ele percebeu que ela havia emagrecido e que estava abatida, mas nada que desfigurasse sua beleza angelical. Nesse momento, não teve dúvidas de que queria muito se casar ela.

O jantar de noivado aconteceu como havia sido programado, mas os presentes mal trocaram duas palavras. Clara e Ferdinando estavam nitidamente contrariados e desconfortáveis com a situação, enquanto Amélia e Jorge trocavam olhares e sorrisos durante toda a noite.

Após o jantar, Ferdinando e Jorge voltaram ao escritório para acertarem os detalhes sobre o casamento. E, apesar de indignado com a rispidez do futuro sogro, o rapaz ouvia e concordava com tudo de forma pacífica. Entre outras exigências, Ferdinando deixou claro que, até o dia do casamento, Jorge e Amélia só se veriam na igreja, durante as missas de domingo. Sabendo que o futuro genro não era de frequentar a igreja e que nunca havia tido um relacionamento sério, o ex-prefeito tinha esperanças de que todas as condições impostas por ele pudessem fazer com que desistisse do casamento.

Entretanto, contrariando as expectativas de todos, principalmente de sua própria família, Jorge cumpriu as exigências de Ferdinando, voltando a acompanhar sua mãe à igreja todos os domingos. O jovem fazendeiro realmente não se interessava pelo sermão de padre Onofre, mas não perderia por nada a oportunidade de ver sua

pequena Amélia.



## TEMPO DE DANÇAR

Já havia se passado um mês desde o jantar de noivado e os preparativos para o enlace entre Jorge e Amélia estavam a todo vapor. Amélia estava animada com o casamento e, em uma tarde quente de verão, acompanhou a mãe à costureira para a primeira prova de seu vestido de noiva. Ela usaria o mesmo vestido que Clara havia usado quando se casou, porém eram necessários alguns ajustes.

Chegando a uma pequena casa perto dos limites da cidade, elas foram prontamente atendidas por Joana, uma jovem senhora que era conhecida como a melhor costureira das redondezas. Adentrando a sala de estar, Clara, que estava muito cansada devido ao intenso calor, questionou à costureira:

– Senhora Joana, tem algum lugar onde eu possa molhar as mãos e o rosto para tentar me refrescar um pouco?

– Claro, vou levá-la até a bica, lá fora. Depois, vou ao quarto de costura buscar o vestido de Amélia e pedirei que minha filha Júlia traga um fresco para vocês.

Com a saída de Clara e Joana, Amélia se sentou no sofá e se distraiu observando as flores que enfeitavam a mesinha de centro, não percebendo a entrada de Júlia na sala. Ela era uma linda menina de doze anos de idade e ainda refletia em seus traços delicados o

semblante de criança.

A pequena Júlia, sob o comando de sua mãe, chegou à sala carregando uma bandeja com uma jarra de suco de laranja e alguns copos. Colocou a bandeja sobre a mesinha de centro e olhou para os lados, certificando-se de que não havia mais ninguém na sala. Antes que Amélia pudesse cumprimentar a menina, Júlia segurou o braço dela com força.

– Ele não te pertence e nunca te pertencerá. É a mim que ele ama – disse Júlia com ódio no olhar.

Amélia ficou atordoada com a afirmativa da menina, mas, antes que pudesse responder algo, sua mãe e Joana voltaram para a sala. A pedido da costureira, Júlia se retirou para cuidar de sua irmã mais nova, que tinha pouco menos de dois anos de idade.

Enquanto fazia a prova do vestido, Amélia não conseguia pensar em mais nada além das palavras ríspidas de Júlia. E, após saírem da casa da costureira, Clara tentava conversar com a filha sobre os preparativos do casamento, mas a moça estava muito confusa com tudo aquilo.

Ao final do dia, Amélia preferiu acreditar que se tratava apenas de uma paixão platônica que Júlia alimentava por seu noivo; afinal, ela era apenas uma criança. No entanto, para evitar novos constrangimentos, pediu que as próximas provas do vestido fossem feitas em sua casa.



Cerca de três meses após o acontecido na casa da costureira, finalmente chegou o dia da cerimônia. A igreja estava toda decorada com flores do campo e a festa na fazenda de Jorge já estava preparada.

As irmãs do noivo e seus respectivos maridos já se organizavam nos primeiros bancos da igreja. Agnaldo, irmão mais velho de Jorge, conversava com o pai da noiva que já se encontrava conformado

com a escolha da filha. Matilde observava silenciosamente o altar da igreja e, ao contrário das outras mulheres presentes ao local, apresentava uma tristeza profunda em seu olhar, afinal, ela conhecia seu filho e temia que Amélia fosse tão infeliz em seu casamento quanto ela havia sido no dela. Apesar de sempre ter amado seu marido, nunca conseguira ser feliz de verdade devido ao comportamento agressivo de José Henrique. Além disso, ela se culpava por quem Jorge havia se tornado, pois acreditava que poderia ter feito algo mais para evitar que ele se espelhasse no pai.

O momento esperado finalmente chegou e Amélia entrou na igreja, que estava lotada com todas as pessoas influentes e ricas da cidade e do entorno; a maioria convidada pelo pai da noiva. Amélia estava linda, vestida com um belíssimo vestido branco, tendo em sua cabeça um longo véu, salpicado de pétalas de rosas, e que abarcava todo o tapete central da igreja.

De braços dados com seu pai, Amélia se segurou para não chorar ao ver seu lindo noivo sorrindo no altar. Entretanto, no meio do caminho, ela viu a pequena filha da costureira chorando próximo à porta lateral da igreja e percebeu, aterrorizada, que a menina estava grávida, provavelmente de não mais que seis meses.

Por exigência de sua mãe, Júlia se manteve isolada em casa desde a descoberta da gravidez para, assim, impedir que as pessoas da cidade soubessem da sua condição e que a notícia chegasse aos ouvidos de seu pai, que estava afastado, a trabalho. A intenção de Joana era dar a criança para adoção após o parto e, dessa forma, evitar que a filha ficasse mal falada por toda a cidade e talvez ter a chance de encontrar um pretendente. Entretanto, nesse dia em específico, Júlia fugiu de casa para confrontar Jorge durante o casamento, mas ao ver a felicidade no rosto de seu amado a esperar Amélia no altar, perdeu a coragem.

Ao ver Júlia, Amélia parou por um instante, mas logo percebeu que não podia voltar atrás, pois aquele homem no altar era o amor de sua vida e, talvez, ele não tivesse nada a ver com a gravidez da

menina. Mesmo assustada com o que acabara de ver, Amélia seguiu até o altar, tentando segurar as lágrimas geradas por um misto de alegria e medo.

Jorge observava Amélia aproximar-se e não conseguia parar de pensar como podia amar tanto aquela mulher. Havia saído com várias mulheres durante a vida, mas seu interesse por elas era puramente carnal. Nunca havia sentido por alguém o que sentia por Amélia.

“Meu Deus! O que essa mulher fez comigo?” – pensou Jorge enquanto sorria para sua linda noiva.

O padre Onofre, que tinha um imenso carinho por Amélia, parecia estar tão emocionado quanto a noiva e celebrou a cerimônia com muita delicadeza e felicidade. Após a cerimônia, todos foram para a fazenda, onde uma grande festa os esperava. Amélia, em razão de tanta felicidade, já havia tirado a imagem daquela menina grávida de sua mente.

Ao final da noite, muitos convidados já tinham ido embora e Jorge, que havia se comportado de forma exemplar durante toda a festa, aproximou-se delicadamente de Amélia e perguntou:

– Não está cansada, meu anjo?

A moça compreendeu as intenções dele, mas estava muito apreensiva. Apesar da fama de mulherengo de Jorge, ele havia respeitado as exigências de Ferdinando e eles não haviam estado a sós nem por um momento, desde aquela fatídica noite em que se beijaram pela primeira vez.

– Estou cansada sim, meu amor, mas estou nervosa – Amélia falou bem baixinho, com um sorriso encabulado.

– Não se preocupe. Eu a amo e vou cuidar bem de você – ele sussurrou.

Tinha chegado a hora e os noivos se despediram de todos, indo para a casa-sede da fazenda. Ao chegarem em frente à porta principal, ele a pegou no colo e conduziu até o quarto. Enquanto Jorge trancava a porta, Amélia se sentou na beirada da cama. O

rapaz se aproximou dela e, com uma voz doce, sussurrou:

– Hoje começa nossa vida de verdade.

Jorge agiu com uma delicadeza incomum para o homem bruto que costumava ser com as outras mulheres com quem havia se deitado. A noite de núpcias foi mágica, exatamente como Amélia havia sonhado e os dois dormiram abraçados.



Os meses se passavam e tudo parecia tranquilo na vida do novo casal. Amélia se tornava cada vez mais próxima da sogra Matilde e da cunhada Vilma. Esta, irmã mais nova de Jorge, havia voltado a morar na fazenda cerca de um mês após o casamento do irmão, pois o marido, com quem era casada há apenas seis meses, havia desencarnado em virtude de uma doença pulmonar desconhecida.

Em uma manhã, Amélia pediu que Vilma a acompanhasse à cidade para visitar seus pais. Na volta para casa, Vilma insistiu para que elas parassem na casa da costureira Joana para encomendar alguns vestidos. Inicialmente, Amélia declinou do convite, pensando no tempo que iriam gastar, mas, diante da insistência da cunhada e para agradá-la, acabou concordando.

Chegando à casa de Joana, Amélia se lembrou da menina em seu casamento e começou um diálogo:

– Como a senhora está? Não a vejo desde a última prova do vestido.

Joana deu um sorriso pálido e acenou com a cabeça, como se respondesse à Amélia que estava bem.

Mesmo receosa com a resposta que poderia obter, Amélia voltou a questionar à costureira:

– E sua filha mais velha, como está?

Joana respirou fundo e respondeu com lágrimas nos olhos:

– Minha pequena Júlia esteve muito doente e, infelizmente, faleceu há algumas semanas.

Amélia e Vilma ficaram sem palavras diante da triste declaração e, por respeito ao luto daquela mãe, desistiram de encomendar os vestidos naquele momento. Deram os pêsames à senhora Joana e se despediram, prometendo retornar em um momento mais oportuno.



## TEMPO DE ESPALHAR PEDRAS

Apesar do início de casamento tranquilo, não demorou muito para que Jorge voltasse ao seu comportamento usual. Ele se dedicava cada vez mais aos afazeres da fazenda, restando pouco tempo para estar com sua jovem esposa. Durante o dia, vistoriava o trabalho na propriedade e, à noite, geralmente se entregava a noitadas regadas a álcool e sexo no bordel localizado na periferia da cidade.

Ele realmente amava Amélia e nunca cogitou se envolver emocionalmente com outra mulher, porém não conseguia ser um marido fiel. Amélia constantemente ouvia boatos sobre aquelas aventuras, mas, como uma boa esposa, mantinha-se submissa e fiel ao amado.

Jorge não acreditava estar errado quando era infiel à esposa, quando agia de forma violenta com seus desafetos ou quando era grosseiro com seus empregados, mas se incomodava cada vez mais com sua atração por mulheres muito jovens. Desde pequeno, presenciara o pai aliciar meninas, muitas delas filhas de seus próprios empregados. Ele nunca aprovou esse comportamento de seu pai, mas foi quando entrou na adolescência e percebeu que também tinha esses desejos, que começou a se sentir incomodado de verdade. Apesar de lutar contra esses impulsos, Jorge, infelizmente, não conseguia evitá-los e por diversas vezes sucumbiu a eles.

Seu conflito emocional se tornava cada vez maior, mas tudo piorou ao final de uma tarde de terça-feira. Ele havia trabalhado durante todo o dia e, cansado demais, decidiu retornar mais cedo para casa. Ao entrar na cozinha, encontrou sua mãe ajudando a empregada a terminar o jantar.

– Boa noite, minha mãe! Onde está Amélia? Pensei que ela estaria aqui.

– Boa noite, meu filho! Amélia não estava se sentindo bem e foi descansar um pouco.

– O que ela tem?

– Eu desconfio do que seja, mas acho que vocês devem conversar

- Matilde respondeu sorrindo.

Jorge desconfiou do que se tratava, mas tinha medo até de pensar a respeito. Tentou insistir com a mãe, mas ela não quis dizer mais nada e ele decidiu ver como Amélia estava. O caminho até o quarto nunca pareceu tão longo quanto naquele momento. O fazendeiro tremia só de imaginar que seus medos pudessem ser reais.

– Amélia, está tudo bem? – perguntou adentrando o quarto.

A esposa, que estava deitada, sentou-se na cama e sorriu.

– Boa noite, meu amor! Eu não me sentia muito bem, mas agora estou melhor.

– O que é que você tem? – perguntou o marido, enquanto se despia e tentava esconder o medo que sentia em ouvir a resposta, evitando olhar diretamente para Amélia.

– Eu acho que estou grávida, meu amor. Isso não é maravilhoso? – ela respondeu com lágrimas nos olhos.

– Não... Quero dizer... Você tem certeza? – Jorge gaguejou tentando disfarçar o desespero em sua voz.

– Você não está feliz?

– Não é isso... Só não esperava por essa notícia. Eu preciso ir – disse, enquanto vestia a camisa que acabara de tirar

Jorge saiu sem mais explicações, enquanto Amélia chorava sem entender o que havia acontecido. Ele caminhou por horas durante

aquela noite, pensando sobre a notícia que acabara de receber.

“Oh, meu Deus, o que eu faço? E se for um menino? Eu não quero que meu filho seja como eu ou como o meu pai. E se for uma menina? Meu Deus, e se for uma menina?”

Horas mais tarde voltou para casa, mas, com medo de acordar alguém, passou a noite na varanda. Ao amanhecer, antes de todos acordarem, pegou seu cavalo e seguiu em direção à cidade.

Em uma tentativa desesperada de entender o que acontecia com ele, procurou auxílio com o padre Onofre. Nunca fora religioso, mas precisava conversar com alguém que não pudesse contar para ninguém o que tinha a dizer.

Chegando à igreja, o padre Onofre o recebeu em um misto de alegria e surpresa, e o convidou para um café na sacristia, mas Jorge não queria conversar com um amigo, e sim com o padre. Por isso, preferiu o confessorário.

– Padre, eu não sei o que faço com os pensamentos que passam em minha cabeça. Nunca fui fiel à minha esposa e acredito que até o senhor saiba disso, mas o meu desejo por meninas mais jovens tem me atormentado. Isso é doentio.

O padre ficou estarrecido e perdeu as palavras por um minuto. Após enxugar a testa suada com a manga de sua batina, respirou fundo e respondeu:

– Filho, eu já tinha ouvido falar sobre este seu comportamento inadequado, o qual reprovoo com veemência. Você sabe que está errado no que faz, mas vir até aqui e se confessar mostra que já tem entendimento suficiente para mudar. Seus desejos devem ser contidos, pois prejudicam não só outras pessoas, mas a você mesmo. Deus é sábio e conhece Seus filhos. Ele sabe que você tem capacidade para se controlar e mudar de atitude, ou por que Ele deixaria sua esposa dar à luz uma menina?

Nesse momento, o fazendeiro deu um pulo do banco onde estava acomodado e se exaltou dizendo:

– Como o senhor sabe disso? Minha esposa só me contou sobre

gravidez ontem à noite. E como o senhor poderia saber que é uma menina?

“Meu Deus, o que está acontecendo comigo? Por que falei isso?” – pensou o padre, tão surpreso e assustado quanto Jorge, afinal, ele realmente não sabia nada sobre a gravidez de Amélia.

– Não importa como eu sei. O que importa é que, independentemente de ser um menino ou uma menina, Deus escreve certo por linhas tortas. Portanto, se você se esforçar, poderá ser um bom pai – disse o padre tentando amenizar o constrangimento.

Depois pediu que Jorge rezasse alguns pais-nossos e, atordoado com tudo que acabara de acontecer, saiu rapidamente do confessionário dizendo ter compromissos e que não teria mais tempo para conversar.

Confuso, Jorge voltou para casa pensando sobre as palavras do padre e começou a rezar, o que não fazia há anos. Em suas orações, pediu a Deus que não mandasse uma menina, pois seria um teste difícil demais. Ele tinha medo de olhar para sua filha da mesma forma como olhava para as outras meninas das redondezas.



## TEMPO DE PERDER

Após a notícia de que seria pai e de sua fatídica confissão ao padre Onofre, Jorge começou a frequentar cada vez mais a igreja. Ouvir os sermões sobre a possibilidade de arrependimento e sobre o perdão trazia certo alívio ao seu coração.

Com o tempo, passou a controlar seus impulsos e evitava estar próximo de meninas mais jovens, mas o desejo voltava sempre ao seu pensamento como uma tortura mental. Ele tentava pensar em outras coisas, mas o sentimento era recorrente e assustador, principalmente quando lembrava que sua possível filha nasceria em breve.



Em um fim da tarde, um empregado correu atrás de Jorge no pasto para avisá-lo que Amélia entrara em trabalho de parto. Preocupado, ele subiu em seu cavalo e voltou rapidamente para casa. Adentrando a sala, encontrou sua mãe e sua irmã Vilma aos prantos.

“Deus levou a criança. Graças a Ele, não serei tentado” – pensou Jorge sentindo certo alívio.

Mas logo percebeu o absurdo que acabara de pensar e, com lágrimas nos olhos, perguntou à mãe o que havia acontecido com o seu bebê. Matilde engoliu o choro e, com muito cuidado, disse-lhe:

– Sua filha está bem e saudável, mas...  
– Mas o quê? – questionou Jorge aumentando o tom de voz.  
– A Amélia perdeu muito sangue durante o parto e não sobreviveu.

Jorge ficou pálido e cambaleou até a poltrona mais próxima.  
“O que eu vou fazer? Oh, meu Deus, minha Amélia, não!” – pensou, enquanto se recompunha e corria em direção ao quarto.

Ali se prostrou ao lado da cama onde o corpo de Amélia repousava e começou a chorar pedindo perdão a ela por seu comportamento egoísta. Matilde entrou no quarto carregando a netinha no colo e não acreditou no que viu, pois era a primeira vez que via Jorge em prantos depois de crescido.

– Meu filho, eu nem imagino a dor que está sentindo, mas quero que saiba que, apesar de tudo, Amélia estava feliz e teve a oportunidade de segurar a filha de vocês antes de falecer.

Ele olhou para a mãe, que estendia os braços com o pequeno bebê enrolado em uma manta, e recusou pegar a filha no colo, passando a noite deitado ao lado do corpo de Amélia.

Jorge estava devastado pela perda de sua mulher, mas também não conseguia evitar pensamentos sobre como criaria aquela criança, pois sua mãe já estava muito velha e doente, e sua irmã estava para se casar novamente com um viúvo da cidade.

O funeral e enterro de Amélia comoveram a cidade. Todos estavam estarecidos com a morte tão prematura da jovem. Clara, mãe de Amélia, desesperou-se e precisou ser amparada por seu marido Ferdinando, que também desabou em prantos. Matilde insistiu para que o filho estivesse presente, mas ele se recusou e passou o dia cavalgando pelos pastos da fazenda, acompanhado apenas de algumas garrafas de aguardente.

As semanas se passavam e Jorge continuava se negando a ver a filha Vitória, nome escolhido por Matilde. E os seus dias se resumiam a trabalhar até o sol se pôr e beber até adormecer na cadeira de balanço da varanda.



Cerca de dois meses após o desencarne de Amélia, Jorge acordou e, em vez de ir trabalhar, cavalgou até a igreja. Chegando lá, foi direto à sacristia e, aos gritos, pedia explicações ao padre Onofre:

– Por que levá-la? Por que não a mim? Eu sou um monstro, já matei pessoas, fui infiel e abusei de mulheres e meninas inocentes... Eu deveria morrer.

O padre Onofre quase engasgou com o café que tomava e, sem pensar direito, começou a falar:

– Por isso mesmo você ficou, meu filho. Você, ao contrário de Amélia, ainda tem muito a aprender e colocar em prática. Amélia era um espírito iluminado que amava a todos. Ela fez o que já tinha se comprometido a fazer e, principalmente, trouxe sua pequena filha para que você pudesse amá-la e respeitá-la.

“Por que eu disse tudo isso? Meu Deus, o que está acontecendo comigo?” – pensou padre Onofre, sentando-se no banco mais próximo e cobrindo o rosto com as mãos.

Jorge engoliu em seco, respirou fundo e, mesmo sem entender exatamente o que acabara de ouvir, foi embora para casa.



O tempo passava e Jorge trabalhava cada vez mais, quase não vendo a família. Já havia se passado dois anos desde o desencarne de Amélia e ele continuava abusando da bebida e das noitadas no bordel da cidade. O medo de seus desejos era tão intenso, que Jorge tentava, ao máximo, manter distância de Vitória e de suas três sobrinhas, filhas de Agnaldo.

Devido à piora da saúde de Matilde, Agnaldo havia retornado ao interior de forma definitiva e passou a ser responsável pela administração das finanças da família, enquanto Jorge lidava com o gado e com os peões da fazenda. Como conhecia os boatos sobre seu

irmão viver na bandalheira, Agnaldo preferiu morar em uma confortável casa na cidade, evitando expor suas filhas ao comportamento inadequado dele.

Nessa mesma época, Clara e Ferdinando desencarnaram, com o intervalo de semanas entre um e outro. A morte dos pais de Amélia sempre foi um mistério. O médico da cidade disse ter sido uma doença pulmonar que atacou Clara e depois Ferdinando. O povo da cidade, no entanto, dizia que o casal tinha morrido de tristeza, pois, mesmo com o nascimento da netinha, os dois nunca se conformaram com a perda da filha.



## TEMPO DE CHORAR

Em uma manhã chuvosa, Jorge não foi trabalhar e estava sentado à porta da cozinha tomando café e olhando a chuva cair sobre as árvores, quando Vitória chegou de surpresa e segurou um de seus dedos com sua pequena mãozinha. Ele fechou os olhos e um calafrio subiu por sua espinha, como se sua alma saísse momentaneamente do corpo. Olhou para aqueles pequenos olhinhos azuis, iguais aos de Amélia, e sorriu dizendo:

– Onde está sua avó?

Vitória, agora com pouco mais de quatro anos, respondeu:

– Vovó está com mamãe e a minha irmãzinha.

Sem pensar direito no que a menina acabara de dizer, levantou-se bruscamente e correu até o quarto de sua mãe, encontrando-a deitada serenamente na cama, como se estivesse apenas dormindo. Ao se aproximar, porém, percebeu que Matilde havia desencarnado.

– Outra vez, meu Deus? – gritou Jorge.

Vilma, que morava na cidade com seu novo marido, havia passado a noite na fazenda para cuidar da mãe e, ao ouvir os gritos do irmão, correu até o quarto. Ao abrir a porta, encontrou Vitória em pé ao lado de Jorge que, debruçado sobre o corpo da mãe, chorava como uma criança e continuava a gritar:

– Por que, meu Deus? Por que é tão injusto?

Vilma, com lágrimas nos olhos, abraçou-o e tentou reconfortá-lo:

– Deus não é injusto, meu irmão. Nossa mãe já estava muito doente e precisava descansar. A morte não é punição, é apenas uma passagem para o outro lado.

– Do que está falando, Vilma? Que outro lado?

– Mamãe já viveu e lutou bastante, não vamos nos desesperar. Deus sabe o que faz.

– Ele sabe? Então, por que apenas as boas pessoas se vão e eu continuo aqui?

Vilma não sabia como responder e tentou continuar abraçada a ele, mas Jorge a afastou com rispidez e saiu dizendo que tinha de organizar o necessário para o funeral.

Matilde foi sepultada no cemitério junto à igreja, ao lado de seu marido José Henrique, de sua nora e dos pais de Amélia. O funeral contou com a presença da maioria dos moradores da cidade e arredores, pois, apesar de muitos não simpatizarem com Jorge, a mãe dele era muito querida por todos.

Após o funeral, Jorge passou a frequentar semanalmente o cemitério. Colocava flores no túmulo de sua mãe e se sentava em frente ao de Amélia, com a qual tinha longas conversas sobre o crescimento de Vitória e de como ele tinha melhorado. Ele ainda bebia bastante, mas quase não aparecia mais no bordel da cidade e há muito tempo não se metia em brigas.



Passadas algumas semanas desde o desencarne da mãe, Vilma decidiu levar sua família para morar na fazenda e ajudar a criar Vitória. Numa noite em que todos estavam dormindo, Vilma acordou com um barulho vindo da cozinha. Procurou o marido ao seu lado na cama, mas se lembrou de que ele estava viajando a negócios. Como havia perdido o sono, levantou-se, encaminhou-se até lá e encontrou Jorge sentado à mesa.

– O que faz acordado a esta hora, meu irmão?

Jorge, que estava com de cabeça baixa e abraçado a uma garrafa de aguardente, levantou o olhar e, balbuciando, respondeu à irmã:

– Desde que perdi minha Amélia, não consigo dormir direito. Minha cabeça não para. Eu fico repensando em tudo que fiz de errado nesta minha vida infeliz.

Vilma sentou-se e disse, afastando a garrafa de perto dele:

– Eu sei que você nem sempre foi uma pessoa correta, mas o que importa é que hoje você é muito melhor do que antes.

Jorge respirou fundo e olhou para a irmã, pensando se deveria falar o que realmente pensava. Com exceção do padre, nunca havia falado sobre seus sentimentos com outra pessoa. Assumir sua fraqueza já não era fácil, muito menos assumir isso para uma mulher. Assim, fechou os olhos, baixou a cabeça e disse tudo o que sentia o que já havia feito de errado, sobre os homens que havia matado e as meninas das quais abusara.

– Meu irmão, eu já sabia de tudo isso – disse Vilma com lágrimas nos olhos. – Eu e mamãe sempre soubemos de tudo.

Jorge levantou a cabeça e perguntou, com um tom de desespero na voz:

– E Amélia? Ela também sabia?

– Não, meu irmão! Embora soubesse da sua infidelidade, Amélia não sabia de tudo.

– Eu não me orgulho do que fiz e sei que vou para o inferno por isso, mas quero mudar. Pelo bem da Vitória, quero mudar. Eu só não sei se consigo. Estou lutando para não ser o que sou. Você diz que hoje eu sou uma pessoa melhor, mas só estou me controlando por fora. Por dentro, eu sou o mesmo. Não faço mais o errado, mas penso nisso todo santo dia.

Jorge parou por um momento e olhou pela janela, mirando a noite escura lá fora. A irmã começou a se levantar da cadeira quando ele, repentinamente, segurou-a pelo braço.

– Vilma, acabei de me lembrar de algo: na manhã em que mamãe

morreu, Vitória me disse que a avó tinha se unido à sua mãe e irmãzinha. Do que ela estava falando? Que irmãzinha é essa?

A mulher sentiu um calafrio subir por sua coluna, cobriu a boca com a mão e voltou a se sentar como se fosse desfalecer.

– Como ela sabe disso? – perguntou.

– Disso o quê? Do que você está falando? – Jorge quis saber.

– Lembra-se da pequena Júlia, filha da costureira?

Ele fechou lentamente os olhos como se tentasse se lembrar de algo e respondeu:

– Acho que me lembro, sim, mas eu não a vejo há muitos anos.

Com um olhar de reprovação, Vilma disse:

– Eu me assustaria se você a tivesse visto; afinal de contas, ela está morta. Ela morreu cerca de dois meses depois do seu casamento. Ela e o filho que esperava.

Jorge entendeu finalmente o que Vilma estava querendo dizer. Colocou a mão sobre o rosto e disse:

– Meu Deus! Ela estava grávida? O filho era meu? Amélia sabia?

– Sim, ela estava grávida e, sim, o filho era seu. Mas Amélia se convenceu de que a criança não era sua. Ela não conseguiria viver achando que você havia engravidado aquela criança, então preferiu esquecer o fato, mas eu e mamãe sabíamos que era seu.

Vilma parou por um instante, avaliando se realmente deveria contar a verdade ao irmão, e continuou:

– Logo após ficarmos sabendo da morte da Júlia, mamãe procurou saber o que tinha acontecido e descobriu que a menina havia tirado a própria vida. Ela provavelmente acreditava que você a amava, mas quando você se casou, Júlia não suportou a ideia de perdê-lo e se jogou no rio, sendo encontrada por pescadores um dia depois. Ela estava grávida de oito meses na ocasião.

Jorge congelou e percebeu que Vitória se referira à criança que havia morrido no ventre de Júlia quando falou sobre a morte da avó.

“Mas como Vitória poderia saber disso?” – ele pensou enquanto cobria o rosto com as mãos.

– Meu Deus, eu sou mesmo um monstro! Como pude destruir a vida daquela menina e da criança que nem teve oportunidade de nascer? Eu não mereço estar vivo – lamentou.

Vilma abraçou o irmão e, aproveitando o fato de que ele já estava tonto por ação da bebida, convenceu-o a tentar dormir um pouco.



Na manhã seguinte, Vilma aprontava Vitória para ir à missa de domingo, quando Jorge a surpreendeu aparecendo todo arrumado e dizendo que a acompanharia.

Chegando à igreja, eles se sentaram e, enquanto escutavam com atenção o sermão do padre, Jorge percebeu que Vitória olhava atentamente para um canto da igreja e sussurrava algo, como se falasse com alguém. Ele estranhou o comportamento da filha e a questionou:

- O que está olhando, Vitória? Com quem está falando?
- Com minha irmãzinha, pai. Ela disse que está com a mamãe.

Jorge ficou sem palavras e só conseguiu pedir que ela se comportasse e prestasse atenção à missa. A cabeça do fazendeiro começou a girar e, não suportando mais, levantou-se e saiu. Procurou um lugar escondido do lado de fora da igreja e rezou pedindo que Amélia o ajudasse a entender o que estava acontecendo.

Terminando a missa, Jorge pediu à irmã que esperasse um pouco e foi até a sacristia à procura do padre. Chegando lá, percebeu que o religioso estava de joelhos, próximo a um pequeno altar, chorando baixinho. Ele pôs a mão sobre o ombro do padre e perguntou:

- Está tudo bem? Precisa de ajuda?

O religioso olhou para cima e, com os olhos marejados, respondeu:

– Eu acho que estou enlouquecendo, meu filho. Tenho quase certeza de que vi a sua esposa, durante a missa. Ela estava de mãos dadas com uma menina e as duas conversavam com a Vitória.

Jorge começou a tremer e buscou a primeira cadeira que viu para se sentar.

– Padre, eu vim aqui pedir sua orientação justamente porque a Vitória disse que estava conversando com uma menina, e que ela estava sob os cuidados de Amélia.

O padre se levantou e disse com voz aflita:

– Parece que alguém está tentando me enlouquecer! Isso é impossível...

Jorge também se mostrava agoniado.

– O pior é que, segundo Vitória, a menina era irmã dela, filha de Júlia.

Nesse momento, o padre cambaleou.

– Irmã? Como Vitória poderia saber disso? Ninguém sabia sobre a gravidez de Júlia. Joana a mantinha trancada o dia inteiro e só recebia visitas minha e do médico.

– E quem encontrou o corpo? Minha irmã contou apenas que alguns pescadores a encontraram.

O padre o olhou por uns segundos antes de responder:

– Eu conheço e confio nos homens que a encontraram. Eles prometeram não dizer nada e eu acredito que não disseram. Porém, mesmo se tivessem dito algo, como saberiam que o filho era seu? E como saberiam, ainda, qual era o sexo da criança?

– E era mesmo uma menina? Como o senhor conseguiu essa informação? – questionou Jorge, cada vez mais confuso com tudo aquilo.

O padre Onofre se sentou em uma das cadeiras da sacristia e, consternado, respondeu:

– Joana ficou transtornada com a morte da filha e exigiu que o médico separasse Júlia da criança para o enterro. Não havia necessidade de tal ação, mas não conseguimos fazê-la mudar de ideia. Temendo pela saúde mental da pobre mãe, o médico acabou cedendo aos seus pedidos. Realmente era uma menina.

– Nada disso faz sentido – disse Jorge, levantando-se e jogando a

cadeira no chão. — Viu, padre, é por isso que eu não entendo esses desígnios de Deus. Eu sou o monstro e merecia morrer, não a minha mãe, não a Amélia, a Júlia e muito menos essa criança... Por que Deus é tão injusto?

O padre já não o escutava e olhava, assustado, para a porta. Ele se ajoelhou novamente em frente ao pequeno altar e começou a rezar o pai-nosso repetidamente.

— Padre, o senhor está me escutando? O que está acontecendo? — perguntou Jorge com um olhar de espanto.

O padre apontou para a porta e continuou a rezar de cabeça baixa. Jorge se virou para aquela direção e, não vendo nada, continuou a perguntar ao padre o que estava acontecendo.

— Ela está aqui. Amélia está aqui ou estou enlouquecendo — disse o religioso aos prantos.

Jorge olhou para a porta e nada viu. Por isso continuou a questionar o padre:

— Se ela está aqui, por que eu não consigo vê-la?

Surpreendentemente, o padre parou de rezar e começou a falar calmamente:

— Nem todos estão preparados para nos ver, mas eu realmente estou aqui, meu querido. Nunca o abandonei nem deixei de orar por todos vocês. Eu escuto todas as vezes que você fala comigo e fico muito feliz com as boas notícias que me dá.

Jorge olhou diretamente para o padre e, incrédulo, continuou a ouvir o que “ele” dizia:

— Você ainda tem muito a aprender, mas temos visto a sua força de vontade e as suas tentativas de mudar. Nada que você fizer apagará o seu passado, mas, com certeza, criará um futuro melhor. Entretanto, prepare-se, pois apesar de você ser responsável por suas escolhas, as escolhas alheias também interferem em seu caminho.

O padre se calou e se desesperou ao perceber o que acabara de acontecer.

— Jorge, saia daqui e me deixe em paz — ordenou. — Essas coisas

só acontecem comigo quando você está por perto.

– Mas, padre...

– Não, não quero ouvir mais nada! Eu sou um padre e não posso fazer isso. Saia daqui!

Jorge saiu da igreja, subiu na charrete e, sem dizer uma só palavra, seguiu em direção à fazenda com sua família.



## TEMPO DE MORRER

Passados alguns dias após o acontecido na igreja, Vilma chegou atordoada à fazenda, subiu as escadas da frente da casa e encontrou Jorge sentado na cadeira de balanço da varanda fumando um cigarro de palha. Ela parou, retomou o fôlego e questionou o irmão:

– O que você fez ao padre, naquele dia, após a missa? – e, sem esperar resposta, continuou: – O padre Onofre pediu transferência. Dizem que algo aconteceu naquele domingo que o transtornou demais. Ele foi embora e mandaram outro religioso que chegará na próxima semana.

Jorge apagou o cigarro e contou a ela tudo que havia acontecido naquele domingo. Abismada, Vilma se sentou nos degraus da escada da varanda e, antes que pudesse dizer algo, foi surpreendida pelo capataz da fazenda.

– Patrão, uma de suas vacas entrou em trabalho de parto, mas tem alguma coisa errada acontecendo. Não sei se ela e o bezerro sobreviverão.

– Tudo bem, Tomás, eu vou até lá.

Jorge se levantou, colocou o chapéu e começou a descer as escadas, mas Vilma o segurou pelo braço e, tremendo, disse:

– Nós ainda não terminamos. Você precisa me explicar o que está acontecendo.

– Eu sei. Quando voltar, nós conversaremos.

Jorge terminou de descer as escadas, montou em seu cavalo e saiu junto com o capataz.

Chegando ao curral, ajudou os empregados com o complicado parto e, após horas de tentativas, o bezerro realmente não sobreviveu. Jorge, ainda atordoado com os últimos acontecimentos de sua vida, levantou-se e olhou para as mãos ensanguentadas. Fechou os olhos por um instante, limpou-as em uma toalha e disse, direcionando-se ao capataz:

– Volte com o meu cavalo, pois eu preciso caminhar um pouco.

– Patrão, eu não acho que seja uma boa ideia. Já está para anoitecer e o caminho de volta é longo.

Em total silêncio, Jorge olhou diretamente para o empregado que, com medo do patrão, calou-se e seguiu levando o cavalo.

Quando chegou à metade do caminho de volta para casa, Jorge parou à beira da estrada, observando como o céu estava estrelado. Ele começou a dar atenção aos sons da natureza e uma paz incomum tomou conta de seu ser. Desde a morte de Amélia, sentia que sua vida havia entrado em uma espiral descendente de caos e ele já não se lembrava da última vez que havia sentido paz em seu coração.

De repente, percebeu um cavalo vindo em sua direção. Parou e tentou enxergar quem vinha, mas a estrada estava muito escura. Um cavaleiro misterioso desceu da montaria e começou a se aproximar. Instintivamente, Jorge levou a mão à cintura e só então percebeu que havia deixado sua arma presa à sela de cavalo.

– Quem se aproxima? – gritou.

Sem resposta, lembrou-se das últimas palavras de Amélia, faladas por intermédio do padre: “Escolhas alheias também interferem em seu caminho”.

O cavaleiro se aproximou mais um pouco, retirou o chapéu e sacou um revólver da cintura, apontando-o para o fazendeiro.

– Pensou mesmo que eu não descobriria? Eu estava na igreja naquele dia e ouvi toda a sua conversa com o padreco maluco.

Aquele infeliz estava lhe acobertando esse tempo todo. Com ele, eu já resolvi.

– Quem é você? O que fez com o padre Onofre?

– Fique tranquilo, o padreco está vivo. Eu não vou matar um padre, mas foi só ameaçá-lo para ele sair correndo da cidade. Agora, com você, seu desgraçado, a conversa vai ser diferente.

– Quem é você? Eu conheço quase todos os moradores dessas redondezas e nunca o vi por aqui.

– Quem sou eu? Eu sou o pai da Júlia; o pai da menina que você desgraçou. Trabalho viajando de cidade em cidade e só visitava minha mulher uma ou duas vezes ao ano, por isso você não me conhece. Eu estava trabalhando quando fiquei sabendo que minha filha tinha se afogado. Mas o pior de tudo foi procurar a igreja em busca de consolo e descobrir que a minha menininha de apenas doze anos estava grávida. Todos me enganaram, todos mentiram para mim.

Jorge, com uma calma incomum ao seu comportamento habitual, começou a caminhar lentamente em direção ao homem.

– Eu sei que o que eu fiz não tem perdão e sei que você pretende me matar esta noite e não o condeno. Com certeza, eu faria o mesmo, mas só peço que não faça mal a mais ninguém. Sua esposa, o padre e o médico só queriam proteger a honra de sua filha. Se alguém merece pagar pelo acontecido, esse alguém sou eu. Eu sou um monstro, concordo com você. Sua filha não foi a única de quem abusei nem foi a mais jovem delas. A morte ainda é pouco para mim e sei que vou queimar no inferno. Eu só peço que isso acabe aqui. Por favor, não puna mais ninguém.

Atordoadado por tudo que estava ouvindo, o pai de Júlia apertou o gatilho e acertou o peito de Jorge. Sem nem mesmo conferir se sua vítima realmente havia morrido, montou a cavalo e foi embora sem olhar para trás.

Caído no chão, Jorge olhou para cima e viu várias pessoas ao seu redor, sem conseguir reconhecer nenhuma delas. Tentou sussurrar

algo, mas estava muito tonto e perdeu a consciência.



## TEMPO DE SE AFASTAR

Após um tempo adormecido, Jorge abriu os olhos e percebeu que estava em uma espécie de quarto. Sem conseguir se mexer, só conseguiu enxergar o teto e parte da parede lateral do cômodo, ambos incrivelmente brancos e iluminados, como se recebessem o sol da manhã. Tentou chamar por alguém, mas uma incontrolável sonolência tomou conta de seu corpo e o fez adormecer novamente.

Por vários dias, Jorge repetiu esse mesmo processo: acordava, conseguia enxergar quase tudo ao seu redor, mas sempre adormecia sem conseguir chamar por alguém. Até que, um dia, voltou a acordar, mas agora estava um pouco mais forte e recuperado. Abriu os olhos e percebeu a presença de uma linda senhora sentada ao seu lado. Ela não parecia ter mais de quarenta anos e expunha um sorriso iluminado e acalentador.

– Quem é você? Onde estou? – questionou Jorge.

– Que bom que despertou! Meu nome é Ana e você está em um hospital. Está aqui para se recuperar do incidente pelo qual passou.

Jorge se lembrou do encontro que tivera com o pai de Júlia e rapidamente levou a mão ao coração.

– Eu levei um tiro no peito, mas não sinto nada!

– Você já está há algum tempo em recuperação e agora já está bem melhor.

Impaciente como sempre, ele começou a se levantar e a reclamar:

– Algum tempo?! Há quanto tempo estou aqui? Quem está cuidando da fazenda?

Ana se levantou bruscamente e, segurando os ombros dele, repreendeu-o carinhosamente:

– Você ainda está em recuperação e não pode se levantar dessa forma.

Auxiliou Jorge a se sentar na cama e, calmamente, começou a lhe explicar o que realmente estava acontecendo:

– Jorge, você levou um tiro no peito e está se recuperando há algumas semanas.

– Tudo bem, mas como é que eu sobrevivi? Eu levei um tiro e deveria estar morto...

– Querido Jorge, a vida é eterna. É por isso que você sobreviveu.

– O que você quer dizer com isso?

– Que mesmo desencarnando, você continua vivo.

– Desencarnando? O que quer dizer isso? Você quer dizer que eu morri? – questionou Jorge angustiado.

Sem responder a esta última pergunta, Ana olhou para a porta e fez um sinal com a cabeça, como se pedisse que alguém entrasse. Ao olhar para aquela direção, Jorge se deparou com sua bela esposa Amélia entrando no quarto. Surpreendido, começou a chorar, percebendo que realmente havia desencarnado.

– Meu Deus, eu realmente morri. Mas onde estou? Eu não deveria estar no inferno?

Amélia se aproximou e, segurando as mãos dele, falou delicadamente:

– Meu amado, você desencarnou, mas não precisa ir para inferno algum. Você pode ficar aqui, restabelecer-se e continuar sua vida de aprendizado junto àqueles que o amam.

Olhando nos olhos dela, Jorge disse:

– Amélia, eu a amo tanto! Tenho tanta coisa para lhe dizer, tantas desculpas para pedir...

– Nós teremos muito tempo para conversar, mas as desculpas são

desnecessárias, pois eu não tenho nada a perdoar.

– O padre Onofre tinha razão, você é muito melhor do que eu.

– Não, eu não sou. Apenas aprendi algumas coisas que você logo aprenderá.

Jorge sorriu e, voltando a se dar conta de que estava desencarnado, questionou:

– A minha mãe e o meu pai também estão aqui? Quando eu posso vê-los?

Desconcertada, Amélia passou as mãos nos cabelos dele e, após uma pequena pausa, respondeu:

– Querido, sua mãe e seu pai não podem estar com você agora, pois você ainda não está em condição de vê-los e nem eles a você.

– Por quê?

– Querido, mais tarde nós poderemos conversar melhor. Agora você precisa voltar a descansar.

– Não, eu não quero descansar. Onde estão os meus pais?

– Seus pais não encararam tão bem o desencarne e ainda estão presos a questões materiais, por isso estão em outro lugar.

Jorge se levantou da cama ainda cambaleante e começou a gritar desesperado:

– Eles estão no inferno? Por que eles estão no inferno e eu não? Meu pai, eu até entendo, mas minha mãe era uma santa. Por que ela está no inferno?

Ana e Amélia o seguraram pelos braços, fazendo-o voltar a se sentar na cama. Tentando acalmá-lo, Ana explicou:

– Eles não estão no inferno. Ao desencarnar, todos têm a oportunidade de se arrepender de seus equívocos e seguir em frente, mas nem sempre conseguem se desapegar da culpa e do ressentimento, o que os levam para as chamadas zonas umbralinas ou de refazimento, onde encontram pessoas que possuem sentimentos similares. Sua mãe sempre foi uma pessoa de bom coração e, assim como você, foi recebida neste hospital, mas ela teve uma reação de revolta semelhante à sua e foi à procura de seu pai

que, por ainda nutrir muito ódio e orgulho, vaga em zonas de refazimento. Além disso, ela se culpa pelos erros cometidos por seus filhos.

Jorge começou a ficar tonto, mas se segurou na cabeceira da cama.

– Erros cometidos pelos filhos dela? Você está brincando comigo? Você quis dizer erros cometidos por mim.

– Jorge, você não pode resumir toda a sua vida aos equívocos que cometeu. Mesmo que não queira enxergar, você também fez muitas coisas boas – disse Amélia com carinho.

– Você realmente é uma santa.

– Eu não sou santa, também cometi equívocos. A diferença é que não me culpo por eles, porque fiz o que achava ser correto à época.

– Você faz parecer fácil.

– Não, não é fácil, mas é possível e, principalmente, recompensador. Ao desencarnar, eu também fiquei abalada, mas entendi que a vida continua e que o distanciamento daqueles a quem amo é temporário. Cada um tem o seu tempo e, quanto mais fortalecido estiver, mais poderá auxiliar aqueles que você ama. Se entregar ao sofrimento não ajudará seus amores, pelo contrário, só o impossibilitará de auxiliá-los.

– E a Júlia? Onde ela está?

Amélia baixou a cabeça e apertou os olhos, como se não quisesse responder àquela pergunta. Entendendo que Júlia estava em condições semelhantes às de seus pais, Jorge foi tomado por uma culpa imensa e começou a gritar de forma descontrolada:

– Eu não mereço ser cuidado. Não mereço ficar bem e mereci ser baleado. Eu destruí tantas vidas... Como posso estar aqui?

Percebendo o descontrole dele, Ana gesticulou para Amélia pedindo que ela se afastasse por um momento.

– Jorge, eu sei que tudo isso pode parecer confuso agora, mas existe um motivo para você estar aqui. Além de irmãos de luz que o amam terem pedido por você, em seus últimos anos encarnado você demonstrou arrependimento por muitos de seus equívocos e

conseguiu mudar sua forma de agir. Assim, diante de todas as suas ações para melhorar-se e da conscientização dos próprios erros, você mereceu estar aqui.

Tomado pela culpa, Jorge já não ouvia os apelos de Ana. Levantou-se novamente e, sentindo uma dor alucinante no peito, percebeu que estava sangrando no mesmo local onde levara o tiro.

– Não precisa ser assim, você pode ficar aqui – disse Amélia tentando acalmá-lo. – Não importa o que fez, e sim o que fará daqui para frente. A culpa não apagará o passado, ela só lhe fará sofrer.

Jorge não deu atenção às palavras dela e, cambaleando, saiu do quarto. Passou por entre várias macas até que enxergou Ana à sua frente a dizer-lhe:

– Jorge, você tem a liberdade de ir embora se quiser, mas lembre-se de que não é necessário. Você pode ficar aqui, porque o Pai é misericordioso e para Ele não há necessidade de punição, mas de perdão.

Ele ouviu as palavras de Ana, mas começou a ficar muito tonto e desmaiou.



## TEMPO DE BUSCAR

Apesar da tristeza por parte da família, ninguém realmente ficou surpreso com a morte de Jorge. O delegado da cidade tentou descobrir quem havia cometido o assassinato, mas com o tempo desistiu, pois, assim como o pai, o jovem fazendeiro havia acumulado muitos inimigos durante a vida.

Vilma e o esposo continuaram a cuidar de Vitória e, com a ajuda de Agnaldo, passaram a administrar a fazenda. Vitória continuava a ver e conversar frequentemente com sua mãe, em estado de vigília. Em uma noite, ela acordou e encontrou Amélia sentada ao seu lado na cama e exclamou:

– Mãezinha!

– Minha pequena Vitória, mamãe quer apresentá-la a um amigo que vem lhe acompanhando desde antes de você nascer. O nome dele é Otávio e ele vai estar sempre ao seu lado, junto a outros amigos seus.

Otávio surgiu à frente da menina e lhe disse com um sorriso calmo e encantador:

– Olá, meu anjo! Lembra-se de mim?

Vitória balançou a cabeça afirmativamente e disse:

– Lembro de você, mas não de tê-lo visto antes.

– Este é seu mentor. Você se lembra dele porque sempre esteve ao

seu lado – disse Amélia, sorrindo.

Otávio se sentou ao lado da menina e disse carinhosamente:

– Minha pequena, eu estou ao seu lado desde antes do seu nascimento. Nós estivemos bem juntinhos nos seus dois primeiros anos, mas, daí em diante, achamos melhor que sua mãe a guiasse. Eu não me afastei, mas foi importante que você e sua mãe estivessem mais próximas nesses últimos dois anos.

Amélia sorriu e falou, acariciando os cabelos de Vitória:

– A mamãe vai se ausentar por um tempo, mas o Otávio vai sempre trazer notícias minhas para você e as suas para mim.

Vitória não entendeu muito bem porque a mãe precisaria se ausentar, mas se despediu sem reclamações.

No dia seguinte, a menina correu para contar à tia Vilma tudo que ocorrera naquela noite. Vilma era a única que acreditava nela e, para evitar críticas e desconfortos, era a única para quem Vitória contava sobre suas conversas com a mãe. Vilma não via ou falava com os espíritos como a sobrinha, mas tinha uma grande percepção energética. Ela conseguia perceber a mais tênue mudança vibratória em um local, fato que muitas vezes a incomodava.



Em uma manhã chuvosa de domingo, todos na fazenda se aprontavam para ir à igreja, quando Vilma começou a se sentir extremamente incomodada. Uma sensação ruim tomava conta de seu corpo e mente, e ela tentou não se deixar envolver, mas percebeu que havia algo errado. Começou a andar pela casa de forma descontrolada, assustando a todos. Chegando à varanda, parou em frente à cadeira de balanço, local onde Jorge costumava passar seus momentos de descanso, quando encarnado. De repente, começou a se sentir fraca e desmaiou.

Abriu os olhos e, mesmo caída, percebeu que algo estava bem diferente: uma névoa escura e densa cobria toda a varanda e, apesar

de o sol ter acabado de nascer, o céu estava escuro como se fosse noite. Ela começou a ouvir um choro constante e agudo, olhou para os lados e viu sua mãe caída aos pés da cadeira de balanço, chorando copiosamente. Tentou se levantar para alcançá-la, mas não conseguiu e começou a gritar em desespero.

De repente, ouviu uma voz feminina, serena e calma ao seu lado, a lhe dizer:

– Não se desespere, minha querida! Sua mãe sofre por não conseguir encontrar e ajudar o seu irmão.

Vilma tentou enxergar de onde a voz se originava, mas não conseguia. Entendeu que sua mãe e o irmão precisavam de ajuda, mas como poderia ajudá-los se estava do lado material da vida? Então ouviu aquela voz serena novamente:

– O que você pode fazer é orar por eles. Não desista e acredite.

Nesse momento, a voz feminina se calou e ela ouviu outra voz, ao longe, agora masculina. Reconheceu nela a voz do padre Onofre, que dizia:

– Acorde, Vilma. Estou aqui para ajudá-la.

Ela foi acordando devagar e percebeu estar nos braços do padre.

– Pensei que estivesse louco, mas, mesmo assim, ouvi quando me pediram em sonho para que eu viesse até aqui. Que bom que acordou, Vilma – disse o religioso com um meigo sorriso.

– Minha mãe está aqui, padre! Ela está aqui e está sofrendo... O que eu faço?

– Faça o que lhe pediram. Ore.

– Como o senhor sabe o que me pediram?

– Não me pergunte, Vilma. Nem eu sei responder por que falo certas coisas.

– Tudo bem, eu entendo. Antes de morrer, Jorge me contou sobre o que aconteceu na igreja, antes da sua partida, meu bom padre.

Ajudando-a a se levantar, Onofre baixou a cabeça e respondeu:

– Vilma, por favor, não me chame de padre, pois eu não estou mais no exercício do sacerdócio. Toda aquela confusão com o Jorge

e, depois, infelizmente, com o pai de Júlia, me fez refletir muito sobre fatos reiterados que vinham acontecendo já há algum tempo. Eu tentei me manter fiel ao meu ofício, mas tinha dúvidas sobre minha própria sanidade. Como poderia pregar aos fiéis sobre o céu e o inferno e sobre o dia do juízo final se nem mesmo eu acreditava mais nisso? Pensei estar louco ou até possuído e meus superiores acharam melhor me afastar da Igreja. Tudo ficou mais confuso há uns dias, quando comecei a ouvir uma voz que me repetia, noite após noite, que eu deveria voltar aqui. No início, tentei ignorá-la, mas acabei cedendo e, ao chegar, encontro-a desmaiada na varanda, chorando e repetindo o nome de sua mãe! Eu realmente devo ter enlouquecido.

– Acalme-se, padre. Eu também estou confusa com tudo isso. Além disso, o senhor, mais do que ninguém, sabe que eu sou a última pessoa que poderia lhe julgar. Depois de tudo que já lhe disse sobre as sensações estranhas que sempre tive, o senhor sabe que pode confiar em mim. Afinal, se o senhor é louco, o que eu seria?

O padre olhou para o céu e, num tom de desespero, suplicou:

– Meu Deus, tenha piedade deste seu humilde servo que não está entendendo o curso de sua vida!

– Não se angustie, padre. Eu tenho certeza de que todas as respostas chegarão no momento certo – acalmou-o a mulher e, tentando mudar de assunto, perguntou: – O que o senhor disse sobre o pai da Júlia?

– É uma longa história, mas nós precisaremos conversar melhor sobre este assunto, pois acredito que ele esteja relacionado à morte do seu irmão. Porém, não o faremos agora, porque você precisa descansar.

O marido de Vilma chegou à varanda naquele momento. Tendo ouvido a última parte da conversa e, vendo-a um pouco pálida, perguntou:

– O que está acontecendo? Ela está bem, padre? Será que precisamos chamar um médico?

– Não precisa, eu estou bem – respondeu Vilma e logo questionou: – Mas... e a missa?

– Pelo horário não há mais tempo, minha querida – disse o marido.

A família desistiu de ir à igreja naquele dia e convidou o amigo Onofre para passar alguns dias na fazenda.



## TEMPO DE PRANTEAR

Após ter desmaiado no hospital onde fora atendido, Jorge acordou em um local frio e escuro<sup>2</sup>. Ele escutou o som do vento que uivava ao passar entre as encostas e tentou identificar onde estava, mas uma neblina densa o impedia de enxergar mais que poucos metros à sua frente. O chão era lamacento e difícil de caminhar, mas ele se levantou, tentou se limpar o máximo que pôde e começou a caminhar sem saber exatamente qual direção tomar.

Após caminhar por várias horas, Jorge ouviu passos a segui-lo e tentou andar mais rápido, mas os passos pareciam estar cada vez mais próximos. Por um momento, ele lembrou a sensação que teve antes de seu encontro com o pai de Júlia e desistiu de continuar fugindo, virou-se e tentou enxergar quem se aproximava. Viu um rapaz jovem e alto, surpreendentemente bem vestido e limpo, para aquele local. O rapaz parou e, olhando diretamente para os olhos de Jorge, começou a falar:

- Olá, meu caro! O que faz por aqui? Você está muito longe de casa, não é?
- Quem é você e onde estou? – perguntou Jorge.
- Você está em terras esquecidas. Nem aqui e nem lá. Nem certo e nem errado. Você está em lugar nenhum. Aqui vai ficar sozinho, pois foi abandonado por todos. Você não se enquadrou nas regras e

limites dos certinhos, então foi jogado aqui para ser comido por lobos. Mas, se quiser, há outros lugares para ir. Você pode ir para onde eu estou indo. Lá existem muitos como você.

Jorge não entendeu muito bem o que aquele homem disse, mas acreditou que suas intenções não eram boas. Uma coisa que ele aprendera a fazer durante a vida foi ler as intenções nos olhos de seus adversários.

– Não, muito obrigado! Prefiro ficar aqui.

– Se mudar de ideia, pense em mim e eu virei até você para o seu auxílio. Sei que você me chamará, porque logo terá fome, frio e cansaço. E eu, ao contrário dos certinhos, não sou hipócrita e não o abandonarei.

Antes que pudesse responder ao homem, ele já havia ido embora e Jorge escutou uma voz, mas não conseguia distinguir de onde vinha.

– Não o abandonaremos, Jorge. Basta querer e nós estaremos ao seu lado.

Ele ficou confuso, irritado e começou a gritar:

– Me deixem em paz! Eu quero ficar sozinho. Quero morrer sozinho. Me deixem em paz...

Correu até uma espécie de caverna e se abrigou em um canto apertado, tentando se aquecer, e ali adormeceu. Após algum tempo de descanso, começou a ouvir vozes, várias delas, e percebeu outras pessoas vagando próximo dali.

Com medo de quem poderiam ser, escondeu-se e as observou de longe. Eram duas mulheres e um homem, sendo que uma das mulheres estava quase nua e tinha marcas por todo o corpo, mas nem parecia se importar com suas condições. A outra mulher chorava muito e repetia o tempo todo:

– Onde está o meu filho? Quem pegou o meu bebê?

O homem caminhava logo atrás das mulheres, mas não parecia estar com elas. Ele estava todo sujo e esfarrapado, magro e despenteado. Logo os três desapareceram no horizonte.

Os dias e as noites não eram muito diferentes entre si e era difícil

contabilizar a passagem do tempo. A fome e o frio eram intensos e Jorge já não conseguia dormir. Não que sentisse menos sono, mas o medo de que alguém o surpreendesse enquanto estivesse descansando o fazia dormir cada vez menos.

De vez em quando apareciam pessoas caminhando, arrastando-se, chorando e gritando. E, por mais que se sentisse sozinho, ainda não conseguia compreender o que estava acontecendo e preferia se manter escondido e afastado de todos.

Jorge já havia perdido a noção de tempo, não sabia se estava ali há dias, semanas, meses ou anos. A dor no peito, no local em que fora baleado, era constante, mas ele já havia se acostumado com ela e, às vezes, até se esquecia do ferimento.

Um dia, enquanto se escondia de pessoas que vagavam por ali, observou um senhor idoso que andava com dificuldade pelo chão lamacento e se lembrou de seu pai. Mesmo sem nunca ter tido um relacionamento afetivo com o genitor, um sentimento de saudade bateu em seu coração e decidiu tentar ajudá-lo. Porém, na hora em que o homem o viu, começou a gritar:

– Saia daqui. O que você quer? Quer me roubar? Ninguém vai me roubar! Eu sei o que você quer. As minhas terras e o meu dinheiro, mas desista, pois é tudo meu.

Jorge não entendeu a reação do senhor e se afastou com medo de que seus gritos chamassem a atenção de outros.

Passado mais algum tempo, sentado em sua caverna que na verdade era apenas um pequeno buraco em um barranco, Jorge observou uma jovem de cabelos longos, que tentava correr pela lama. Ela dava alguns passos, parava e olhava para trás como se estivesse sendo perseguida. De repente, a jovem tropeçou no próprio vestido, um longo vestido vermelho que um dia deve ter sido muito bonito e caro, mas agora eram apenas farrapos imundos.

Ao ver a jovem caída e chorando, ele teve um impulso de ajudá-la, mas se lembrou da reação do senhor que tentara acudir e desistiu. Manteve-se distante e começou a admirar as feições da jovem

mulher que, apesar de estar suja e despenteada, ainda mostrava traços muito bonitos e delicados. Ele começou a pensar nos dias de farra e se lembrou de que há tempos não tinha uma mulher em seus braços.

Ela não era tão jovem quanto as meninas pelas quais se sentira atraído quando encarnado, mas não parecia ter mais de dezoito anos de idade. Por um momento, pensou novamente em ir até ela; quem sabe uma companhia feminina não deixasse seus dias menos doloridos? Quem sabe um pouco de prazer carnal não o faria esquecer-se da fome e do frio? Mas, antes mesmo que se levantasse, a jovem começou a gritar:

– Eu desisto. Estou com fome, estou com frio e faço o que você quiser, mas venha me buscar.

Nesse momento apareceu o mesmo jovem que o havia abordado tempos atrás e Jorge se deu conta de ter se esquecido daquele encontro que parecia ter ocorrido há muito tempo. O jovem se aproximou da moça e, passando a mão nos cabelos dela, olhou-a e perguntou:

– Você fará qualquer coisa? Tem certeza?

Ela balançou a cabeça em um sinal positivo e ele a pegou nos braços. O rapaz olhou em direção ao local onde Jorge se escondia, como se soubesse que ele estava ali, e levou a moça embora em direção ao horizonte.

“Ela é louca. Eu prefiro ficar sozinho, pois assim ninguém me machuca e, principalmente, eu não machuco ninguém” – pensou Jorge.

Mais uma vez sozinho, entregou-se ao cansaço e adormeceu.

---

2 *Nota do autor:* O sentimento de culpa, revolta e incompreensão levam nossos irmãos desencarnados para lugares em que estes sentimentos se fazem presentes. Se um desencarnado se julga merecedor do inferno, ele buscará, mesmo que inconscientemente, esse local para pagar por seus pecados.



## TEMPO DE GUERRA

Passaram-se muitas semanas. De vez em quando, Jorge assistia à mesma cena: alguém implorava por auxílio e era resgatado. Nem sempre era o mesmo jovem que aparecia para o resgate; às vezes era uma senhora, às vezes um senhor... Um dia, em um momento desesperador de fome, frio e dor, ele começou a se lembrar da família e seu peito parecia que ia explodir. Jorge se rendeu e sussurrou bem baixinho:

– Tudo bem, pode vir. Eu não presto para nada mesmo. Nada que fizerem comigo vai ser pior do que o que estou passando agora, nem pior do que eu realmente mereço.

Não demorou muito tempo e ele percebeu que estava sendo observado por uma mocinha de, no máximo, doze anos de idade. Ela vestia roupas vulgares e tinha o rosto pintado, típico das mulheres que viviam no bordel que ele frequentava em sua época de noitadas. Jorge olhou mais diretamente para aquele rosto e a reconheceu. A menina era ninguém mais, ninguém menos que Júlia. Ela se aproximou e se abaixou ao lado dele, dizendo:

– Olá, meu amor! Finalmente eu o encontrei.

– Júlia? O que faz aqui? Por que está vestindo essas roupas? – ele perguntou espantado.

– Estas roupas? Qual o problema com elas?

– Você não é assim. Está parecendo uma...

– Uma o quê? – interpelou Júlia. – Olhe para você, imundo e vestindo farrapos. Eu, pelo menos, estou limpa e vestida. Você quer ajuda ou não?

– Você é que veio me ajudar? Por quê?

– Na verdade, meu chefe veio lhe ajudar. Eu apenas o acompanhei para que você visse um rosto amigo e se sentisse menos incomodado.

– Você, um rosto amigo? Eu pensei que me odiasse depois de tudo que fiz.

– Eu realmente deveria odiá-lo. Afinal, você me disse que gostava de mim e depois se casou com outra. Mas, de verdade, eu não consigo porque o amo e sempre amei. Tirei minha vida porque não fazia sentido viver sem você, mas aí descobri que continuaria vivendo aqui sem a sua presença. Agora acabou o sofrimento e nós poderemos estar juntos.

– Juntos? Mas você é uma criança...

– Criança?! Você não pensou nisso quando se deitou comigo. Além disso, não importa o que eu era. Já se passaram muitos anos e, apesar de eu ainda ter a mesma aparência, não sou mais uma criança.

Júlia estendeu a mão a Jorge que, cansado demais para discutir ou argumentar, segurou-a e se levantou. Apoiado na pequena Júlia, seguiu em direção ao jovem rapaz que os esperava.

– Olá, Jorge! Eu sei que você está cansado demais para caminhar. Então nós o levaremos até a nossa casa.

Jorge entrou em uma espécie de carruagem e, sem reparar muito em nada, deitou-se e adormeceu.



Quando Jorge acordou, percebeu que estava em um quarto pequeno e relativamente limpo. Não se parecia em nada com o

hospital onde havia sido atendido tempos atrás, mas era melhor do que o buraco em que vivia. Sentou-se na cama e percebeu que estava vestido com roupas limpas, parecidas com as que usava quando encarnado. Júlia, que o observava, aproximou-se e disse:

– Que bom que acordou, meu amor! Mateus o espera.

– Quem?

– O meu chefe. Foi ele quem o resgatou do lugar imundo onde você vivia.

Jorge se levantou e seguiu Júlia, passando por um longo corredor cheio de portas em ambos os lados. Eles chegaram a uma sala parecida com um escritório e Mateus estava sentado atrás de uma grande mesa, sobre a qual repousava um prato cheio de uma espécie de sopa. O anfitrião olhou diretamente para ele e falou:

– Sente-se e coma. Depois conversaremos.

Jorge não pensou duas vezes, pois sua fome era desesperadora. Não conseguiu identificar muito bem do que a sopa era feita, mas, como sua mãe sempre dizia: “a fome é o melhor tempero para a comida”. Depois de esvaziar o prato, olhou para Mateus e falou:

– Eu sei que é você quem manda aqui e respeito isso, mas eu preciso saber o que tenho de fazer para ser recebido em sua casa.

– Minha casa? Você está sendo recebido em minha cidade. Há muito mais além desta residência.

Mateus se levantou, abriu as janelas do cômodo e Jorge percebeu que existiam outras construções ali, formando um pequeno vilarejo cercado por muros altos. Ficou admirado com o lugar que, apesar de menor, mais escuro e sujo, era parecido com a cidade que costumava frequentar quando estava encarnado.

Ele então repetiu a pergunta:

– O que eu tenho de fazer? Sei que tudo isso não sairá de graça.

Mateus colocou a mão sobre os ombros dele e disse:

– Calma, Jorge. Antes de eu lhe dizer o que quero, preciso saber o que você quer.

Jorge pensou sobre o que acabara de ouvir e, mesmo desconfiando

que as intenções de Mateus não eram tão bondosas, respondeu:

– Quero saber da minha família. Tanto dos que ainda estão vivos, quanto daqueles que morreram.

– Sua esposa, como você já verificou com seus próprios olhos, vive com os seguidores do Cristo, os “certinhos”, como alguns aqui costumam chamar.

Nesse momento, Júlia, que até então estava em silêncio ao lado da porta, irritou-se e começou a falar, cheia de cólera:

– Por que quer saber daquela zinha? Eu é que fui buscá-lo na lama.

Sem dizer uma palavra, Mateus olhou diretamente para Júlia, que baixou a cabeça pedindo desculpas. Mateus se sentou e continuou:

– Sua primeira filha, como você também já deve saber, vive junto com sua esposa Amélia.

Nesse momento, ouviram um soluço vindo de Júlia. Mateus se levantou e gritou:

– Eu estou farto da sua fraqueza. Você deveria ter pensado antes de fazer o que fez, agora é tarde. Vá! Você já deveria estar trabalhando. Há muito que fazer, vá agora.

Jorge pensou em defender Júlia, mas, com medo de piorar a situação, calou-se. Mateus se sentou novamente e continuou:

– Onde estávamos? Ah, sua linda família feliz – disse Mateus com tom de ironia. – Sua mãe ainda vaga à sua procura. Tentei convencê-la a me seguir, mas ela não confia em mim. Quem sabe agora que você está aqui, ela não decida se juntar a nós? Seu pai, este nem aqui consegue permanecer. Parece ter enlouquecido.

– Como sabe de tudo isso?

– Eu tenho olhos e ouvidos em todos os lugares. Continuando: aqueles que estão vivos, vivem muito bem sem você. Após ficarem viúvos, ambos, seu irmão Agnaldo e sua irmã Vilma, decidiram criar sua filha como se fosse deles e, como eu disse, estão muito bem sem você.

Apesar de ter percebido o sarcasmo na voz de Mateus, Jorge

acreditou em tudo que acabara de ouvir e decidiu fazer a pergunta que tanto temia:

– Há quanto tempo eu morri?

Mateus deu mais um sorriso sarcástico e respondeu:

– Basta eu dizer que sua filhinha já tem a idade de Júlia, quando você a deflorou. Ela provavelmente deve ser tão atraente quanto Júlia era.

Jorge arregalou os olhos e se levantou bruscamente.

– Não ouse insinuar algo desse tipo, seu, seu...

Antes que pudesse concluir a frase, Mateus o olhou diretamente e disse com voz firme:

– Bom, agora podemos conversar sobre o que quero e, se tudo der certo entre nós, talvez eu consiga que você faça uma visita à sua irmã e, quem sabe, à sua filhinha linda.

A situação era extremamente desconfortável para Jorge, pois era a primeira vez que se via como o oprimido e não como o opressor. Percebeu que se quisesse permanecer ali teria de aceitar o fato de que Mateus era quem dava as ordens e que, ao contrário do que acontecia quando encarnado, agora ele era o subalterno. Seus instintos mais profundos diziam para se impor diante daquele homem, afinal quem Mateus pensava ser para falar daquela forma?

Mas Jorge estava cansado demais para brigar e, no fundo, acreditava que merecia ser punido por tudo que havia feito. Talvez, aquela situação fosse a justiça se fazendo presente, pensava.

– Tudo bem. O que vai querer de mim?

Percebendo os sentimentos conflitantes de Jorge, Mateus se levantou e, aproximando-se calmamente, respondeu:

– Eu percebo e entendo o quanto se sente estranho por não ser mais a voz ativa. Não se preocupe, pois não pretendo subjugá-lo, mas você precisa aceitar que aqui quem manda sou eu. Além disso, o que você terá de fazer não é nada demais; apenas quero que continue fazendo o que faz de melhor. Quero que me auxilie a coordenar um grupo de trabalhadores que acompanham encarnados

que, como você, têm gosto refinado por mulheres.

– Você está falando sobre abusar de jovens como a Júlia? Eu não posso, pois estou tentando mudar. Faz anos que tento não pensar nisso e agora você quer que eu incentive outras pessoas a fazerem o mesmo?

– Por que você está aqui? Por que não ficou com sua linda esposa?

Jorge não sabia o que responder e permaneceu em silêncio. Mateus sorriu e, colocando a mão sobre o ombro dele, continuou:

– Você não ficou com eles porque não pertence àquele lugar. Durante toda a vida tentaram convencê-lo de que seus pensamentos e atitudes eram errados, mas você nunca forçou nenhuma daquelas meninas a ficar com você. Elas também queriam aquilo. Olhe para a Júlia, ela não só quis, como ainda o quer.

Jorge pensou em argumentar, mas já não tinha forças para isso. Por mais que soubesse que o que fizera era errado, ele realmente estava cansado de lutar contra seus desejos.

– Mas por que eu? Você deve ter outras pessoas que possam fazer esse trabalho. Talvez alguém que já trabalhe para você e tenha alguma experiência no que deve ser feito.

– Não há ninguém com maturidade suficiente para isso. O meu homem de confiança para isso, infelizmente, eu o perdi há muitos anos. Tentei colocar outros nesse cargo, mas nunca deu certo. Além disso, eu já lhe observo há muito tempo, desde antes do seu desencarne. Sei do que você é capaz.

– E o seu homem de confiança? Como o perdeu?

– Não quero e não vou falar sobre isso com você – disse Mateus com voz irritada. – E então, aceitará ou não a minha proposta?

– Acho que não tenho muitas opções, não é?

– Ótimo! Agora venha. Preciso apresentá-lo aos seus companheiros de trabalho.

Mateus e Jorge saíram do escritório e seguiram até uma ampla sala na entrada da casa, onde aproximadamente dez homens os

esperavam. Eles não vestiam farrapos como aqueles que Jorge usava antes, mas estavam sujos e malvestidos. Todos se mantinham de cabeças baixas, evitando olhar diretamente para Mateus. Jorge também percebeu que tinham movimentos erráticos e mal conseguiam controlar o tremor das mãos.

– Bom, Jorge, aqui estão apenas alguns dos que você guiará. Não se preocupe com a aparência e o modo como agem. Eles ficam assim quando estão com sede.

– Sede? Eles não têm água para beber?

Mateus riu e respondeu:

– A sede que eles têm não é de água, e sim dos fluídos emanados dos prazeres da carne.

Mateus se aproximou de um deles, abraçou-o e começou a sussurrar algo em seu ouvido. Jorge não compreendia muito bem o que estava acontecendo, mas percebeu que Mateus parecia emanar uma névoa escura em direção ao homem, que parou de tremer expressando uma feição de alívio e prazer.

– Jorge, aqui é seu lugar – disse Mateus se virando para ele e pegando em sua mão.

Jorge sentiu algo muito estranho. Era como se o toque das mãos de Mateus o fizesse lembrar o que sentia quando estava encarnado e ainda se rendia aos desejos mais inadequados. Ele até pensou em resistir, mas desistiu e se entregou à sensação de prazer. Percebendo a entrega de Jorge, Mateus largou suas mãos, dizendo:

– Ainda disposto a trabalhar para mim?

– Sim, mas eu não tenho a menor ideia do que terei de fazer.

– Não se preocupe, Pedro lhe auxiliará. Ele é um dos meus trabalhadores mais experientes e dispensará um pouco de tempo para lhe ensinar o ofício.

– Se é tão experiente, por que essa posição de comando não foi dada a ele?

– Digamos que Pedro seja meu capataz. Isso significa que você e os demais líderes respondem diretamente a ele e ele responde a

mim.

Mateus explicou que Jorge e seus homens acompanhariam encarnados com comportamentos sexuais moralmente impróprios, coletando as energias emanadas por eles. Eram vários grupos como aqueles, os quais acompanhavam assassinos, ladrões e alcoólatras. Um desses grupos era composto apenas por mulheres e acompanhava encarnadas que se vendiam em bordéis do plano material.

Os fluidos energéticos coletados pelos trabalhadores eram usados para manter o vilarejo onde moravam e tudo o que havia nele (casas, roupas, alimento, etc.). Na época em que ainda era um mero trabalhador, Mateus fora braço direito de seu mestre, que o ensinou tudo que sabia. O que o mestre não imaginava era que, após aprender os processos de manipulação de fluidos, Mateus armaria um motim no vilarejo, conseguindo depô-lo para tomar sua posição. Agora Mateus evitava cometer o mesmo erro, não ensinando a ninguém o que sabia.

No início, Jorge fazia o seu trabalho com certo receio, mas, com o tempo, já não se incomodava mais. Como líder, não era obrigado a estar ligado diretamente às situações vividas pelos encarnados, mas passou a participar e a gostar de tudo que acontecia. Mateus via o progresso dele com bons olhos e, após ter certeza de que não perderia seu servidor fiel, decidiu cumprir a promessa de levá-lo para ver sua família encarnada.



## TEMPO DE ABRAÇAR

Levar Jorge até seus familiares não dependia apenas da vontade de Mateus, visto que no plano espiritual é necessário haver uma sintonia energética para que a aproximação seja percebida. Assim, Mateus havia pedido que Pedro fosse até a fazenda de Jorge para verificar como andava o nível vibracional dos encarnados que viviam lá. Na ocasião, Pedro só conseguiu chegar até a varanda da casa-sede, pois a harmonia e o equilíbrio dos encarnados que habitavam aquele lugar mantinham o nível vibracional destoante do dele, dificultando que ele ou qualquer outro espírito pouco esclarecido se aproximasse.

Entretanto, após algumas tentativas frustradas de Pedro de adentrar a casa, ele foi recebido por Otávio, mentor de Vitória.

– Por que insiste, Pedro? Enquanto os encarnados desta casa se mantiverem em equilíbrio, você continuará fracassando – disse Otávio.

– Como sabe meu nome? Quem é você? – retrucou Pedro com irritação.

– Eu sei quem você é e para quem trabalha. Sou o guia de um dos moradores desta casa e tenho assistido suas tentativas frequentes para adentrar este lar.

– Se você é um dos certinhos, por que eu estou lhe vendo agora?

– Na condição em que se encontra, você não é capaz de alcançar o nosso nível vibracional, mas nós conseguimos chegar até o seu. Hoje eu me fiz presente para você porque quero que leve um recado ao seu chefe.

– Acha que sou seu garoto de recados? – questionou Pedro, com um ar de sarcasmo.

– Como eu disse anteriormente, enquanto os encarnados desta casa se mantiverem em equilíbrio, vocês não conseguirão entrar. Entretanto, Jorge terá autorização para uma visita.

Antes que Pedro pudesse dizer qualquer outra coisa, Otávio desapareceu. Irritado, ele retornou ao vilarejo e deu o recado a Mateus.

Passados alguns dias, Mateus pediu que Jorge o acompanhasse em uma caminhada fora dos limites do vilarejo e eles seguiram por uma estrada escura até uma porteira.

– Lembra-se deste lugar? – questionou Mateus.

– Meu Deus! – disse Jorge ao reconhecer a entrada de sua fazenda.

– Deus? Ele não está aqui – disse Mateus com ironia. – Você terá apenas uma hora para ficar aqui. Ah, e não se preocupe, pois Vitória não está em casa. Você não correrá o risco de encontrá-la.

Jorge olhou para Mateus como se não estivesse entendendo o que ele acabara de dizer. Então, este explicou:

– Eu sei que tem medo de encontrar sua filha, pois ela já não é mais a pequena criança que você conheceu – disse Mateus, tentando parecer compreensivo. – Entendo o seu medo de olhar para ela e não a enxergar como filha, e sim como uma mulher. Mas não se preocupe, pois ela está estudando.

Jorge adentrou a fazenda e logo visualizou sua cadeira de balanço na varanda de casa, onde costumava descansar quando estava encarnado. Surpreendeu-se com o fato de não ver outros desencarnados por ali, já que estava acostumado a sempre encontrá-los em qualquer lugar, vagando em sofrimento ou tentando se

aproximar dos encarnados.

Subiu as escadas da entrada principal e entrou na sala de estar, onde Vilma bordava alguns tecidos, enquanto Agnaldo, já de cabelos grisalhos, lia o jornal. Com a entrada de Jorge, Vilma parou o que estava fazendo e respirou fundo.

– Você sentiu isso? – perguntou. – Uma brisa gelada que entrou pela porta.

– Está doente, Vilma? O dia está ensolarado e não há vento algum. Olhe as árvores lá fora, as folhas nem sequer se movem – respondeu Agnaldo.

Vilma tentou esquecer a sensação, mas ficou incomodada demais. Jorge se aproximou e tentou acariciar-lhe o rosto, fazendo com que ela começasse a chorar.

– Está tudo bem, minha irmã? Por que está chorando? – questionou Agnaldo preocupado.

– Você não está sentindo? Não sei explicar como, mas eu acho que o Jorge está aqui.

– Pare com isso, Vilma, está enlouquecendo?

Jorge, com lágrimas nos olhos, desabafou, mesmo sabendo que ninguém poderia ouvi-lo:

– Minha querida irmã! Graças a Deus, você não pode me ouvir ou me ver, pois ficaria decepcionada em saber no que me tornei. Nunca fui uma boa pessoa, mas consegui me tornar um monstro ainda maior.

Nesse momento, Vitória entrou pela sala, surpreendendo a todos.

– O que faz aqui, Vitória? Você deveria estar em aula – disse Agnaldo.

– Sim, meu tio, mas o Otávio me avisou que papai estava aqui em casa – respondeu ela, olhando diretamente para Jorge.

– Você é tão louca quanto sua tia. Cansei de discutir com vocês – reclamou Agnaldo, saindo da sala.

– Olá, papai, senti sua falta – disse Vitória se aproximando de Jorge.

Ele olhou para a mocinha, agora com quatorze anos, e foi como se tivesse voltado no tempo, pois parecia estar enxergando Amélia quando jovem: os mesmos longos cabelos loiros, olhos azuis e os traços delicados de sua mãe.

– Você pode me ver, minha filha? Como?

– Não se lembra, papai? Desde pequena, consigo ver pessoas que já faleceram. Mamãe ainda vem me ver de vez em quando e eu vejo e converso com o meu mentor, o Otávio. Eu já vi, mas nunca havia conversado com alguém que ainda não tivesse aceitado o auxílio dos trabalhadores de Jesus. Fico feliz em poder, finalmente, vê-lo e conversar com o senhor.

– Seu pai é uma pessoa má, Vitória. Você realmente não deveria estar falando comigo – Jorge respondeu com tristeza.

Vilma, não se contendo mais, disse emocionada, com lágrimas nos olhos:

– Meu irmão, ao contrário de Vitória, eu não posso vê-lo, mas fico feliz que esteja aqui. Eu rezo por você todas as noites.

Ele olhava envergonhado para a irmã, quando percebeu um rapaz se aproximar e colocar a mão sobre o ombro de sua filha.

– Quem é este homem, Vitória?

– Este é Otávio, papai. Ele é um amigo que me auxilia em minha jornada aqui na matéria. Todos nós temos amigos que nos ajudam.

– Sei! – retrucou com ironia. – Se eu tivesse alguém para me guiar, não teria feito tudo que fiz.

Antes que Vitória pudesse responder, Otávio tomou a palavra:

– Caro Jorge, sua mentora sempre orou e pediu por você. Ela ficou ao seu lado e tentou convencê-lo a agir de forma correta. Você não se lembra de ter ouvido várias vezes uma voz interior que dizia para não agir com violência ou luxúria? Porém, um mentor não pode tirar o livre-arbítrio de seu tutelado. Nós só podemos aconselhar.

– Sério? E onde ela está agora? – questionou Jorge.

– Assim como fez por diversas vezes quando estava encarnado, você de novo a afastou com suas atitudes e pensamentos. Entretanto,

ela nunca desistirá de ajudá-lo. Você a reencontrou quando foi atendido após o seu desencarne. Sua mentora é a Ana.

Jorge se lembrou da doce mulher que o recebeu no hospital e, antes que pudesse falar algo, Vitória lhe disse:

– Pai, o Otávio me alertou sobre o que anda fazendo e não o condeno por isso, mas o senhor tem que repensar se isto está lhe fazendo bem.

– Minha filha, estou onde deveria estar. Eu não presto e nunca prestei. Então, para que lutar?

Mesmo tentando se manter forte, Vitória não conseguiu ouvir o que o pai acabara de falar sem que as lágrimas começassem a rolar insistentemente por sua face. Vilma não conseguia ouvir o diálogo entre eles, mas, percebendo a tristeza de sua sobrinha, ficou inquieta e questionou:

– O que está acontecendo, Vitória? Está tudo bem?

– Vai ficar! Mesmo que papai não consiga enxergar isso agora, ele é forte o suficiente para resistir aos seus desejos lascivos. Eu tenho fé que, com o tempo, ele perceba que é capaz – respondeu Vitória enquanto olhava diretamente para Jorge.

Infelizmente, as palavras de perseverança e de apoio de Vitória não tiveram o efeito que ela esperava e os sentimentos de culpa e raiva tomaram conta de Jorge.

– É muito fácil para você dizer isso! Acha que não tentei lutar contra esses desejos? – esbravejou ele.

Nesse momento, Otávio olhou diretamente para Jorge e, mentalmente, começou a falar com ele:

“Não quero que Vitória me ouça, mas você tem de ir embora. Você sempre será recebido de braços abertos, mas não enquanto agir como está agindo. Sua entrada aqui só foi permitida porque serviria de aprendizado para todos, mas agora basta. Quando você decidir mudar, eu serei o primeiro a lhe dar apoio, mas, até lá, tenho que proteger Vitória. Quero que saia e leve seu amigo que o espera lá fora. Mateus sabe que não pode entrar aqui, por isso nem tentou

atravessar a porteira.”

Jorge se irritou ainda mais com o que acabara de ouvir, mas pensou direito e percebeu que Otávio tinha razão e que ele estava protegendo Vitória. Virou-se em direção à porta e, antes de sair, perguntou também em pensamento:

“Ela sempre estará protegida por você?”

“Sim, mas meu papel como mentor é apenas orientar, pois as decisões e pensamentos são de Vitória. Eu não posso infringir seu livre-arbítrio. Ela fará o que decidir fazer.”

– Espero que repense suas decisões, meu pai. Saiba que nós continuaremos orando pelo senhor – disse a menina, de forma carinhosa.

– Nós sempre o amaremos, meu irmão – reiterou Vilma.

Com o olhar, Jorge se despediu de Vitória e, pensativo, caminhou até a porteira da fazenda, onde Mateus o esperava.

“Parece que a visita foi mais proveitosa para mim do que eu esperava. Como queria ser uma mosquinha para ter assistido ao drama que deve ter acontecido naquela casa! A chegada inesperada de Vitória parece ter sido providencial para que ele visse com seus próprios olhos que não pertence mais a esta família” – pensou Mateus com satisfação ao ver o abatimento de Jorge após a visita.

Além de garantir a confiança de Jorge ao cumprir a promessa que havia feito, Mateus acreditava que a visita a seus familiares seria uma jogada de mestre para concretizar seus planos de fazê-lo desistir de vez de tentar ser uma pessoa melhor.

Por anos no ofício de influência, Mateus conviveu com vários tipos de viciações e sabia que, por mais que fosse arriscado, o confronto do viciado com o olhar ou comentários de reprovação dos seus entes queridos podia ser uma ferramenta eficaz em sua derrocada.

Mateus queria que Jorge se deixasse envolver pela culpa que sua presença desarmonizadora provocaria nos familiares e acreditasse não ser capaz de mudar, concluindo ser mais sensato permanecer ao

lado dele.

Em contrapartida, a equipe espiritual que trabalhava no auxílio a Jorge via aquela visita como a oportunidade de que ele percebesse o quanto era amado, independentemente de suas ações passadas e atuais. Assim, ao contrário da percepção inicial de Mateus, a equipe espiritual estava certa, pois, apesar do abatimento aparente de Jorge, a semente havia sido plantada.

– Vejo que a visita não saiu como esperava. Você ainda deseja visitar suas outras irmãs? – questionou Mateus com ironia.

– Não. Depois de tudo que acabou de acontecer, eu prefiro ir embora – respondeu Jorge com um tom de tristeza.

Ambos retornaram em silêncio até os muros que cercavam o vilarejo onde viviam, porém, antes de passarem pelo portal de entrada, Mateus segurou Jorge pelo braço e disse:

– Ao contrário da maioria dos líderes por aqui, eu não escravizo<sup>3</sup> aqueles que me seguem e sempre cumpro as minhas promessas. Espero que você tenha percebido que não pertence mais àquele mundo e que o seu lugar agora é conosco. Quando permitiram a sua entrada, eu imaginei o que poderia acontecer, mas não queria que você se sentisse mal, apenas que compreendesse quem realmente é. Você não precisa deles.

– Segundo o mentor de Vitória, enquanto eu agir como ajo agora, não sou bem-vindo naquele lugar – falou Jorge. – Mas o problema é que eu não consigo ser diferente.

– Viu? Como pessoas que se dizem caridosas podem impedir um pai de ver sua filha? Eles querem manipular você.

– Eu não quero falar mais sobre isso.

– Eu sei que desistiu de visitar seus parentes encarnados, mas ainda quer visitar seu pai?

Jorge balançou a cabeça com um sinal positivo e eles seguiram por uma pequena trilha lamacenta fora dos limites do vilarejo. Após algum tempo, chegaram a uma área cheia de pessoas malvestidas e sujas que gritavam, murmuravam e se contorciam. Jorge se lembrou

do local onde vivia antes de ser recolhido por Mateus, mas ali parecia ser muito pior.

– Tem certeza de que quer vê-lo? – questionou Mateus.

– Sim, mas por que pergunta?

– Neste local ficam aqueles que não aceitam auxílio de ninguém, assim como você, no início. Eles não têm propósito algum além de alimentar as próprias dores. Eu tentei acolher seus pais algumas vezes, mas seu pai é orgulhoso demais para aceitar ajuda e sua mãe não aceita deixá-lo. Quem sabe com a sua ajuda, eles mudam de ideia?

– Minha mãe também está aqui? – questionou Jorge com um tom de surpresa.

– Sim, ela acredita ter o dever de cuidar de seu pai.

Os dois caminharam até uma espécie de cabana feita com lixo e vegetação. Jorge adentrou o local, onde um senhor muito idoso, extremamente sujo e ferido, olhou para ele e começou a esbravejar:

– Quem é você? Como ousa invadir a minha casa?

– Pai? É o senhor? Sou eu, pai, o Jorge.

– Jorge? Você não é o meu Jorge. Meu filho ainda é um moleque.

De repente, Jorge se virou e viu uma velha senhora magra e com aspecto doente entrando na cabana.

– Mãe?!

– Meu querido, como você está bonito! – disse Matilde, enquanto corria para os braços do filho. – Eu consegui encontrar seu pai, perambulei por anos atrás de vocês dois. Você está bem, limpo e penteado. Veio nos buscar? Onde está Amélia?

– Não, mãe. Não estou com Amélia – disse Jorge envergonhado –, mas estou em um lugar melhor do que este. Lá vocês viverão em minha casa, receberão comida e poderão se limpar.

– Que lugar é este, meu filho?

– Um vilarejo aqui perto, onde trabalhamos para o Mateus, um amigo meu.

Matilde arregalou os olhos, começou a gesticular e aumentou o

volume da voz:

– É por isso que aquele demônio está lá fora? Você está com ele?

– Mãe, ele não é um demônio. Ao contrário, foi ele que me trouxe aqui para vê-los e convencê-los a vir conosco.

– E você acha que ele fez isso por bondade? Ele não é uma pessoa boa, pois obriga seus escravos a fazerem coisas ruins, a prejudicarem os outros. Aquele não é um local bom. Eu prefiro sofrer aqui a ter de me sujeitar a esse homem horrível.

– Não sou um escravo e ninguém me obriga a fazer nada – disse Jorge. – Eu também não as obrigo. As pessoas fazem porque querem e eu só as auxilio.

– Você auxilia? Você chama isso de auxílio?

– Eu sei que não é o que você esperava de mim, mas é isso que eu sou. Vamos, vocês podem viver comigo e com a Júlia.

– Júlia? Espero que você não esteja falando da filha da costureira. Ela é uma criança. Como tem coragem, meu filho?

– Eu a protejo e aprendi a gostar dela. Além disso, Júlia não é mais uma criança.

– Repita quantas vezes quiser, meu filho. Talvez um dia você acredite nas próprias palavras, mas eu sei que você sabe que está errado.

– Então por que não aceitou o auxílio do pessoal lá de cima? Por que não vai viver com Amélia, já que se diz tão correta e cristã?

– Não abandonarei seu pai. Eu falhei com ele antes, não vou falhar de novo.

– Você falhou? Ele sempre lhe tratou mal.

– Meu papel era ajudá-lo. Eu deveria ter me imposto mais e não ter permitido que ele agisse daquela forma. Antes de nos casarmos, ele não era assim. A culpa foi minha.

– Ah, mãe! Eu juro que não a compreendo.

– Eu amo o seu pai. Sei que ele não é perfeito, mas o amo. Fique aqui conosco, meu filho – implorou a mulher.

– Sinto muito, mãe, mas não posso – disse Jorge com indignação,

enquanto saía da cabana.

“Parece que o meu dia fica cada vez melhor. Agora eu tenho certeza de que conquistei um servo leal” – pensou Mateus ao ver a irritação estampada no rosto de Jorge.

– Pela forma como sua mãe me olhou ao passar por aqui, e pela expressão em seu rosto agora, suponho que essa visita também não foi como você esperava – disse Mateus tentando disfarçar sua satisfação com tudo que estava acontecendo.

– Por que ela tem de ser tão teimosa? Mesmo neste buraco, ainda quer me dar lição de moral – esbravejou Jorge.

– Bom, pelo jeito, ninguém da sua família lhe compreende de verdade. Venha, vamos voltar para casa. Lá você tem amigos verdadeiros – Mateus falou sorrindo.

---

3 *Nota do autor:* No plano espiritual, nós somos guiados pelos sentimentos e pensamentos que alimentamos, o que nos leva e nos mantém em locais com os quais estamos energeticamente sintonizados. Dessa forma, irmãos desencarnados só são escravizados quando se permitem escravizar, seja por acreditarem merecer o cárcere ou por não compreenderem que são livres.



## TEMPO DE PLANTAR

Passados alguns meses desde seu encontro com a família, Jorge, após retornar de uma tarefa exaustiva, decidiu passar em sua casa e descansar um pouco antes de voltar ao trabalho. Mas, ao abrir a porta, encontrou Júlia chorando em um canto do único cômodo que compunha a sua moradia.

– O que aconteceu? – ele questionou.

Júlia, surpreendida, escondeu o rosto entre as mãos e, ainda chorando, permaneceu em silêncio.

– Que raios aconteceu com você? – perguntou Jorge novamente.

Acostumada a obedecer, ela quebrou o silêncio e disse entre soluços:

– Eu estava trabalhando junto com algumas mulheres encarnadas e vi minha irmã mais nova. Ela só tinha dois anos quando desencarnei, mas consegui reconhecê-la. Mesmo estando com cerca de dezesseis anos hoje, eu ainda a vi como minha irmãzinha e me recusei a permanecer ali vendo-a se vender para aqueles homens.

Soluçando, Júlia levantou a cabeça e Jorge percebeu que seu rosto estava machucado, o que o levou a concluir que ela havia sido punida por desobedecer às ordens de Mateus. Os tutelados de Mateus eram bem tratados, recebiam um lar, comida, roupas e proteção, mas deviam fazer seu trabalho, e eram punidos quando se recusavam. E esse era um dos papéis de Jorge como líder de grupo.

Era ele quem punia os seus homens quando se recusavam a trabalhar ou cometiam algum erro.

Jorge passou a mão no rosto de Júlia e disse:

– Você sabe que não deve contrariar as ordens de Mateus.

Recomponha-se e volte ao trabalho.

Júlia se levantou revoltada e, quando ameaçou responder, Jorge a segurou com força, sacudindo-a:

– Eu tenho uma reputação aqui. Se quiser continuar comigo, vai ter de se comportar.

Júlia baixou a cabeça e saiu de casa sem reclamar. Irritado, Jorge desistiu de descansar e voltou ao local, onde alguns de seus subalternos trabalhavam.

Ao longe, percebeu que Antônio, um de seus homens, influenciava um encarnado que, aparentando ter por volta de quarenta anos de idade, escondia-se atrás de um arbusto enquanto observava uma menina que lavava os pés na água do rio. O desencarnado influenciador absorvia a energia emanada do encarnado, enquanto sussurrava em seus ouvidos.

– Linda menina, não acha? Vá lá? Ela vai gostar da sua companhia.

Jorge achava aquela situação normal, pois fazia parte do trabalho e, muitas vezes, era a oportunidade de ele próprio saciar seus desejos. Nesse dia, porém, a situação era totalmente diferente, pois a menina que molhava os pés no rio era Vitória. Quando percebeu o que estava prestes a acontecer, Jorge se desesperou e começou a gritar com o desencarnado influenciador.

– Saia imediatamente daí.

– Por quê? O que eu fiz de errado? – questionou Antônio, extremamente assustado com a situação.

– Nada. Você não fez nada de errado, mas deixe que deste encarnado cuido eu – ponderou Jorge, tentando disfarçar suas emoções.

Após a saída de seu subalterno, ele percebeu que nada havia

mudado e que o encarnado continuava a observar Vitória. Nesse momento, Otávio se aproximou de Jorge e disse:

– Não adianta afastar o seu parasita, pois a escolha é do encarnado. Vocês são como nós, mentores, só podemos encorajar, mas a decisão final sempre é do encarnado.

– Mas você não pode fazer nada? Você não a protege? E o mentor daquele homem, onde está?

– Eu poderia alertar Vitória, mas o que está para acontecer servirá de aprendizado para os dois. Quanto ao mentor do encarnado, ele está aqui conosco, mas também não pode fazer nada além de alertá-lo. Bastaria que o sujeito ouvisse os conselhos de seu mentor e tivesse bom senso, mas como você bem sabe, a escolha ainda é do encarnado.

Jorge olhou mais atentamente para o encarnado e, sob influência de Otávio, conseguiu enxergar um homem vestido com uma longa túnica branca, repetindo para seu protegido:

– Você tem que se controlar. Não faça isso. Você é forte e consegue vencer esses desejos lascivos.

Jorge percebeu o quanto Ana deve ter se esforçado para evitar que ele agisse como agiu enquanto estava encarnado e o quanto ele não quis ouvi-la.

Além do mentor, também observou outros espíritos influenciadores rondando o encarnado, os quais só não se aproximavam mais porque sabiam que aquele território pertencia a Mateus e a presença de Jorge ali era um lembrete de até onde eles poderiam ir.

– Por que você não a alerta? Ela consegue ouvi-lo. O que ela pode aprender sendo estuprada? – questionou Jorge com um tom de desespero.

– Vitória não pode ser privilegiada. Ela não é melhor do que ninguém. Só porque ela tem a mediunidade mais aflorada e, portanto, me escuta com clareza, não significa que posso tirar todas as pedras de seu caminho. Não posso colocá-la em uma redoma de

proteção, pois ela precisa aprender. Além disso, ele não quer estuprá-la, mas aliciá-la, ou seja, depende de ela ceder a ele ou não.

Jorge não queria ficar ali parado observando o que estava prestes a acontecer, mas também não queria ir embora e deixar sua pequena Vitória nas mãos daquele homem.

O encarnado finalmente saiu de trás do arbusto e se aproximou da garota.

– Olá, menina bonita! O que faz aqui sozinha? Não acha perigoso alguém tão linda como você ficar só neste lugar deserto?

Percebendo as intenções do homem, Vitória olhou diretamente nos olhos dele e levantou a mão, pedindo que não se aproximasse mais.

– Eu imagino o que você quer, mas não sou esse tipo de menina. Tudo que quiser de mim só terá se usar a força. Meu pai era como você e prejudicou muita gente. Eu não o julguei, nem julgo você, pois sei que não são pessoas más, apenas não compreendem como controlar esses desejos. Eu não julgo as pessoas, eu julgo suas ações, e o que quer fazer agora comigo não é uma boa ação.

O homem se assustou com a maturidade e clareza daquela menina e, com medo de alguém aparecer, pediu desculpas e foi embora. Antes de seguir seu tutelado, o mentor do encarnado olhou para Otávio e Jorge e, com um aceno, se despediu e agradeceu.

Jorge se encheu de orgulho e percebeu o quanto sua filha era mais esclarecida do que ele.

– Eu não quero mais essa vida. O que eu faço não está certo. Só agora, vendo a possibilidade de este homem prejudicar minha filha, é que compreendo que preciso de ajuda.

Otávio sorriu e, sem dizer nenhuma palavra, continuou a ouvi-lo:

– Meu Deus! Como fui injusto com Júlia. Ela passou por algo semelhante ao ver a irmã se prostituir e eu a repreendi.

Surpreso, Jorge sentiu um cheiro contagiante de rosas e enxergou Amélia e Ana se aproximando.

– Eu sabia que este dia chegaria. O dia em que você pediria a nossa ajuda – disse Ana com uma voz doce e calma.

– Mas, mas... Eu não a chamei! – sussurrou Jorge, confuso, quase gaguejando.

– Não é preciso o uso de palavras, apenas de sentimentos e ações. Ao tentar defender sua filha, você percebeu o mal que fazia e, dentro de seu coração, pediu por auxílio.

Enquanto ouvia as doces palavras de Ana, Jorge viu que seu subalterno Antônio não havia ido realmente embora e o observava de longe.

– Não tardará para que Mateus fique sabendo que eu fraquejei. Nem imagino o tipo de punição que me espera – constatou Jorge.

– Você não precisa voltar para lá. Estamos aqui para levá-lo conosco – disse Ana com um sorriso.

– Não posso abandonar a Júlia. Se eu não voltar, ela será punida em meu lugar para servir de exemplo aos outros.

Nesse momento, uma bela mulher de longos cabelos castanhos e olhos cor de mel se aproximou dele e disse:

– Não se preocupe com Júlia, eu cuidarei dela. Tenho tentado ajudá-la há muito tempo e falta pouco para que ela esteja pronta para me receber.

Jorge não conseguiu reconhecer a jovem que falava com ele, mas tinha um sentimento estranho de que ela era alguém importante para ele.

– Quem é você? Por que sinto que a conheço?

– Eu me chamo Cristina e já nos encontramos em vidas anteriores, por isso você tem a impressão de me conhecer. Na última encarnação, a sua relação com a Júlia nos deu uma nova oportunidade de nos reencontrarmos. Assim, nós concordamos que eu viria como sua filha, para tentar reparar alguns equívocos que cometi e também auxiliar você e Júlia.

– Você é minha filha? Minha filha com Júlia? – questionou Jorge com um tom de surpresa. – Mas Vitória a via como uma criança, por que eu a vejo como mulher?

– Eu me apresentava como criança para a Vitória porque ela não

entenderia como uma mulher da idade de sua mãe poderia ser sua irmãzinha, mas essa sou eu.

Jorge queria continuar conversando com Cristina, afinal, eram tantas coisas que queria entender sobre seu passado. Ana, no entanto, interrompeu a conversa:

– Calma, Jorge. Você e Cristina terão um momento para conversarem mais tarde. Agora eu preciso que nos acompanhe.

– Mas eu não posso abandonar a Júlia naquele lugar.

– Fique calmo. Cristina a auxiliará. Não há como ajudá-la agora. Júlia, ao contrário de você, não está preparada para pedir auxílio. O tempo e as experiências pelas quais ela passará a ajudarão a compreender muitas coisas. Cada um tem o seu tempo.

Mesmo preocupado, Jorge aceitou os conselhos de Ana e, juntamente com Amélia, acompanhou-a de volta ao hospital. Otávio voltou para o lado de Vitória, enquanto Cristina seguiu para se encontrar com o grupo de auxílio com o qual trabalhava.



## TEMPO DE COSER

Como Jorge já previa, a notícia de sua deserção chegou rapidamente aos ouvidos de Mateus, que ficou irado com a ingratidão de seu tutelado.

– Como teve coragem de me virar as costas depois de tudo que fiz por ele? Estou cercado de pessoas ingratas. Novamente confiei na pessoa errada – esbravejou Mateus.

Como não podia punir o desertor, Mateus decidiu que Júlia pagaria pelos erros dele, servindo de exemplo aos demais subalternos. No início, Júlia chorava muito e não entendia porque Jorge a havia abandonado. Com o passar do tempo, a tristeza foi se transformando em ódio e rancor e Júlia já não ligava mais para os insultos ou surras que recebia. O que ela queria era reencontrar Jorge e fazê-lo pagar por tudo de ruim que lhe acontecera, desde o seu abandono, quando estava encarnada, até aquele momento.

Durante esse período, Cristina e os demais irmãos do grupo de auxílio tentavam se aproximar de Júlia, mas o rancor e ódio a impediam de enxergá-los ou ouvi-los.

Ao contrário de Amélia e Ana, que trabalhavam no hospital, Cristina trabalhava em um grupo de resgate em várias áreas e vilarejos que faziam parte da zona de refazimento<sup>4</sup> local.

Ela e os demais irmãos de seu grupo faziam incursões em busca

daqueles que já estavam dispostos e preparados para receber o auxílio e os levavam para os prontos-socorros e hospitais mais próximos.

Cristina ainda era novata no grupo, mas sua dedicação e esforço já a destacavam como fiel servidora da seara do Pai. Aprendia muito ao observar seus irmãos mais experientes e, sempre que podia, colocava seus conhecimentos em prática, sempre sob a supervisão de Marcos, o líder do grupo.

Passadas algumas semanas desde o seu encontro com Jorge, Cristina e os demais irmãos do grupo chegaram ao hospital onde Amélia trabalhava. Eles escoltavam um grupo de irmãos que aceitaram o auxílio, alguns levados em macas, enquanto outros os acompanhavam caminhando.

Chegando ao hospital, Cristina pediu licença a Marcos para procurar notícias de Jorge e encontrou Ana ajudando um paciente a caminhar.

– Olá, Ana, estou ansiosa para saber como o Jorge está. Não tenho notícias desde o dia em que ele aceitou o auxílio.

– Jorge ainda passa pelo tratamento do sono reparador. Logo estará pronto para entender e trabalhar seus sentimentos e ações. Mas o ideal seria que Júlia fosse resgatada antes de ele acordar, pois Jorge ainda se culpa por tê-la abandonado.

– Cara Ana, eu tenho feito tudo que esteja ao meu alcance para auxiliar Júlia, mas ela não faz nada além de alimentar o sentimento de vingança.

Nesse momento, Marcos se aproximou e pediu que Cristina o acompanhasse. Após se despedir de Ana e do paciente, ela o seguiu até uma grande sala retangular com algumas poltronas brancas recostadas em uma das paredes. Em uma das longas paredes laterais da sala havia um grande painel de vidro, através do qual era possível enxergar várias camas, inclusive a que era ocupada por Jorge. Cristina, que não conhecia aquele ambiente, impressionou-se ao ver tantos assistidos submetidos ao sono reparador e, vendo Jorge

entre eles, não conseguiu esconder sua tristeza.

– Por que me trouxe aqui? Me tortura ver tantos irmãos necessitados e, principalmente, me dói muito ver o Jorge entre eles.

Marcos olhou diretamente para ela e respondeu docemente:

– Esta visão não deveria ser uma tortura, e sim motivo de alegria. Todos que estão aqui buscam melhoria, crescimento e estão sendo assistidos por irmãos cheios de caridade e amor. Eu trouxe você aqui porque queria ter certeza de que está preparada para o que eu venho lhe propor, mas agora vejo que talvez seja cedo demais para exigir tal esforço de sua parte.

Cristina enxugou rapidamente as lágrimas e o questionou:

– Do que está falando?

– Não sei se você está pronta para isso.

– Como vou saber se estou pronta, se não sei do que se trata?

Marcos puxou uma poltrona e pediu que ela se sentasse.

– Já faz alguns dias que pedi autorização aos meus superiores para tentar uma nova estratégia de auxílio à Júlia. É um processo delicado e você terá de participar ativamente dele. Hoje recebi o aval para prosseguir, mas temo que você não esteja preparada para tal trabalho...

Cristina o interrompeu dizendo:

– Desculpe-me pela reação que tive ao entrar nesta sala. Por favor, me explique que estratégia seria esta e eu juro que farei de tudo para não decepcioná-lo.

– Não é uma questão de me decepcionar, e sim de não trazer mais prejuízo para a situação. Não posso me dar ao luxo de, ao tentar resgatar Júlia, perder você.

– Eu entendo, mas me conte do que se trata, por favor!

– Temos autorização para entrar no vilarejo onde Júlia está.

– Mas já não entramos lá?

– Sim, porém agora iríamos visíveis a todos. Em nossas visitas anteriores, nós orávamos e emanávamos energia para a recuperação de Júlia, esperando que ela pedisse auxílio, mas não aconteceu.

Agora, nós conversaríamos diretamente com ela e seria necessário que você se apresentasse para ela. Não poderíamos ir em muitos para não criar tumulto entre os irmãos que estão lá. Assim, iríamos apenas você e eu.

– Estou pronta – disse Cristina com entusiasmo.

– Lembre-se de que, ao estarmos totalmente visíveis, provavelmente não seremos bem recebidos. Além disso, existe a possibilidade de Júlia não aceitar nosso auxílio e acabar sendo punida por nossa interferência.

Cristina se levantou, respirou fundo e falou:

– Eu sei das possíveis consequências dessas ações e lidarei com elas da melhor forma possível. Quando poderemos ir?

– Não é tão simples. Você ainda é inexperiente nesse tipo de resgate e eu sei o quanto ama a Júlia, mesmo antes de ter sido recebida no ventre dela. Tire alguns dias de folga e pense bem a respeito. Fique aqui com Amélia. Eu voltarei em alguns dias e, se você ainda estiver decida a enfrentar a situação, nós iremos.

Marcos saiu da sala e seguiu com os demais irmãos do grupo para novos auxílios.



Por dois dias, Cristina auxiliou Amélia e Ana nos cuidados aos internos do hospital, principalmente na ala infantil. Ela também aproveitou esse tempo para visitar Jorge, orando por sua recuperação.

Ao final do segundo dia, Marcos e os irmãos de resgate chegaram ao hospital conduzindo mais alguns irmãos que aceitaram o auxílio. Marcos ajudou a encaminhar os recém-chegados e foi ao encontro de Cristina, que estava sentada no jardim central do hospital, no meio de uma roda de crianças. Ao ver Marcos, Cristina pediu a uma enfermeira que ficasse com as crianças e, despedindo-se delas, levantou-se rapidamente.

– Como está, meu irmão? Espero que tenham colhido belos frutos nesses dias de trabalho – disse Cristina, tentando disfarçar a ansiedade.

– Estou bem e, graças ao Bom Pai, nós conseguimos auxiliar vários irmãos. Entretanto, eu sei que não é isso que você quer me perguntar.

– Não consigo esconder nada mesmo, não é? – disse Cristina envergonhada. – Eu realmente estou ansiosa para saber quando iremos em auxílio a Júlia.

Calmamente, Marcos se sentou em um banco próximo à fonte central do jardim e convidou Cristina para se sentar ao seu lado.

– Nós iremos em breve, mas antes eu tenho que auxiliá-la no treinamento. Você ainda é muito nova nesse trabalho e, por isso, tem atuado apenas como aprendiz. Não é tão simples modificar sua vibração para ser vista por Júlia sem se deixar influenciar pelos sentimentos relacionados a tal condição.

– Mas eu pude ser vista por vários irmãos na zona de refazimento, por Jorge na ocasião de seu resgate e também por Vitória, que ainda está encarnada.

– Sim, mas não era você quem modificava a vibração, e sim eles. Quando um irmão pede auxílio e realmente está preparado para receber, ele abre seu coração e, mesmo sem perceber, consegue alcançar o nível vibratório um pouco mais alto, podendo, portanto, enxergar você. Além disso, em muitos resgates que fizemos, os irmãos não enxergavam você, e sim a mim. Eles apenas sentiam a sua presença. Já o caso de Vitória é especial, pois ela tem uma percepção mediúnica muito apurada, o que a permite enxergar irmãos espirituais em sintonia com ela. Nós somos capazes de nos fazer visíveis a irmãos que ainda não têm a vontade de mudar, pois isso os auxilia para que possam ser motivados e semeados para futuras mudanças. Entretanto, esse processo não é tão simples e você precisa aprender a fazê-lo.

Gustavo, um dos auxiliares mais experientes de Marcos,

aproximou-se e disse:

– Olá, Cristina, que bom vê-la novamente. Marcos, disseram que você está à minha procura.

– Sim, Gustavo, eu preciso que você assuma a liderança do nosso grupo de resgate por um tempo, pois eu e Cristina temos um trabalho para realizar.

– Eu? Tem certeza de que estou pronto?

– Com toda certeza. Já tive provas suficientes de que você é capaz de assumir tal tarefa. Além disso, você não estará sozinho, porque todos do grupo estarão ao seu lado para o que precisar.

– Bom, eu fico feliz em servir. Boa sorte para vocês e que a luz do Mestre Jesus possa guiá-los nesse trabalho que executarão.

Após se despedirem de Gustavo, Marcos e Cristina seguiram para uma área isolada, próxima ao hospital. Nesse local, ele a ajudou a se concentrar e mudar seu campo vibracional sem se desestabilizar. Passados alguns dias de muita teoria e prática, Cristina estava mais confiante e Marcos decidiu que já era hora de colocarem o plano em ação.

Marcos e Cristina seguiram para a área controlada por Mateus, onde se concentraram para alcançar o nível vibratório local. Ao se aproximarem dos portões, os dois foram cercados por vários homens de Mateus.

O que parecia liderá-los tomou a frente e questionou:

– O que fazem aqui? Quem lhes deu permissão para adentrarem nossa casa? Temos um acordo claro, não tentamos invadir suas terras e vocês não invadem as nossas.

Marcos olhou diretamente para esse homem e respondeu:

– Caro, Pedro, eu não quero invadir lugar algum. Venho aqui para conversar com Mateus e espero que você possa nos levar até ele.

Pedro se espantou ao ser chamado pelo nome, mas preferiu não questionar Marcos a respeito. Para evitar problemas, pediu que Paulo, um de seus homens de confiança, fosse até Mateus e o

avisasse a respeito da chegada de Marcos e Cristina.

Enquanto esperavam a autorização para adentrarem o vilarejo, os visitantes se mantiveram em oração, o que gerou grande desconforto aos guardas que os cercavam.

Ao retornar, Paulo se aproximou de Pedro e sussurrou algo em seu ouvido. Claramente irritado e discordante do que acabara de ouvir, Pedro se direcionou para Marcos e disse com um tom agressivo:

– Tudo bem, eu os levarei até Mateus, mas acredito que se arrependerão de terem invadido este lugar.

À medida que Marcos e Cristina caminhavam pelo vilarejo, todos os observavam com surpresa e espanto, sendo que alguns se escondiam e outros tentavam ofendê-los.

Mesmos estando em um nível vibratório mais baixo, Marcos e Cristina ainda podiam ser diferenciados daqueles que ali viviam e eram reconhecidos como irmãos de luz

Em um determinado momento, alguns irmãos que estavam sendo punidos por desobediências gritaram pedindo por ajuda e Cristina olhou para Marcos como se pedisse autorização para auxiliar, mas Marcos, em pensamento, orientou:

“Muitos deles pedem auxílio, mas ainda não estão preparados para recebê-lo. Eles querem alívio às suas dores, mas não estão dispostos a mudar. Ao nos verem, acreditam que podemos tirá-los daqui, mas não compreendem que são eles que têm o poder de sair da condição em que se encontram. Quando realmente quiserem ajuda, eles a terão<sup>5</sup>.”

“Por mais que eu saiba que não são escravos e que podem se libertar quando quiserem, não consigo deixar de me compadecer por eles” – lamentou Cristina.

“Eu compreendo o que está sentindo e, de forma alguma quero que deixe de ter compaixão por eles. Além disso, mesmo que os portões estivessem abertos, a imposição de regras rígidas, sob a ameaça constante de violência física e psicológica, não deixa de caracterizar uma forma de escravidão. Mas não se preocupe, pois

estes irmãos estão recebendo auxílio, lembre-se de que existem milhares de auxiliares nas zonas de refazimento, além de nós” – disse Marcos enquanto sorria.

Depois ele fez um movimento com a cabeça, como se pedisse à Cristina que olhasse novamente para aqueles irmãos que pediam por socorro. Atendendo ao pedido de seu guia, ela virou o rosto e, com alegria, observou que muitos deles já estavam rodeados de socorristas.

Pedro e seus homens guiaram Cristina e Marcos até uma grande casa escura, junto ao centro do vilarejo. Após dispensar seus parceiros, Pedro acompanhou Cristina e Marcos até a porta do escritório onde Mateus os esperava. Cristina estava preocupada com aquele encontro, pois seria a primeira vez que iria encontrar pessoalmente o líder daquela zona de refazimento.

Pedro abriu a porta e aguardou do lado de fora, enquanto Marcos e Cristina adentraram o cômodo. De costas para a porta, Mateus esperava pelas visitas enquanto batia de forma impaciente as pontas os dedos sobre a mesa.

– Há quanto tempo espero por sua visita, Marcos. Pensei que estivesse ocupado demais para visitar o seu pobre irmão – disse Mateus com um tom sarcástico, enquanto se virava em direção aos visitantes.

Ao encarar Mateus de frente, Cristina não conseguiu esconder sua surpresa percebendo a incrível semelhança entre ele e Marcos, mas preferiu não tecer nenhum comentário.

– Olá, meu irmão! Também fico feliz em vê-lo, mas você bem sabe que sempre estive por perto – disse Marcos com um sorriso sincero.

– O que você quer? – perguntou Mateus, esbravejando. – Eu sei que não está aqui para recordar os velhos tempos. Então, me diga a que veio e vá embora.

– Desculpe-me por adentrar suas terras, caro irmão, mas estou aqui para lhe pedir e lhe fazer um favor. Eu sei que você tem em seu poder uma jovem chamada Júlia e que ela tem trazido problemas.

Queria saber se podemos conversar com ela.

– Isso seria o favor que eu lhe faria, mas qual favor você estaria me fazendo? – questionou Mateus em um misto de sarcasmo e irritação.

– Ela já não lhe serve para nada. Deixe-me levá-la embora. Você sabe que ela só lhe trará mais problemas.

– Como é que é? Você quer que eu autorize que ela saia de mãos dadas com você pela cidade afora? O que acha que meus trabalhadores pensariam? Eu não sei se você se lembra como as coisas funcionam aqui, mas tenho uma reputação a zelar e nunca permitiria que isso acontecesse.

– Você bem sabe que não pode aprisionar ninguém, que eles são livres para irem quando quiserem.

– Eu sei, você sabe e, na verdade, alguns deles também sabem disso, mas estão felizes aqui. Eu os convidei para virem para cá, não trouxe ninguém à força e deixo bem claro que podem ir embora quando quiserem. Mas eles sabem que lá fora, de onde vieram, é muito pior. Aqui eles têm comida e abrigo. A própria Júlia sabe disso. Eu quis bani-la, mas ela me implorou para não ser expulsa e para não voltar para o brejo onde eu a encontrei.

– Realmente, alguns deles veem suas terras como um abrigo e alguns estão melhores aqui do que lá fora, mas você sabe que quando alguém decide pedir ajuda, não pode impedi-lo. Já percebeu que muitos dos seus se vão e você ou seus capangas nada podem fazer?

– E como sei! – disse Mateus olhando diretamente nos olhos de Marcos. – Sei também que muitos de vocês andam por aqui, só não conseguimos vê-los. Então, por que isso agora? Por que a Júlia é tão importante para você?

– Todos são importantes para mim, mas a Júlia está se destruindo aqui e nem mesmo você a quer mais. Não vou tirá-la daqui agora, pois não tenho esse poder e ela só irá quando quiser. Só quero que a minha amiga Cristina possa conversar com ela. Nenhum de seus

homens saberá disso e faremos questão de sair de suas terras da mesma forma que entramos: apenas eu e Cristina. Quando Júlia estiver pronta e quiser de verdade, ela receberá o auxílio.

Mateus começou a andar em círculos, pensando sobre o assunto, e finalmente decidiu que ceder aos pedidos de Marcos seria o melhor para todos, afinal, Júlia realmente já não servia para os seus objetivos. Desde o desaparecimento de Jorge, ela estava cada vez mais apática e se recusava a trabalhar, mesmo quando castigada por isso. Para que este comportamento não abrisse um precedente que estimulasse os demais trabalhadores a desobedecerem suas ordens, Mateus aprisionou Júlia, mantendo-a afastada de todos.

Mesmo irritado com toda aquela situação, Mateus pediu que Marcos e Cristina o acompanhassem, seguindo pelo corredor até uma das portas laterais. Ao abrir uma delas, desceram por uma longa escada até uma sala escura e muito fria. No centro da sala, Júlia estava nua, deitada no chão e acorrentada pelos tornozelos. Cristina paralisou e, num ímpeto de desespero, segurou com força o braço de Marcos que, mentalmente, conversou com ela:

“Eu avisei que não seria fácil. Conheço Mateus o suficiente para saber que essas correntes foram apenas uma forma que ele encontrou para mostrar aos seus guardas que não está amolecendo. Ele sempre teve medo de que seus trabalhadores se amotinassem de forma semelhante ao que aconteceu ao seu antigo chefe. Mas agora você precisa ser forte ou teremos de ir embora sem conversar com ela. Júlia precisa de força e coragem, não de desespero e angústia.”

Cristina respirou fundo e, acenando positivamente para Marcos, seguiu em direção à Júlia. Iluminada apenas pela luz fraca de algumas velas, a sala era silenciosa e o cheiro extremamente desagradável. Cristina tentou segurar as lágrimas e se ajoelhou próximo a Júlia que, percebendo a presença de alguém, tentou se afastar.

– Quem está aqui? – perguntou amedrontada.

– Não consegue me ver? Eu estou à sua frente – respondeu

Cristina.

– Já faz algum tempo que não consigo ver mais nada. É como se meus olhos estivessem bloqueados. Devo estar pagando por todos os pecados que cometi. Mas você ainda não me respondeu: quem é você?

Percebendo o quanto Cristina tinha ficado assustada com as condições de Júlia, Marcos falou a ela mais uma vez em pensamento:

“Não se assuste, você já presenciou casos semelhantes em nossos trabalhos de resgate. Quando se sentem abandonados, muitos irmãos se isolam do mundo, não querendo enxergar aquilo que os rodeiam. A suspensão dos sentidos faz parte deste processo, que nada mais é do que o resultado de suas escolhas. Mantenha-se forte e não deixe que isto lhe impeça de auxiliar a quem você ama.”

Seguindo o conselho de Marcos, Cristina tentou se manter forte, enxugou as lágrimas que teimavam em rolar por seu rosto e repousou delicadamente a mão direita sobre o ventre de Júlia.

– Você sabe quem eu sou – respondeu Cristina.

Compreendendo o que ela quis dizer com aquele gesto, Júlia começou a chorar e, assustada, arrastou-se até um canto escuro da sala onde as correntes ainda a permitiam chegar.

– Vocês querem me enganar? O que querem de mim? Já não basta o sofrimento que tenho de carregar e ainda querem que eu me lembre de minha filhinha que nem cheguei a conhecer? Esse foi o meu maior pecado. Como pude matar aquela pobre alma que nem mesmo teve a chance de ver a luz?

– Mamãe, sou eu, Cristina. Eu não a julgo pelo que fez. Estou bem agora e vim aqui para ajudá-la.

– Não pode ser. Meu bebê nem chegou a nascer e, pelo seu toque e por sua voz, eu percebo que você é uma mulher feita – disse Júlia já em lágrimas.

– Eu carrego a imagem de minha última encarnação, anterior a esta em que me liguei ao seu ventre. Nela, nós também estivemos juntas.

– Nós já estivemos juntas, antes? Espero não ter sido tão cruel com você como fui nesta vida.

– Muito pelo contrário, mãe. Fui eu que não soube lidar com os meus sentimentos e acabei machucando você.

– Como?

– Tive dois filhos e, depois de ficar viúva muito cedo, tive dificuldade para criá-los. Eu não soube dosar o amor que sentia por eles e, julgando saber de tudo, tentei impor a eles o modo como deveriam seguir suas vidas – disse Cristina, enquanto se reaproximava de Júlia.

– Eu não entendo a relação disso com o que está acontecendo agora...

– Tenha paciência, pois logo você entenderá – Cristina falou, enquanto acariciava os cabelos de Júlia. – Em minha última encarnação, o maior problema foi com o meu filho, que tinha apenas dezesseis anos. Eu não conseguia concordar com seu comportamento agressivo e arredo. Em vez de tentar auxiliá-lo com carinho, acreditei que a violência resolveria. Eu o agredia física e psicologicamente, porque achava que era a única forma de corrigi-lo, mas não percebia que minha violência só alimentava a violência dele. Em meio a uma de nossas inúmeras brigas, perdi a razão, peguei uma faca para amedrontá-lo e ele, desesperado, retirou-a de minha mão e me acertou. Desencarnei de forma bruta e dolorosa pelas mãos de meu próprio filho, o que trouxe um grande sofrimento para todos nós.

Depois uma breve pausa, Cristina prosseguiu:

– Minha filha, que tinha dezoito anos à época, era muito próxima ao irmão e não conseguiu nos perdoar pelo que havia acontecido, entrando em uma espiral de ressentimento e culpa por não ter feito algo para impedir a ação homicida. Ela se afundou em uma tristeza sem fim, afastou-se de seu irmão e se isolou do mundo, desencarnando sozinha com apenas trinta anos. Embora tenha agido em legítima defesa, razão pela qual não foi preso, meu filho carregou

a culpa e o remorso por toda a vida, entregando-se cada vez mais aos seus desejos lascivos mais antigos, numa busca incessante por uma paz e felicidade que não encontrava em sua consciência. Hoje, eu não o julgo por ter me assassinado, pois eu estava fora de mim, mas, na época, sofri muito e vaguei pelo plano espiritual cultivando o ódio e a culpa. Eu não conseguia entender como podia amar e odiar a mesma pessoa. Depois de muito sofrimento, finalmente pedi ajuda e fui auxiliada.

– Eu ainda não consigo entender – disse Júlia, impaciente.

E Cristina esclareceu:

– Quando Jorge a aliciou e vocês mantiveram relações, eu já havia sido preparada para reencarnar. Havíamos escolhido, em comum acordo, que eu voltaria no ventre daquela que um dia tinha sido minha filha e teria como pai aquele que foi meu filho, o mesmo que me tirou a vida. Minha proposta era tentar colocar em prática o que estou aprendendo aqui, no plano imaterial, ou seja: como viver sem cair na armadilha do amar ferindo a mim ou aos outros, além de tentar reatar os laços de afeição antes existentes entre nós. Confesso que fiquei triste quando você cometeu suicídio e me impediu de reencarnar, mas eu sabia que isso poderia acontecer. Compreendo porque você agiu daquela forma e não guardo mágoa.

– Então tudo que aconteceu está ligado a essa história? – questionou Júlia, ainda muito confusa.

– Sim e não. Seu amor por Jorge realmente é mais profundo e antigo do que você vivenciou nesta última encarnação, mas não podemos responsabilizar os acontecimentos de nossas vidas passadas por nossas escolhas atuais. Você era apenas uma criança que não soube lidar com o abandono e com a possibilidade de ser mãe solteira em uma sociedade ainda muito preconceituosa. Já as ações do Jorge foram apenas um reflexo de tendências que ele ainda possui e tenta trabalhá-las. Não foi por questões passadas que ele a magoou.

– Se eu o amava tanto por causa de nossa história, por que ele não

me amou também? Por que ele tinha que ficar com a Amélia? – questionou Júlia com a voz embargada pelo choro.

– Não é assim que as coisas funcionam. Nós não podemos comparar o amor que sentimos pelas pessoas, porque cada uma delas tem outras histórias em seu passado. Amélia também foi alguém com quem Jorge conviveu em vidas anteriores. Além disso, mesmo que na matéria Jorge não tenha demonstrado o quanto você é importante para ele, aqui no plano imaterial ele esteve ao seu lado e percebeu o quanto a ama.

– Mas ele me abandonou...

– Não, ele não lhe abandonou. Apenas aceitou receber ajuda porque sabia que nós a ajudaríamos. Ao ser resgatado, a primeira preocupação que ele demonstrou foi com você.

Cristina respirou fundo, sorriu e, antes que Júlia pudesse dizer qualquer coisa, continuou:

– Agora estou aqui, diante da mulher que me lembro de mais ter amado na vida: minha filha e minha mãe. Só quero que entenda que eu amo muito você e o Jorge, que estou aqui para fazer o que puder para ajudá-la. O Jorge já se permitiu o auxílio e a espera para que, juntos, vocês possam superar suas dores.

Júlia soluçava e, entre lágrimas, abraçou Cristina usando as poucas forças que ainda lhe restavam.

– Descanse agora. Se desejar, voltarei outro dia para levá-la comigo, mas você tem de querer realmente abraçar outra forma de viver – sussurrou Cristina. – Essas correntes em seus tornozelos só existem porque você as alimenta. Chame por mim quando estiver pronta e eu virei em seu auxílio.

Júlia não conseguiu dizer mais nada e adormeceu. Cristina enxugou as lágrimas, levantou-se e caminhou em direção a Marcos e Mateus. O semblante de Marcos era de felicidade e orgulho por sua pupila, já Mateus parecia surpreso com a história que acabara de ouvir.

Em silêncio, os três subiram as escadas e seguiram pelo corredor

até a sala principal, onde Mateus pediu à Cristina que o deixasse a sós com Marcos. Acompanhada de Pedro, ela saiu e os esperou na área externa da casa, enquanto os dois permaneceram na sala.

– Eu vou dizer algo de que provavelmente me arrependerei, mas a história de sua pupila me fez lembrar coisas que fiz questão de esquecer. Eu sinto falta de você, meu irmão, por que me abandonou? – disse Mateus com a voz embargada.

Marcos não conseguiu conter sua alegria ao ouvir as palavras do irmão e sorriu.

– Enquanto vivi aqui com você, eu achava que o poder e o rancor eram o que me alimentavam, mas com o tempo percebi que isso só me feria. Antes de ir embora, passei anos em sofrimento, pois este lugar já me fazia mal, mas eu não queria lhe abandonar. Foi só aí que entendi que você precisava de mais tempo para compreender que merece muito mais do que tem aqui. Pedi auxílio e segui o meu caminho, não para abandoná-lo ou trabalhar contra você, mas para estar preparado para lhe receber quando você estivesse pronto. Sei que você ainda não está pronto, mas percebo que isso ocorrerá em breve. Enquanto isso, espero que me entenda e me respeite, da mesma forma que eu lhe entendo e respeito as suas escolhas. Você realmente ajuda muitos irmãos, pois vários daqueles que eu resgato não aceitariam o meu auxílio se não tivessem aceitado primeiramente o seu. Mas o seu tempo aqui logo se findará, pois você também merece ser auxiliado.

Mateus pensou em responder rispidamente a tudo o que Marcos havia dito, mas desistiu e apenas abriu a porta para que ele saísse. Marcos se despediu do irmão com um olhar de carinho e foi ao encontro de Cristina.

Após ordenar que Pedro acompanhasse os dois visitantes até os portões do vilarejo, Mateus voltou aos seus afazeres, tentando esquecer os sentimentos e pensamentos confusos que tomavam conta de sua mente.



Passados alguns dias, Marcos, Cristina e os demais integrantes do grupo de auxílio retornaram às terras de Mateus para resgatarem Júlia. Ao chegarem ao local, agora não mais visíveis, encontraram Júlia sentada na mesma sala em que a visitaram anteriormente, mas agora ela estava à espera de sua querida Cristina. As correntes já não mais existiam; não porque Mateus tivesse ordenado que fossem retiradas, mas porque Júlia já não se via como prisioneira.

O grupo voltou ao hospital levando Júlia e mais alguns irmãos que aceitaram o auxílio. Ao chegarem, Júlia tinha muitas perguntas para fazer, mas o cansaço e a diferença vibracional do local a fizeram dormir profunda e rapidamente.



Semanas depois, Júlia despertou e se viu em um quarto branco e simples, onde só havia a cama na qual repousava, uma poltrona logo à sua frente e alguns aparelhos estranhos à sua esquerda. Após o sono reparador e o tratamento inicial que recebera, já podia enxergar, mesmo com dificuldade, e observou que havia uma moça de costas para ela, cuidando das flores da jardineira da janela.

– Cristina? – questionou.

A moça deu uma pausa e se virou devagar, dizendo com um sorriso acolhedor:

– Não, Júlia. Sou eu, Amélia. A Cristina já está a caminho e vem trazendo uma surpresa para você.

Júlia sorriu meio constrangida, mas só depois de alguns segundos reconheceu que aquela moça era a esposa de Jorge.

– O que está fazendo aqui? – perguntou desconfiada.

– Eu trabalho aqui e auxilio todos os irmãos que precisam. Estou aqui para servi-la.

Júlia ficou espantada com tanta bondade e não conseguia entender

porque Amélia a tratava com tanta cordialidade. Porém, antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Cristina entrou no quarto com um sorriso radiante.

– Que bom que está acordada, mãe! Tem alguém que quer vê-la.

Jorge, que havia acordado de seu sono reparador pouco depois de Júlia ser internada, entrou no quarto. Quando percebeu a presença de Amélia, ficou desconsertado, afinal, ali estavam a sua esposa e a mulher com quem havia se relacionado quando encarnado e depois de desencarnado. Percebendo o incômodo no olhar dele, Amélia sorriu, pediu licença e se direcionou à porta de saída do quarto.

– Amélia, eu sinto muito por isso – sussurrou Jorge, desconcertado.

– Não se preocupe – a mulher respondeu. – Em breve você compreenderá que aqui somos todos irmãos. Os seus cuidados e a sua preocupação com Júlia não me incomodam. Pelo contrário, me deixam feliz e mostram como você realmente mudou.

– Nossa! Espero conseguir ser como você, um dia.

– Eu sou a mesma pessoa de antes e não sou melhor do que você. Apenas assimilei alguns ensinamentos que a vida me trouxe. Vá, a Júlia precisa de você agora.

Amélia saiu do quarto, deixando-o confuso, porém alegre e aliviado com suas palavras. Aproximando-se de Júlia, ele sorriu e segurou nas pequenas mãos dela.

– Como fiquei preocupado com você! A única coisa que me tranquilizava era saber que Cristina a auxiliava.

– No início, eu achei que você tivesse me abandonado – disse Júlia, magoada.

– Nunca! Eu queria voltar para buscá-la, porém Cristina e a minha mentora me abriram os olhos e me fizeram entender que você não estava preparada para aceitar ajuda naquele momento, mas que seria auxiliada no devido tempo.

– Eu não conseguia pensar em mais nada além de vingança, mas, com o tempo, percebi que estava colhendo os frutos daquilo que

havia plantado e me senti culpada. Mas tudo mudou quando Cristina me disse que você estava me esperando.

– Sim, eu estive à sua espera. Confesso que quando começamos a viver juntos naquele vilarejo, eu não conseguia enxergar o quanto você é importante para mim, mas, com o tempo, as coisas mudaram. Apesar de ainda ser uma pessoa grosseira e não ter lhe tratado com o carinho que você merecia, eu não queria machucá-la. E me sinto muito mal pela forma como falei com você em nossa última conversa. Eu deveria ter sido mais compreensivo, mas ainda não consigo ser assim.

Os três se abraçaram e conversaram por horas, tendo Cristina como guia para relembra-los de suas propostas juntos e de suas vidas anteriores.



Na manhã seguinte, Júlia estava descansando em seu quarto quando Amélia bateu à porta, que estava entreaberta, dizendo:

– Bom dia! Me disseram que você quer falar comigo. Está tudo bem?

Com um olhar envergonhado, Júlia se sentou na lateral da cama, mantendo-se em silêncio e de cabeça baixa por alguns segundos, como se tomasse coragem de iniciar a conversa.

– Eu preciso lhe pedir perdão – gaguejou, tentando vencer o orgulho.

– Por que me pede perdão? Eu não tenho nada a perdoar.

– Eu já lhe desejei muito mal. Não conseguia entender porque você podia ter o Jorge e eu não. Mas agora eu queria pedir perdão por querer o seu mal e agradecer por ter cuidado tão bem de mim e de todos que amo. Cristina me contou que você esteve ao lado dela durante todo esse tempo e do quanto você rezou por mim. Eu ainda não consigo entender muito bem o porquê de você ter feito tudo isso, mas queria lhe agradecer mesmo assim.

Amélia abraçou Júlia e, com muito carinho, auxiliou-a a voltar ao repouso.

---

4 *Nota do autor:* Zona de refazimento é o termo atualmente utilizado por muitos irmãos benfeitores para as regiões do plano espiritual onde aqueles que ainda não aceitaram o auxílio permanecem. Antigamente essas áreas do plano espiritual eram classificadas como umbral e zona de sofrimento, quando abrigavam irmãos em condições mais intensas de dor e revolta; e classificadas como zona de refazimento quando abrigavam irmãos com um pouco mais de compreensão. Entretanto, visto que há aprendizado em todas as moradas do Pai, preferimos utilizar o termo “zona de refazimento” de forma mais generalizada.

5 *Nota do autor:* O auxílio sempre é oferecido para todos, porém só é aceito por aqueles que realmente desejam e que, portanto, estejam preparados para recebê-lo. Esse desejo não necessariamente precisa ser expressado de forma verbal, pois são os sentimentos e pensamentos que nos guiam no plano espiritual.



## TEMPO DE LANÇAR FORA

Mesmo num ambiente harmônico, Jorge ainda precisava lidar com seus sentimentos e desejos carnis. Como parte de seu tratamento, frequentava assiduamente grupos de terapia e harmonização, além de ter sido integrado em alguns trabalhos vinculados ao hospital que o acolheu. Ele auxiliava no cuidado dos diversos jardins que compunham aquela imensa instituição e, sempre que tinha um tempo, ajudava na limpeza interna.

Em uma bela tarde, Jorge estava cuidando de algumas rosas amarelas que enfeitavam o jardim lateral do hospital, quando foi surpreendido por Marcos e Cristina.

– Caro amigo, nós temos ótimas notícias – disse Marcos, colocando a mão sobre o ombro dele. – Sua mãe está pronta para ser auxiliada.

Jorge sorriu e, já retirando as luvas de jardinagem, levantou-se.

– Sério? Esta notícia é maravilhosa! Mas e o meu pai?

– Seu pai ainda é reticente e tem dificuldade para aceitar o auxílio.

– Eu imagino o motivo. Assim como eu, ele sempre foi muito teimoso e orgulhoso – disse Jorge com pesar na voz.

– É por isso mesmo que estou aqui. Apesar de você ainda estar em processo de recuperação, eu acredito que possa nos auxiliar a

quebrantar um pouco do orgulho de seu pai.

– Claro, na hora que quiser eu irei.

– Calma, meu amigo! Só vim lhe fazer o convite. Assim que tudo estiver pronto, nós iremos.

Jorge sorriu e voltou a trabalhar no jardim. Ele não via a hora de poder auxiliar seus pais.

“O velho José Henrique sempre foi um turrão. Eu sei bem disso, afinal sou muito parecido com ele” – pensou Jorge, retomando a tarefa interrompida.



Passados alguns dias, Marcos, Cristina e Jorge se encaminharam até o vale onde Matilde e José Henrique viviam. Chegando lá, Jorge teve uma surpresa ao encontrar uma bela mulher de cabelos longos e sorriso farto. Era Vitória, incrivelmente crescida, agora no auge de seus dezenove anos. Ele percebeu que ela, diferentemente dos demais, brilhava de uma forma estranha e estava ligada a um longo fio.

– O que faz aqui, minha filha? – perguntou ansioso. – Eu não sabia que você havia desencarnado.

– Calma, papai, ainda estou encarnada – respondeu Vitória, com um sorriso no rosto. – No mundo material, eu estou dormindo e vim aqui para auxiliar no resgate de vovó e vovô.

Jorge abraçou a filha e cumprimentou Otávio, que a acompanhava. O grupo se aproximou do casebre improvisado onde Matilde e José Henrique moravam e Marcos pediu que Jorge e Cristina entrassem. Ao adentrarem o casebre, eles encontraram Matilde sentada em um canto. Apresentava um semblante extremamente triste e observava o marido deitado em outro canto do cômodo.

– Mãe, sou eu, Jorge. Vim aqui para ajudá-la.

A mulher se levantou rapidamente e empurrou os recém-chegados para fora da tenda, sussurrando de forma enérgica e também saindo

do casebre.

– Não o acordem. Não sabem o quanto demorei para fazê-lo dormir.

Ao ver todo o grupo de auxílio do lado de fora, ela se surpreendeu.

– O que fazem aqui? Quem são vocês?

Jorge a apresentou a todos que estavam ali para auxiliá-la. Matilde se emocionou ao ser apresentada às netas Vitória e Cristina. Um turbilhão de emoções tomou conta de seu ser.

– Eu sei que vocês querem me ajudar e eu realmente queria segui-los, mas me preocupo com o José Henrique. Ele ainda não está preparado para receber auxílio.

Marcos deu um passo à frente e tomou a palavra.

– Para que você realmente possa ajudar seu marido, precisa se ajudar primeiro. Como o auxiliará estando assim, debilitada? Lembre-se de que só podemos auxiliar um irmão a se levantar, se estivermos de pé. Olhe para o Jorge, ele sofreu e vagou por lugares como esse, antes de aceitar ajuda. Agora, finalmente, pode oferecer o auxílio a vocês.

Jorge acenou positivamente com a cabeça e pediu a palavra:

– Ele está certo, mamãe! Precisei deixar temporariamente os que amava para poder me restabelecer o suficiente para ajudá-los. Se eu me mantivesse preso ao sentimento de culpa e posse, estaria aqui com vocês ou no vilarejo em que vivia junto com Júlia. O papai precisa que a senhora esteja bem para recebê-lo e auxiliá-lo.

Matilde olhou para o horizonte e viu Mateus. Ele estava a uma pequena distância do grupo e, de braços cruzados, parecia esperar o momento certo de se aproximar.

– O que aquele demônio faz aqui? Ele já tentou nos dissuadir antes e agora quer fazê-lo novamente – disse Matilde com raiva.

Marcos olhou serenamente para Mateus e, com muita calma, segurou as mãos de Matilde.

– Mateus não é um demônio. Ele é apenas um homem que ainda

precisa compreender alguns sentimentos e desejos que cultivava. Apesar de não admitir, ele também nos auxilia.

– Ele é um demônio e não me diga que poderá ser um homem bom, porque não será. Você é um santo e não consegue reconhecer a maldade quando vê, mas eu consigo.

– Eu não sou santo, Matilde, e aquele homem foi o meu irmão mais novo em minha última encarnação. Ao contrário de mim, era um rapaz bom e responsável, mas desencarnou tentando me defender em uma briga de bar que eu mesmo provoquei. Ao ser recebido aqui, no plano espiritual, ele não soube lidar com a sua morte prematura, deixando que os sentimentos de vingança e ódio o levassem a caminhos tortuosos.

Marcos não conseguiu se conter e algumas lágrimas correram em seu rosto. Após uma breve pausa, ele se recompôs e continuou:

– Eu, que você chama de santo, não suportei o peso de ter sido responsável pela morte do meu irmão e, num ímpeto de culpa e raiva, assassinei o homem que o matou, tirando a minha própria vida logo depois. Chegando aqui, não aceitei auxílio dos trabalhadores de luz, pois a culpa era grande demais. Eu acreditava ter a responsabilidade de encontrar e cuidar do meu irmão mais jovem. Vaguei por alguns anos e, por uma grande “ironia” da vida, fui resgatado por ele, que me deu abrigo, comida e acalento. Depois disso, auxiliei Mateus a manter o vilarejo onde vive agora e trabalhei com ele, liderando um grupo de espíritos influenciadores, do mesmo jeito que o seu filho Jorge liderou há algum tempo.

“Então, era de Marcos que ele falava” – pensou Jorge ao se lembrar de quando Mateus mencionou ter perdido seu homem de confiança.

Mateus, mesmo de longe, conseguiu ouvir tudo que seu irmão dizia e, tentando segurar as lágrimas, foi se aproximando, enquanto Marcos continuava a falar:

– Fiquei por muito tempo dependente do amor e da presença de meu irmão, pois eu acreditava ter a obrigação de cuidar dele, de auxiliá-lo, mas não era verdade. Um dia, finalmente aceitei o auxílio,

pois entendi que assim poderia também ajudá-lo.

Marcos olhou diretamente para Mateus, que tentava manter a pose de homem forte, e continuou:

– Eu sei que ele ainda não está pronto, mas o trabalho que faz, por mais que pareça desprezível, de uma forma transversa pode auxiliar no aprendizado de muitos irmãos. Jorge provavelmente teria demorado muito mais tempo para aceitar o nosso auxílio, se antes não tivesse sido resgatado por Mateus, pois ele ainda estaria consumido por culpa, medo e orgulho. Por mais estranho que possa parecer, as experiências que Jorge viveu naquele lugar o permitiram compreender que era merecedor de ser feliz e que não há nada que não possa ser reparado.

Nesse momento, José Henrique saiu da cabana e, tendo ouvido parte da conversa, começou a gritar:

– Não vou com vocês e nem adianta tentarem. Podem trazer todos aqueles que fizeram parte da minha família, que não vai adiantar. Mas já que você quer ir embora, Matilde, eu não vou ficar aqui sozinho de novo – disse irritado. – Se querem que eu saia daqui, tudo bem, eu saio, mas não com vocês. Eu vou com ele – José Henrique falou, apontando para Mateus.

Matilde olhou aborrecida para Marcos, mas ele repousou a mão sobre o seu ombro e sussurrou:

– Eu já previa que ele aceitaria a ajuda de Mateus. É por isso que meu irmão está aqui. Mas saiba que quando ele quiser nossa ajuda, bastará nos chamar.

José Henrique não aceitou se despedir de ninguém e seguiu com Mateus, enquanto os demais partiram em direção ao hospital, onde se encontraram com Amélia e Júlia.

Chegando ao hospital, Matilde recebeu os primeiros socorros, foi higienizada, alimentada e encaminhada para um quarto onde pôde descansar.

Jorge e Amélia mataram um pouco da saudade que sentiam de Vitória que, logo depois, foi levada por Otávio de volta para casa,

pois já estava para amanhecer.

Antes de voltarem ao trabalho, Cristina olhou para Marcos e o questionou:

- Será que vai demorar muito para ele aceitar o auxílio?
- Seu avô José Henrique?
- Não, eu falo de seu irmão Mateus.
- Não sei, minha querida, mas o dia que isso acontecer, será o mais feliz de minha vida.

Marcos sabia que, como todos os irmãos que habitam as zonas de refazimento, mais cedo ou mais tarde Mateus aceitaria o auxílio. Mesmo que demore muito, um dia todos compreendem que a culpa e o ressentimento só nos trazem mais dor e sofrimento<sup>6</sup>.

Marcos e Cristina se reencontraram com Gustavo e com os demais integrantes do grupo de resgate e voltaram ao trabalho.

---

<sup>6</sup> A jornada que levou Mateus até sua posição como líder do vilarejo, bem como as experiências que o permitiram enxergar um futuro diferente, serão descritas em um próximo livro.



## TEMPO DE CURAR

Algum tempo após seu resgate, Matilde já se encontrava bem melhor e o processo de recuperação seguia de forma acelerada. Ela já conseguia compreender de forma mais clara que todos fazemos escolhas e que não devemos nos culpar pelas escolhas daqueles que amamos, pois em tudo há aprendizado.

Antes disso, Júlia deixou o hospital, dando continuidade ao seu tratamento em um educandário<sup>7</sup> localizado em uma cidade intermediária próxima. Nesse local, ela participava de grupos de apoio e também auxiliava no cuidado oferecido às crianças menores.

Apesar de não ser mais um interno, Jorge permaneceu no hospital, a trabalho. Ele continuava auxiliando na limpeza e nos cuidados com os jardins, além de fazer alguns serviços internos de auxílio aos pacientes da enfermaria.

Certa noite, Jorge chegou para o seu turno de auxílio na enfermaria, local onde os irmãos trazidos pelos diversos grupos de resgate recebiam os primeiros atendimentos, mas, ao tentar entrar, foi impedido por Gertrudes, chefe da enfermaria. Ela era uma senhora que mantinha a aparência de seus setenta anos, com a pele enrugada, grandes óculos arredondados e cabelos grisalhos. Mesmo sendo doce e carinhosa como pessoa, Gertrudes fazia questão de manter a disciplina e a ordem em seu local de trabalho, principalmente quando lidava com os novatos. Segundo ela, os

trabalhadores, especialmente os socorristas e os atendentes de prontos-socorros, tinham de ser fortes e disciplinados, afinal de contas, ver a dor lancinante de irmãos queridos não era para qualquer um.

Ao ser impedido de entrar na enfermaria, Jorge ficou confuso e a questionou:

– O que houve? Por que não posso entrar? Já deu a hora do meu turno de auxílio.

– Seus serviços não serão necessários aqui hoje. Procure a irmã Lourdes e ela o encaminhará para outros afazeres.

Jorge desconfiou que Gertrudes não quisesse que ele visse algo e insistiu:

– O que houve? Quem está aí? Já estou bem recuperado e aguento ajudar quem quer que seja.

– Não seja presunçoso, Jorge. Em primeiro lugar, como pode ter certeza de que já está pronto para atender a qualquer um? Em segundo lugar, quem disse que estou impedindo a sua entrada apenas para protegê-lo? Eu também devo proteger os pacientes.

Gertrudes fechou a porta e ele ficou sem entender nada. Nesse momento, Ana chegou e esclareceu o que estava acontecendo:

– Querido, não se incomode com as palavras de Gertrudes. Você sabe que ela é assim mesmo. Ela está protegendo um de nossos pacientes recém-chegados e que não conseguiria se manter bem se o visse aqui.

– Quem é o recém-chegado?

– Confio em seu discernimento e compreensão para lidar com o assunto e, só por isso, responderei à sua pergunta. Entretanto, preciso que você entenda que cada um é dono de seu caminho e que a culpa não é necessária.

– Você está me assustando. De quem se trata?

– Molinário acaba de ser recebido em nosso pronto-socorro. Ele foi trazido em condições muito ruins e precisa de todo o auxílio.

– Quem é Molinário? Este nome não me é familiar.

– Molinário foi o pai de Júlia. O homem que tirou a sua vida.

Jorge cambaleou e se apoiou na parede lateral. Ele já havia se esquecido de como tinha sido trágico o seu desencarne e, por um breve momento, se desestabilizou; começou a lembrar das dores de ser baleado e Ana o segurou, ajudando-o a sentar-se.

– Você precisa superar isso. O que fizeram está no passado e vocês já sofreram bastante.

– Eu superei e não sinto rancor ou ódio por este homem – Jorge falou. – Mesmo antes de morrer, compreendi a atitude tomada por ele. Acho até que eu queria morrer daquele jeito por acreditar que merecia. O rancor que sinto não é por ele, é por mim.

– Alimentar a culpa não alterará as escolhas que fez no passado, apenas trará sofrimento desnecessário. Não se prenda ao que fez, trabalhe no que pode ser feito agora.

– Eu sei, mas é difícil não me sentir mal com tudo isso.

– Você precisa se responsabilizar pelo que fez e não se culpar. A responsabilidade lhe traz a possibilidade de aprender e melhorar-se, enquanto a culpa só gera mais sofrimento. Além disso, lembre-se de que não é porque você já foi atendido e aceitou o auxílio, que não corre o risco de cair novamente. O bom Jesus já dizia: “Vigiai e orai”.

– E por que não posso vê-lo?

– Porque ele se culpa por tudo que lhe fez. Ao contrário de você, à época, Molinário era um homem religioso e temente a Deus. Ele agiu daquela forma em um momento de fraqueza. Dias após ter lhe tirado a vida, ele não suportou o peso em sua alma e cometeu suicídio. Chegando aqui, ele, como você, acreditava merecer o inferno, mas o inferno que ele criou para si foi muito pior do que aquele em que você viveu. Encontrar com você agora pode trazer toda esta culpa de volta. É por isso que o manteremos isolado, pelo menos por enquanto. Na hora certa, vocês se acertarão.

Já que não poderia trabalhar na enfermaria naquela noite, Jorge decidiu cuidar do jardim interno do hospital. Com a intenção de cuidar das plantas, sentou-se em uma pequena pedra, mas, entre

uma rosa e outra, começou a pensar na situação de Molinário, lembrando-se de que ele também havia tirado muitas vidas.

Jorge sempre se culpou pelas meninas e mulheres das quais abusara, mas, até aquele momento, não havia realmente pensado nos homens que matara. Quando encarnado, era um homem violento e acreditava estar acima do bem e do mal. Até o dia de seu desencarne, ele era responsável pela morte de cinco homens, a maioria por desavenças sem sentido; qualquer um que batesse de frente com ele corria o risco de sentir o poder de sua fúria.

Inebriado por seus pensamentos, Jorge começou a sentir uma brisa gelada e ouviu a voz de Marcos ao seu lado:

– Tem certeza de que quer fazer isto?

– Fazer o quê?

Nesse momento, Jorge olhou para os lados e percebeu que não estava mais dentro das instalações do hospital. Estava em um terreno escuro e sombrio, com árvores tortas e secas. Um local muito semelhante àquele em que vivera antes de se unir a Mateus.

– Seus pensamentos o afastaram do hospital e lhe trouxeram para este lugar. Tem certeza de que quer continuar fazendo isso? – Marcos perguntou novamente, enquanto se sentava ao lado de Jorge.

– Não, eu não quero ficar aqui. Nem havia percebido que não estava mais no hospital. Comecei a pensar nos homens que matei e uma angústia tomou conta de meu ser.

– Mesmo estando melhor em seu processo de recuperação, você tem que continuar vigiando os pensamentos. Essa culpa não auxiliará nem a você nem àqueles que você acredita ter prejudicado.

– Marcos, você é um socorrista e anda por todo tipo de lugar. Sabe se os homens que matei ainda sofrem?

– Jorge, meu amigo, a zona de refazimento é muito grande e eu não conheço todos que nela habitam. Mas você não deveria se preocupar com isso agora, pois de nada adiantará.

Apesar da orientação de Marcos, Jorge insistiu no questionamento e o outro entendeu que poderia lhe contar algo:

– Eu posso apenas dizer que já conheci um dos homens que você matou.

– Ele foi resgatado? Está bem?

– Não. Ele ainda não desejou receber o auxílio e cultivava muito ódio por você e por outras várias pessoas.

– Viu? É por isso que me culpo.

– E de que forma o seu sentimento de culpa ajudaria esse homem?

– Eu não sei. Mas, talvez, vendo que estou arrependido... Eu não poderia ajudá-lo de alguma outra forma?

– Sim, você pode. Ore por ele. Ore por todos eles.

Marcos se levantou e continuou:

– Eu sei o que está sentindo. Após receber o auxílio, também fiquei me perguntando se realmente merecia tudo aquilo. Afinal, eu me sentia responsável pela morte de duas famílias inteiras.

– Duas famílias inteiras? Eu achei que você tivesse matado apenas o assassino de seu irmão.

– Sim, mas também me sentia responsável pela morte de meu irmão, por não estar presente na morte de minha mãe, além de me culpar pelas mortes dos familiares do assassino de meu irmão.

– Como? Não entendo...

– Eu era um jovem arrogante e impetuoso. Após a morte prematura de meu pai, eu me rebelei e não aceitei que minha mãe se casasse novamente, abandonando minha família. Por orgulho, recusei-me a visitá-la e, quando ela adoeceu, morreu chamando por mim. Meu irmão Mateus, você já sabe, desencarnou tentando me defender.

– E a família do homem que matou Mateus?

Marcos respirou fundo e baixou a cabeça, dizendo:

– Na ocasião em que eu tirei a vida do pobre homem, não percebi que sua esposa e filhos presenciaram tudo. Além disso, sem o marido, ela não tinha como alimentar os filhos e decidiu resolver isso da pior maneira: em um surto de desespero, matou os dois

filhos e cometeu suicídio.

– Eu não sabia, Marcos, sinto muito. Como você consegue continuar?

– Hoje eu sei que cometi equívocos, mas as escolhas não foram apenas minhas. Todos temos opções e, portanto, somos responsáveis pelo que ocorre conosco. Mas não vou enganá-lo, pois ainda dói. Eu busco sempre olhar para frente e, enquanto não posso auxiliar aqueles a quem ajudei a prejudicar, eu auxilio a outros.

Marcos ajudou Jorge a se levantar e o acompanhou de volta para o hospital.

---

*Z Nota do autor:* Educandário espiritual é um local onde crianças e jovens espirituais recebem o apoio necessário para se abrirem aos ensinamentos da vida e poderem crescer física e moralmente. Esses irmãos mantêm a forma juvenil devido ao desencarne ainda durante a infância ou por se refugiarem na forma de criança, para evitarem o confronto com situações e/ou responsabilidades.



## TEMPO DE FALAR

Vitória, agora com vinte e dois anos, tornara-se uma linda mulher, cujas feições eram incrivelmente semelhantes às de sua mãe Amélia. Além de muito bonita e simpática, era também muito inteligente e, ao contrário de muitas mulheres daquela época, estudou e se formou como professora.

Logo após terminar seus estudos, ficou sabendo que uma das professoras da pequena escola da cidade havia se aposentado e que, portanto, estavam precisando de alguém para ocupar a vaga deixada por ela. A escola era conjugada à igreja e quem a dirigia era irmã Judite, uma freira da congregação.

A religiosa, uma senhora com cerca de sessenta anos, não era de muitas palavras e raramente sorria, sendo que as crianças morriam de medo dela. Apesar de a direção ser oficialmente de responsabilidade da irmã Judite, ela era auxiliada pelo padre Juscelino, que há anos ocupara o lugar do padre Onofre. Ele era descendente de italianos, tinha cerca de cinquenta anos, muito simpático e prestativo, porém muito rígido e ortodoxo, tanto no funcionamento da igreja quanto na organização da escola.

Vitória estava empolgada com a possibilidade de finalmente poder transmitir seus conhecimentos para as crianças e foi conversar com a irmã Judite.

Chegando à escola, foi acompanhada por um dos funcionários até o escritório onde estavam o padre Juscelino e a irmã Judite. Vitória entrou na sala e, convidada pelo padre, sentou-se em uma cadeira em frente à mesa onde estava a religiosa. Um silêncio constrangedor perdurou por alguns minutos, até que a freira começou a questionar:

– Então, você é professora?

– Sim, Irmã. Estudei e me preparei para alfabetizar crianças.

– Eu sempre a vejo nas missas, com seus tios e primos. Ainda mora na fazenda com eles, não é mesmo?

O padre não queria interromper a entrevista e se sentou em uma poltrona lateral, apenas observando a conversa das duas.

– Sim, irmã. Moro com meus tios Agnaldo e Vilma na fazenda de minha família – respondeu Vitória.

– Então, não é casada ainda. Não acha que já está muito velha para estar sozinha?

Vitória ficou constrangida com a pergunta, pois durante sua juventude já havia se encantado por um ou dois rapazes, mas muitos a achavam esquisita. Ela era constantemente julgada pela má fama de seu pai e avô, além de haver boatos de que, desde pequena, falava com os mortos.

Vitória fechou os olhos e, ao abri-los novamente, viu Otávio, Amélia e um sorridente senhor ao lado de Judite. O simpático senhor era o mentor da freira e se chamava Jobson. A presença dos três fez com que a moça se acalmasse e pudesse responder à pergunta.

– Realmente, eu não me casei ainda, pois não encontrei a pessoa certa. Além disso, os estudos sempre foram a minha prioridade. Quando Deus achar necessário, eu encontrarei o amor de minha vida.

Vitória percebeu uma mudança no semblante de Amélia que, olhando diretamente para ela e, em pensamento, falou:

“Querida, não se aborreça com a falta de entendimento das pessoas. Elas ainda não conseguem compreender tudo que acontece

ao seu redor. Seja paciente e acredite que tudo pode ser útil para o seu aprendizado.”

Vitória não compreendeu as palavras de sua mãe, mas, antes que pudesse questioná-la, o padre se levantou e, impacientemente, começou a falar:

– Vitória, você sempre será bem-vinda em nossa igreja e eu nunca a impediria de assistir às missas, mas dar aula para as nossas crianças já é um pouco demais. Nós sabemos sobre o seu histórico familiar de violência, luxúria e libertinagem, mas, sinceramente, não é por isso que não concordamos em lhe dar a vaga de professora. Os boatos de que você pode ver e falar com pessoas mortas são graves demais para que a deixemos influenciar nossas crianças. O que os pais delas pensariam? Esta escola tem os ensinamentos de Cristo como ponto chave e não podemos desvirtuá-los.

Nesse momento, Vitória compreendeu as palavras de sua mãe, que ainda permanecia na sala junto com Otávio e Jobson. A moça pediu licença, levantou-se e falou aos dois membros da congregação religiosa:

– Não são boatos. Eu realmente tenho a capacidade de falar e ver irmãos que já faleceram. E não tenho vergonha disso. Sei que nem todos compreendem e, apesar de não concordar, eu respeito a opinião dos senhores. Afinal, seria injusto de minha parte cobrar entendimento daqueles que ainda não o têm.

Vitória caminhou em direção à porta, mas, antes de sair do escritório, virou-se e, com a ajuda de Jobson, falou diretamente à irmã Judite:

– Só mais uma coisa, a capacidade de se comunicar com aqueles que já se foram não é exclusividade minha. Muitos dos que me julgam também a tem. A grande diferença é que a maioria se esconde por medo do preconceito, perdendo uma oportunidade maravilhosa de crescimento pessoal e de auxílio aos irmãos espirituais necessitados.

Irmã Judite e padre Juscelino ouviram tudo desconcertados e

boquiabertos. Mas, antes que pudessem retrucar, Vitória saiu do escritório. Irmã Judite se manteve sentada, parada e olhando para as próprias mãos sobre a mesa, enquanto padre Juscelino andava em círculos na sala, falando sozinho:

– Como ela ousa? Eu que fui tão compreensivo e paciente, deixando que ela frequentasse a missa, mesmo sabendo desses boatos. Isso deve ser coisa do demônio. Isso! O demônio está querendo nos controlar e a utiliza para chegar dentro de nossa igreja e agora da escola. Mas nunca permitirei isso, nunca!

A irmã continuou calada e pensativa, pois as palavras de Vitória não tiveram o mesmo efeito nela. Judite começou a se lembrar de sua juventude e do porquê de ter se tornado freira. Ela, assim como Vitória, conseguia ver e falar com pessoas que ninguém mais podia. À época, alguns achavam que era coisa de criança e outros a recriminavam, falando ser coisa do demônio.

Com o passar dos anos, Judite tentava esconder, mas continuava a ver e falar com espíritos, até que, ao chegar à adolescência, esse comportamento se tornou insustentável para seus pais, que eram extremamente religiosos. Dessa forma, eles fizeram o que achavam ser o certo, não a deixando ir à escola e a trancando o dia inteiro em seu quarto.

Não aguentando mais aquela situação, Judite começou a fingir que não via ou ouvia os espíritos, mas eles continuavam a procurá-la e a pedir auxílio. Ela começou a acreditar que realmente estava sob a ação de forças malignas, pois tudo aquilo a fazia muito mal. Judite, na verdade, não se sentia mal em auxiliar os espíritos, o que lhe fazia mal eram o preconceito e os maus-tratos dos encarnados que não a compreendiam. Foi quando decidiu entrar para o convento, na esperança de não ver e ouvir os irmãos desencarnados, o que nunca aconteceu de verdade.

“Como ela soube? Será que ela tem razão? Será que eu me impedi de trabalhar em nome de Cristo para o auxílio de espíritos sofredores? Mas a minha religião afirma que são almas penadas, que

não podemos nos envolver com elas” – pensou Judite.

Ainda irritado com as palavras de Vitória, o padre Juscelino saiu do escritório e voltou aos seus afazeres na igreja. Judite, no entanto, nem percebeu a saída dele e continuou tomada por lembranças e pensamentos, como se estivesse em transe.

Amélia e Jobson se aproximaram da religiosa, emanando energias de reconstrução e tranquilidade. E Judite, que estava com os olhos fechados, começou a ter uma sensação estranha de não estar sozinha. Ao abrir os olhos, viu um senhor idoso, negro, de cabelos brancos e barba cheia, olhar sereno e um sorriso contagiante.

– Jobson? É você? – perguntou a freira. – Lembro-me de você, mas faz muitos anos e você continua igual.

– Cara Judite, ainda que não me visse, eu estava ao seu lado por todos esses anos.

– Senti falta de nossas conversas, mas sempre pressenti sua presença. Isso realmente não pode ser coisa do demônio. Como ele seria capaz de enviar alguém tão bom e amoroso como você?

Jobson deu uma gargalhada rouca e voltou a falar:

– Demônio? Minha querida! Assim como você, eu sou um trabalhador em Cristo. Demônios não existem. O que existe são apenas espíritos precisando de entendimento e de conforto, espíritos como aqueles que você auxiliava durante sua juventude.

Judite olhou para o lado e viu a bela Amélia, que lhe sorria.

– Quem é essa mulher, Jobson?

– Não a reconhece? É Amélia, mãe da Vitória nesta última reencarnação.

Judite havia conhecido Amélia quando ela, antes de se casar com Jorge, fazia trabalhos de caridade na igreja com o padre Onofre.

– Amélia, é você! Perdoe-me pela forma como falei com sua filha. Eu queria muito ajudá-la, mas não posso contrariar o padre Juscelino ou acabarei como Onofre, que foi obrigado a se desligar da igreja. Amo o que faço e não gostaria de ter de abandonar o meu hábito.

– Não se preocupe, Vitória sabe que não fez por mal. Nós não

queremos que se prejudique e, muito menos, que tenha de se retirar de seu posto, onde faz um trabalho maravilhoso. Se for de sua vontade, você encontrará uma forma de auxiliar Vitória sem se indispor com o padre Juscelino – disse Amélia.

Jobson e Amélia se despediram de Judite e prometeram voltar a visitá-la, caso ela assim desejasse.

Vendo-os partir, Judite ajoelhou em frente ao oratório e falou num tom de desespero:

– Meu Deus, acho que estou enlouquecendo... De novo!



## TEMPO DE GUARDAR

Era uma linda manhã de domingo e Vitória estava trabalhando no jardim em frente à varanda de sua casa. Desde o acontecido na escola, padre Juscelino exigiu que ela não frequentasse mais a igreja. Ele permitiu que o resto da família fosse às missas, mas a moça não poderia colocar os pés na igreja nem na escola.

Vitória estava colhendo algumas rosas, quando observou uma charrete se aproximando. Retirou as luvas e foi recepcionar seus visitantes, surpreendendo-se ao ver irmã Judite descer do transporte.

– Que bom vê-la, irmã! Fico surpresa em receber sua visita, mas receio que tenha perdido a viagem, pois meus tios e primos foram à missa. Estou sozinha em casa.

– Não há problema, pois eu vim falar com você mesma.

Vitória convidou Judite para entrar e indicou o sofá da sala para que se sentasse. Pediu aos empregados que dessem água ao cavalo e que levassem um lanche ao cocheiro e seu ajudante. Na sala de estar, Vitória ofereceu um café e biscoitos à irmã Judite, que não recusou e comeu até lambe as pontas dos dedos.

– Querida Vitória, os biscoitinhos estão uma delícia, mas não foi para isso que eu vim aqui.

– Acredito que seja algo sério, irmã Judite, pois a senhora nunca falta a uma missa de domingo.

– Sim, realmente é a primeira missa de domingo que falto desde que me tornei freira. Mas eu precisava falar a sós com você.

Judite contou sobre a forma como havia se tornado freira e sobre a visita de Jobson e Amélia naquele dia, na escola. A jovem ficou maravilhada ao saber da mediunidade aflorada da religiosa e extremamente extasiada ao saber que ela havia conversado com sua mãe.

Após respirar fundo, Judite fez uma pergunta:

– Você quer mesmo lecionar, Vitória?

– É o que mais quero, irmã. Sempre sonhei em levar o conhecimento aos que não o têm. Adoraria trabalhar com as crianças para que elas tenham algum futuro.

– Bem, não posso contrariar o padre Juscelino, mas sua família tem recursos financeiros para realizar os seus sonhos. Infelizmente, não há como trabalhar com as crianças da escola, mas existe um público que precisa muito mais da sua dedicação e amor: os adultos analfabetos. Nunca é tarde para construir uma vida melhor e, sem o estudo, esses jovens adultos se veem desprovidos de oportunidades. Sem o padre Juscelino saber de minha participação, entrei em contato com Onofre, ex-pároco da igreja, e ele aceitou ajudá-la a montar uma pequena escola aqui em sua fazenda, se a sua família concordar. O que você acha de o Onofre e você auxiliarem na alfabetização dos adultos da região? Até onde eu sei, são muitos.

– Alfabetizar adultos? Como não pensei nisso antes? Isso é maravilhoso, irmã Judite! Muito obrigada! A senhora não tem ideia de como me faz feliz.

– Onofre virá mais tarde para falar com você. Eu providenciei alguns materiais que vocês precisarão e espero que, em breve, já estejam fazendo esse trabalho maravilhoso.

Judite comeu mais alguns biscoitinhos, despediu-se de Vitória e voltou para a cidade.

A jovem vislumbrou Jobson ao lado de Judite, a sorrir emocionado pela atitude de sua amiga freira que, até pouco tempo, jamais

ajudaria Vitória, por puro preconceito.



Com o aval e recursos de Agnaldo e Vilma, em dois meses a escola já estava em funcionamento. Trabalhadores de toda a região já estavam sabendo da novidade. Vitória e Onofre tinham cada vez mais alunos.

Vilma também passou a trabalhar com eles, ficando responsável pelo lanche da hora do intervalo e de cuidar das crianças menores, enquanto as mães estudavam.

Logo, o número de alunos era tão grande que Vitória precisou do auxílio de Ana Maria, nova esposa de Agnaldo, e de suas primas.

Aproximadamente um ano após abertura da escola, ao final de um longo dia de estudos, Vitória se despedia dos alunos quando observou algumas pessoas se aproximando. Inicialmente não deu atenção ao fato, pois imaginou que fossem alunos que retornavam para buscar algo que tivessem esquecido em sala de aula, mas logo percebeu que se tratava de visitas especiais: eram Matilde, Amélia, Jorge e Otávio.

Vilma estava recolhendo os lápis e cadernos sobre as carteiras, quando sentiu um cheiro contagiante de rosas, o que era estranho, pois as roseiras de seu jardim não estavam floridas. Ao se virar em direção à porta, percebeu que Vitória sorria olhando fixamente para uma das paredes laterais da sala.

– Está tudo bem, Vitória?

– Vovó está aqui e está muito bem.

Vilma cambaleou e se sentou na primeira cadeira que alcançou. Quando conseguiu falar, pela emoção que a acometeu, disse:

– Mãe, como rezei para a sua recuperação. Senti seu cheiro quando você chegou. É o mesmo perfume de rosas que você usava quando eu era criança – disse de forma chorosa.

Matilde abraçou Vilma, olhou para Vitória e pediu que ela

transmitisse suas palavras:

– Minha filha querida, eu e seu irmão estamos muito bem e parte de nossa recuperação se deve às orações e aos bons pensamentos emanados por vocês. Amo muito todos vocês e sempre estarei por perto.

Vitória transmitiu a mensagem de sua avó para Vilma, que chorou copiosamente.

– Nós ficamos muito felizes em saber que vocês estão bem, vó e, principalmente, por estarem juntos. Pai, tenho muito orgulho de você – disse Vitória, sorridente.

Nesse momento, Otávio avisou:

– Não podemos nos demorar. Esta visita foi permitida para que pudessem matar um pouco a saudade. Vocês têm apenas mais alguns minutos para conversarem.

Matilde, Amélia e Jorge conversaram mais um pouco com Vitória, que transmitia cada informação para Vilma. Após se despedirem de seus amores desencarnados, Vilma e Vitória seguiram alegremente de volta para casa, onde encontraram Agnaldo sentado na cadeira de balanço da varanda. Elas falaram sobre o acontecido, mas, como já era esperado, ele se manteve cético, não acreditando em nada do que ouviu.



## TEMPO DE PAZ

Em uma manhã ensolarada de sábado, Jorge trabalhava em uma das enfermarias do hospital, auxiliando na higienização e primeiros socorros dos irmãos espirituais recém-resgatados. Finalizava os cuidados a um senhor bem idoso, quando uma jovem foi trazida de maca para ser tratada.

Ela se contorcia de dor e esfregava as mãos nos braços, o que piorava cada vez mais os ferimentos abertos. Joaquim e Eduardo, dois enfermeiros que trabalhavam com Gertrudes, tentavam contê-la, mas a dor parecia insuportável. Beatriz, uma das enfermeiras que trabalhavam no hospital, leu o prontuário da jovem e comentou com Jorge:

– Pobre moça! Mesmo desencarnada, ainda alimenta as feridas causadas por sua morte.

– Eu sei bem o que é isso. Por anos senti as dores lancinantes do tiro que levei – disse Jorge, passando a mão no peito. – Não sei se posso perguntar, mas que tipo de desencarne causaria tantos ferimentos?

– Ela cometeu suicídio, jogando-se em um precipício.

Como os enfermeiros não conseguiam auxiliar a jovem recém-chegada de forma eficiente devido à sua inquietação, Gertrudes se aproximou e, em oração, colocou a mão sobre a frente dela. A moça

foi se acalmando e, após alguns segundos, entrou em sono profundo.

– Venham, Joaquim e Eduardo, agora vocês podem iniciar o tratamento com os passes magnéticos de forma mais tranquila – orientou Gertrudes, afastando-se da maca onde a jovem repousava.

Mesmo não sendo tão novato nos trabalhos de auxílio, Jorge ficou admirado com o auxílio oferecido àquela jovem senhora e, sem perceber a aproximação de Gertrudes, dizia para si mesmo em voz alta:

– Meu Deus! Qual deveria ser meu estado quando fui recebido neste hospital pela primeira vez?

– Você também nos deu um pouco de trabalho, mas tudo vale a pena quando trabalhamos em nome de Nosso Mestre Jesus – disse Gertrudes com um sorriso. – Agora eu preciso que me faça um favor: procure Marcos e diga a ele que precisamos de seu auxílio aqui na enfermaria. Eu sei que ele chegou ao instituto agora há pouco, trazendo um grupo de irmãos resgatados, e que neste momento deve estar no jardim central, pois é lá que ele costuma repousar após uma longa jornada à zona de refazimento.

Feliz em ser útil, Jorge prontamente se direcionou até o jardim central, onde encontrou Marcos aconselhando um dos internos do instituto.

– Bom dia, Marcos! Desculpe atrapalhar seu repouso – disse aproximando-se, encabulado por interromper a conversa.

– Bom dia, Jorge! Não se incomode, pois meu repouso é o trabalho. Do que precisa?

– Gertrudes pediu que você a procurasse na enfermaria.

Marcos se despediu educadamente do interno com quem conversava e, acompanhado de Jorge, seguiu em direção à enfermaria, onde foram recebidos por Gertrudes.

– Caro Marcos, nós precisamos de sua ajuda com uma irmã recém-chegada ao instituto – ela explicou com um tom de cautela e carinho.

– Claro, Gertrudes, eu ajudarei com muito prazer. O que posso

fazer? – prontificou-se Marcos.

– Fico muito feliz com sua dedicação, mas, antes, preciso que saiba que se trata de alguém que fez parte de sua última encarnação.

– De quem se trata? – questionou Marcos com um ar apreensivo.

– A irmã que precisa de seu auxílio é Maria, esposa do homem que antecipou o desencarne de seu irmão.

Marcos permaneceu em silêncio por alguns minutos e, com voz trêmula, questionou:

– Você realmente acha que eu poderia ajudá-la? Justamente eu? Você sabe que fui eu quem tirou a vida do marido dela, não sabe?

– Bom, eu não pediria o seu auxílio se não acreditasse que isso realmente é útil, tanto para a nossa irmã Maria quanto para você. Além disso, de acordo com o relatório que recebi sobre Maria, ela não o culpa pelo acontecido. Um tempo depois de seu desencarne, Maria ficou sabendo das circunstâncias sobre a morte de Edgar, mas, apesar de ter lhe perdoado, não consegue se perdoar pelo que fez aos próprios filhos. Eu sei que esse tipo de intervenção não é comum, mas fique tranquilo, pois sabemos o que estamos fazendo.

Após um aceno positivo por parte de Marcos, Gertrudes sorriu e se retirou, deixando-o em companhia de Jorge.

– Marcos, eu nem sei o que dizer. Você vai auxiliá-la? – questionou Jorge, admirado com o que acabara de ouvir.

– Claro! Isso é o mínimo que posso fazer depois de todo o sofrimento que Maria alimentou por tantos anos.

– Mas, pelas minhas contas, eu achei que você e todas as pessoas relacionadas à sua última vida no plano físico já tivessem desencarnado há muitos anos.

– Sim, realmente se passaram muitas décadas.

– Nossa! E Maria demorou todo esse tempo para pedir ajuda?

– Sim. Existem pessoas que ficam muito mais tempo do que ela. Enquanto não aceitam o auxílio, nós temos de respeitar seu livre-arbítrio. Não podemos obrigar ninguém a ser auxiliado.

– E eu que acreditava ser o teimoso. Agora estou achando que fui

rápido ao aceitar ajuda.

– Cada um tem seu tempo. Você demorou alguns anos, algumas pessoas demoram décadas, outros, como Amélia e Cristina, nem chegam a permanecer nas zonas de refazimento.

A enfermeira Beatriz se aproximou silenciosamente e entregou o prontuário de Maria nas mãos de Marcos que, emocionado, direcionou-se à maca onde ela estava e olhou caridosamente para aquela jovem magra, despenteada e ferida.

Após ler rapidamente o prontuário, segurou a mão dela, que havia acabado de despertar e, calmamente, começou a conversar:

– Bom dia, Maria! Eu me chamo Marcos e estou aqui para auxiliá-la. Você já aceitou a ajuda e chegou até aqui. Agora nos permita aliviar a sua dor.

– Por favor, não me machuquem! Sei que o que fiz foi errado, mas achei que estava fazendo o certo. Pensei que não seria capaz de alimentar os meus filhos e que eles morreriam de fome – ela disse aos prantos.

– Acalme-se, Maria! Ninguém vai lhe machucar. Como eu acabei de dizer, nós estamos aqui para auxiliá-la. Ninguém está julgando-a pelo que fez, a não ser você mesma. Muito tempo já se passou desde que tudo isso aconteceu.

– Mas eu deveria ter tentado mais, deveria ter persistido...

– Depois de tudo que você passou, eu compreendo a sua dor. Entretanto, a culpa só lhe trará mais sofrimento. O que você fez não pode ser alterado, mas o que realmente importa é o que fará a partir de agora.

Maria olhou mais diretamente para Marcos e, respirando fundo, começou a falar de forma rápida, desesperada e quase ininteligível:

– Como você pode compreender o que sinto ou pelo que passei? Você me conhece?

– Sim, eu a conheço, mas agora você precisa se acalmar. Estou aqui para ajudá-la.

– Quem é você? – questionou Maria de forma impaciente.

– Hoje eu sou um trabalhador de Jesus que está tentando ajudá-la, mas quando encarnado eu fui um jovem inconsequente e irresponsável e estava lá quando seu marido desencarnou.

– É você! Eu me lembro! Você matou meu Edgar. Nunca esqueci o seu rosto. Eu me lembro como se fosse ontem...

Marcos ficou surpreso pelo fato de Maria o reconhecer, afinal ela só o vira uma única vez e muitas décadas haviam se passado desde então. Ele receou responder ao questionamento dela, mas confiou no discernimento de Gertrudes, afinal, se sua presença foi requisitada, era porque seria útil.

– Sim, fui eu. Por vingança pela morte de meu irmão, abreviei a vida de seu marido e, como você, cometi suicídio logo depois – ele falou com lágrimas nos olhos. – Suponho que você me odeie por isso e não a recrimino. Eu me arrependi do que fiz e sofri durante muitos anos com a culpa, mas hoje compreendo que devo me responsabilizar pelos meus atos e não me culpar por eles. Sei que o que fiz foi errado. Por isso, tento agir de forma correta, levando o auxílio a todos que necessitam. Peço desculpas por minha insensatez ter afetado tanto a sua vida.

Mesmo sentindo muita dor, Maria parou de chorar, enxugou as lágrimas e olhou para ele, dizendo:

– Não o odeio. Edgar não era uma pessoa muito fácil. Se a morte dele não ocorresse por suas mãos, seria por outras. Você agiu daquele modo para vingar a morte do seu irmão e eu entendo. As suas ações são compreensíveis, mas as minhas, não. Eu matei meus bebês porque não tive forças para cuidar deles. Isso é monstruoso!

– Não, não é. Você fez o que achou que seria certo. Não se culpe. Hoje você pode fazer diferente.

Nesse momento, Paola, uma emissária que trabalhava no Departamento de Comunicação entre os planos espiritual e material, adentrou a enfermaria. Ela se aproximou e, por meio do pensamento, passou algumas informações para Marcos.

– Paola, você não quer repassar essas informações para a Maria? –

disse Marcos com um sorriso no rosto.

– Não. Entendo que é você quem deve fazê-lo – respondeu Paola. Marcos segurou as duas mãos de Maria e a olhou carinhosamente.

– Maria, enquanto você sofria e vagava pelas zonas de refazimento, seus filhos foram resgatados e tratados. Eles não lhe culpam; pelo contrário, tentaram auxiliá-la por diversas vezes, mas você não permitiu. Então eles seguiram suas vidas, estudaram, trabalharam e estão bem.

– Meus bebês?! Ai, meu Deus! Quanto tempo eu perdi?

– Acalme-se! Não há tempo perdido. Todo esse tempo foi útil para que vocês pudessem compreender que o amor é muito maior que qualquer outra coisa.

– Eu quero vê-los...

– Maria, olhe o seu estado. Não acha melhor recuperar-se primeiro? Se você aceitar permanecer aqui e receber auxílio, em breve terá notícias deles.

– Quando?

– Isso dependerá de você e de sua recuperação. Não podemos levá-la até eles agora, pois seria prejudicial a eles e a você mesma.

– Aceito qualquer coisa se, com isso, eu puder vê-los. Eu vou melhorar o mais rápido possível.

– Calma! Sem pressa. Tudo a seu tempo. Agora você precisa permitir que nossos amigos a auxiliem.

Sorrindo, Marcos se despediu de Maria beijando-lhe a testa. Beatriz se aproximou dela e, com a ajuda de outro enfermeiro, iniciou o tratamento de suas feridas, enquanto Marcos se direcionou à porta da enfermaria, de onde Jorge o observava.

– Nossa! Por essa eu não esperava! O remorso que Maria sente é tão grande que ela realmente não lhe culpa pela morte do marido – disse Jorge.

– Não lhe lembra alguém?

– Verdade! Eu fiz o mesmo que ela. Mas e o Edgar? Ele já foi resgatado?

- Infelizmente, não, mas eu rezo por ele todos os dias.
- Isso é uma pena.
- Sim, mas hoje foi um dia muito feliz para mim e me dá esperanças de que logo ele aceitará ajuda.
- Por que ela não pode ver os filhos agora? Isso não a ajudaria a melhorar-se?
- Não, pois os filhos dela realmente estão bem, mas já reencarnaram. Ver os filhos sob os cuidados de outras mães pode trazer desarmonia para ela. Já vimos situações semelhantes acontecerem algumas vezes.

Jorge se entusiasmou com a melhora de Maria e, depois de se despedir de Marcos, seguiu até Gertrudes.

- Bom dia, Gertrudes! Poderia falar com você por um minuto?
- Bom dia, Jorge! Sei o que quer e acho que vou autorizá-lo – disse ela, sorrindo.
- Como sabe o que quero? Anda lendo meus pensamentos?
- Não é preciso ler seus pensamentos, basta ler suas atitudes e expressões. Você quer visitar o senhor Molinário, não é?
- Sim, é isso mesmo.

Gertrudes pediu que Jorge a seguisse e o levou até um dos quartos de recuperação. Ela bateu à porta e, após ouvir uma resposta positiva, os dois adentraram o quarto. Em pensamento, Jorge ensaiava o que dizer, mas antes que pudesse abrir a boca, foi surpreendido por Molinário que, em pé, olhando pela janela, falou:

- Graças a Deus! Finalmente você veio.
- Nossa! Por essa recepção eu não esperava. Há muito tempo que eu queria conversar com você, mas tinha medo da sua reação.
- No início, eu realmente não queria vê-lo. Doía-me muito enfrentar a realidade de que eu tinha sido capaz de matar alguém. Mas depois que recebi a visita de Júlia e Cristina, decidi que já era hora de me desculpar com você.
- Elas estão muito bem, não é? Fico feliz que você esteja recuperado e que já tenha recebido a visita de sua filha e neta. Em a

relação às desculpas, não se preocupe, pois eu o perdoei antes mesmo de desencarnar. Não sei se você se lembra, mas não o culpei pela decisão que tomou, já que eu teria feito o mesmo, ou pior.

Para surpresa de Jorge, Molinário avançou em sua direção e o abraçou. Aliviado, ele retribuiu ao abraço, enquanto Gertrudes sorria comovida com a cena.



## TEMPO DE EDIFICAR

Passados mais alguns anos, Jorge e Amélia caminhavam pelo jardim do hospital, enquanto conversavam sobre os caminhos seguidos por seus familiares.

Vitória, que estava prestes a dar à luz o segundo filho, havia encontrado seu grande amor entre os alunos de sua escola; um bondoso rapaz, filho de um dos trabalhadores da fazenda. Com a ajuda das filhas de Agnaldo, ela mantinha sua dedicação ao ensino, enquanto Vilma, que não teve filhos, passou a administrar a propriedade ao lado de alguns de seus sobrinhos, filhos de Lúcia, Maura, Maria e Agnaldo. Este havia desencarnado há cerca de dois anos e, infelizmente, ainda não havia aceitado o auxílio, pois se prendia aos ciúmes que sentia da segunda esposa, que se casou novamente pouco depois de ter enviuvado.

Diferente de Agnaldo, os pais de Amélia aceitaram bem seu desencarne e já estavam trabalhando no hospital de um posto de socorro situado um pouco longe dali, no umbral.

Onofre desencarnou tranquilo, numa linda manhã de domingo, descansando em sua varanda. Chegando ao plano espiritual, foi acolhido por amigos, antigos alunos e fiéis de sua igreja, que tinham partido antes dele. Quando pôde, começou a trabalhar junto com Matilde em um grupo de resgate, semelhante àquele em que Marcos e Cristina trabalhavam.

Jorge e Amélia estavam conversando alegremente, quando Ana se aproximou e os interrompeu.

– Jorge, irmãos da colônia<sup>8</sup> mandaram uma mensagem para você. O seu processo de planejamento reencarnatório será iniciado.

– Já? Eu entrei com o pedido, mas achei que demoraria mais tempo. Afinal de contas, desencarnei bem depois da maioria de vocês. Só faz vinte e cinco anos que deixei o corpo físico.

– Sim, meu querido, mas o tempo é relativo. Eles não decidem quem reencarnará pelo tempo de desencarne, e sim pela vontade e necessidade de cada um. Reencarnar não é um prêmio nem uma punição, mas uma oportunidade de crescimento. Porém acalme-se, pois você iniciará seu processo de planejamento e, dependendo de como for, ainda demorará um pouco até o reencarne se efetivar.

Durante aquela mesma semana, Jorge iniciou seu processo de planejamento reencarnatório. Continuou a trabalhar no hospital, mas por um tempo muito menor, pois passava boa parte dos dias estudando e tendo reuniões com o grupo de planejamento. Os estudos e reuniões geralmente ocorriam na colônia, a qual era consideravelmente maior e tecnologicamente mais desenvolvida do que a cidade em que ele vivia.

Na colônia, havia grandes prédios pertencentes aos ministérios, entre eles o do Ministério do Planejamento, local em que geralmente ocorriam as reuniões sobre o seu planejamento reencarnatório. Já os estudos eram feitos em outros prédios, dependendo do assunto abordado.

Nessas reuniões, Jorge conheceu Patrício, seu instrutor durante o planejamento, e Waldir, o guia espiritual que havia sido escolhido como seu mentor para a nova reencarnação. A indicação de Waldir como mentor de Jorge fora feita por Ana, que estava comprometida como mentora de Joaquim, primogênito de Vitória.

Patrício, Waldir e alguns outros membros da equipe de planejamento aconselhavam Jorge sobre o que ele deveria priorizar em sua nova jornada e quais ferramentas seriam mais úteis para o

seu crescimento. Vários aspectos do reencarne dele já haviam sido planejados, como, por exemplo, a família que o receberia. Ao contrário da reencarnação anterior, ele nasceria em um lar pobre, na tentativa de trabalhar sua humildade.

Em uma das reuniões, toda a equipe se encontrava ao redor de uma mesa quando Jorge os surpreendeu, colocando um questionamento em pauta.

– Posso reencarnar como mulher?

Waldir, que estava sentado ao lado dele, sorriu e respondeu:

– Acredito que reencarnar como mulher não será um problema, pois espiritualmente nós não temos um sexo definido, apenas mantemos a imagem de nossa última reencarnação. Mas até onde eu sei, não só nesta última vida, mas em várias vidas anteriores, você se recusou a reencarnar como mulher.

– Eu imagino que sim, pois, no fundo, um dos meus grandes obstáculos a ser vencido sempre foi o machismo e o sentimento de superioridade – observou Jorge.

– Sim, por vidas seguidas você vem tentando trabalhar o respeito para com o próximo, mas nem sempre com total sucesso.

– É por isso que eu quero reencarnar como mulher. Preciso vencer os desejos lascivos que tomaram conta de mim na última reencarnação. Além disso, eu quero me redimir por tudo que fiz, por ter subjugado as pessoas à minha volta, principalmente as mulheres.

Patrício, que também ficara surpreso com o pedido de Jorge, respondeu sorridente:

– Sim, Jorge, você pode reencarnar como mulher. Mas só para compreender melhor suas motivações, como você acha que nascer no sexo feminino poderá auxiliá-lo?

– Acredito que assim darei mais valor à mulheres e isso, talvez, evite que eu caia novamente na tentação de dar vazão aos meus desejos carnis moralmente inadequados.

– Eu fico feliz que pense assim, pois há muito tempo você luta contra esses desejos. Em seu último planejamento reencarnatório,

você tinha medo de não ser compreendido e ter dificuldades de lidar sozinho com esses sentimentos. Por isso, concordamos que reencarnasse na mesma família de Tiago, um grande amigo seu que possuía tendências semelhantes. Assim, você e Tiago, que na última reencarnação foi batizado como José Henrique, buscavam juntos a mudança.

Jorge pensou por uns segundos e questionou:

– Se eu e meu pai tínhamos o objetivo de nos auxiliar para vencer tais tendências, significa que falhamos?

– Não, vocês não falharam. Lembre-se de que o crescimento é um processo gradual e, muitas vezes, lento. Você não se livrou dos sentimentos, mas lidou com eles de forma mais produtiva. Em sua última vida na matéria, foi a primeira vez que se arrependeu e tentou mudar, estando ainda encarnado. Geralmente você só se convencia de que estava equivocado após desencarnar. Esse foi um grande passo evolutivo.

Patrício deu uma pequena pausa e, olhando diretamente para Jorge, continuou:

– Mas não se iluda, pois reencarnar como mulher não é garantia de que não cometerá os mesmos erros. Não são apenas os homens que apresentam tais tendências.

– Eu sei, mas quero tentar e sei que Waldir vai me ajudar nessa jornada.

Waldir segurou firmemente a mão de Jorge, selando ali um acordo de confiança mútua, fé e esperança.

---

§ Nota do autor: O termo colônia, amplamente divulgado após as obras de André Luiz, é um termo utilizado para designar uma cidade espiritual de maior evolução moral, a qual geralmente está conectada a um grande território material (estados ou países). Nesses locais, os desencarnados trabalham e estudam com o objetivo de ampliarem seus conhecimentos morais e auxiliar aqueles que necessitam.



## TEMPO DE NASCER DE NOVO

Passados alguns anos desde o início de seu planejamento, na noite estrelada de um vilarejo nos arredores da capital mineira, Jorge retornou ao plano material, agora encarnado como Lara, uma linda menina de cabelos pretos e olhos castanhos. Lara era filha única de um casal de humildes agricultores, Almira e Antero, que moravam em um casebre de poucos recursos.

Almira e Antero, avós paternos de Jorge em sua última reencarnação, esperavam ansiosamente pela oportunidade de completarem a família e, em desdobramento, já haviam concordado em receber Júlia como filha em um futuro próximo.

No plano espiritual, os antigos amores de Jorge acompanhavam seu nascimento como Lara, rezando para que tudo desse certo. Lara tinha toda uma vida pela frente, cheia de desafios e obstáculos, mas, principalmente, cheia de oportunidades para crescer e se melhorar.

*“O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo.”*

*(João 3:6,7)*



Esta edição eletrônica foi  
diagramada na Editora Letra Espírita  
(22) 2738-0184, Campos dos Goytacazes-RJ. O  
texto foi composto em Book Antiqua e os títulos  
em Cinzel Regular.

Agosto 2021